

GEORGES

SIMENON

  
COMPANHIA DAS LETRAS

Pietr, o letão

COMISSÁRIO MAIGRET

*“O maior de todos, o romancista mais genuíno que já existiu.”*

**ANDRÉ GIDE**

*“Adoro ler Simenon. Ele me faz pensar em Tchékhov.”*

**WILLIAM FAULKNER**

*“Soberbo... O mais viciante dos escritores...  
Um contador de histórias singular.”*

**THE OBSERVER**

*“Intenso, implacável, brilhante.”*

**JOHN GRAY**

*“Um dos maiores escritores do século XX...  
Simenon era inigualável na capacidade de nos fazer olhar para dentro,  
embora sua habilidade fosse disfarçada pela maestria em nos manter  
obsessivamente absorvidos por suas histórias.”*

**THE GUARDIAN**

*“Um escritor supremo... Vivacidade inesquecível.”*

**THE INDEPENDENT**

*“Um escritor que, mais do que qualquer autor policial,  
combinava grande reputação literária com apelo popular.”*

**P. D. JAMES**

*“Um escritor maravilhoso... admiravelmente fluente – lúcido,  
simples, absolutamente afinado com o mundo que criava.”*

**MURIEL SPARK**

*“Seus romances são extraordinárias obras-primas do século XX.”*

**JOHN BANVILLE**

**Georges Joseph Christian Simenon** nasceu em 12 de fevereiro de 1903 em Liège, na Bélgica. Começou a trabalhar para um jornal local aos dezesseis anos. Aos dezenove, embarcou para Paris a fim de dar início à carreira de romancista. Começou a publicar histórias, sob vários pseudônimos, em 1923. Escreveu 75 romances e 28 contos protagonizados pelo comissário Maigret.

O total de sua produção ultrapassa os quatrocentos livros, entre os quais estão os famosos “romances duros”, reputados entre os de maior densidade psicológica da literatura europeia. O realismo sombrio de seus textos fez dele um dos autores mais adaptados para o cinema e a TV.

Faleceu em 1989, em Lausanne, na Suíça, onde passou a maior parte da vida.

GEORGES SIMENON

Pietr, o letão

Tradução  
*André Telles*



COMPANHIA DAS LETRAS

1. Idade presumida 32, altura 1,69...
2. O amigo dos bilionários
3. A mecha de cabelo
4. O imediato do *Seeteufel*
5. O russo alcoólatra
6. A pensão Roi de Sicile
7. Terceiro entreato
8. Maigret não se dobra
9. O matador de aluguel
10. O retorno de Oswald Oppenheim
11. Dia de reviravoltas
12. A judia do revólver
13. Os dois Pietr
14. A irmandade Ugala
15. Dois telegramas
16. O homem sobre o rochedo
17. A garrafa de rum
18. O lar de Hans
19. O ferido

*Interpol à Sûreté de Paris:*

*Xvzust Cracovia vimontra m ghks triv psot uv Pietr le Letton Brême vs tyz btolem.*

O comissário Maigret, da primeira Brigada Móvel, ergueu a cabeça com a impressão de que o ronco da estufa de ferro, instalada no centro de seu gabinete e conectada ao teto por meio de um cano grosso e preto, arrefecia. Empurrou o telegrama, levantou-se pesadamente, calibrou a chave e jogou três pás de carvão no fogo.

A seguir, em pé e de costas para o calor, encheu um cachimbo e arrancou o colarinho postiço, que, apesar de muito baixo, o incomodava.

Consultou o relógio, quatro horas. Seu paletó estava pendurado num cabide pregado atrás da porta.

Avançou lentamente em direção à mesa, releu o telegrama e, à meia-voz, traduziu:

*Interpol à Sûreté Générale de Paris:*

*Polícia Cracóvia assinala passagem e partida para Bremen de Pietr, o letão.*

A Interpol é sediada em Viena, coordenando, de um modo geral, a luta contra o banditismo europeu e, mais especificamente, fazendo a ponte entre as diversas polícias nacionais.

Maigret puxou para si um segundo telegrama, igualmente redigido em *polcod*, linguagem internacional secreta utilizada nos despachos entre todos os centros de inteligência do mundo.

Traduziu intuitivamente:

*Polizei-proesidium de Bremen à Sûreté de Paris:*

*Pietr o letão assinalado destino Amsterdam e Bruxelas.*

Um terceiro telegrama, procedente da Nederlandsche Centrale in Zake Internationale Misdadigers, QG da polícia holandesa, anunciava:

*Pietr letão a bordo cabine G.263 vagão 5, às 11 horas da manhã, no Estrela do Norte, destino Paris.*

O último despacho em *polcod* vinha de Bruxelas e dizia:

*Verificada passagem Pietr letão 2 horas Estrela do Norte Bruxelas cabine designada para Amsterdam.*

Na parede, atrás da mesa, estendia-se um imenso mapa, diante do qual Maigret, largo e pesado, se posicionou com as mãos nos bolsos e o cachimbo no canto da boca.

Seu olhar foi do ponto que representava Cracóvia ao ponto que designava o porto de Bremen e, deste, até Amsterdam e Bruxelas.

Voltou a consultar o relógio. Quatro e vinte. O Estrela do Norte avançava a cento e dez por hora entre Saint-Quentin e Compiègne.

Não parou na fronteira. Velocidade constante.

No vagão 5, cabine G.263, Pietr, o letão, decerto se entretinha lendo ou observando a paisagem que desfilava.

Maigret dirigiu-se a uma porta de armário que abria para um cubículo, lavou as mãos numa pia de louça, passou o pente no cabelo volumoso, de um castanho-escuro no qual mal se distinguiam alguns fios brancos ao redor das têmporas, e, sempre atrapalhado na hora de dar o nó, ajeitou como pôde a gravata. Era novembro. Anoitecia. Pela janela, avistou um braço do Sena, a Place Saint-Michel, um barcolavanderia, tudo contido em uma sombra azul intermitentemente constelada pelos bicos de gás.

Abriu uma gaveta, passou os olhos num despacho do Escritório Internacional de Identificação de Copenhague.

*Sûreté Paris.*

*Pietr o letão 32 169 01512 0224 0255 02732 03116 03233 03243 03325 03415 03522 04115 04144 04147 05221... etc.*

Dessa vez, deu-se ao trabalho de traduzir em voz alta e, até mesmo, como um aluno recitando a lição, repetir:

– Características de Pietr, o letão: idade presumida 32 anos, altura 1,69, seio paranasal retilíneo, base horizontal, saliência extremo limite, particularidade septo não visível, orelha contorno original, grande lóbulo, enviesado limite e dimensão limite mínimo, antitrigo saliente, limite dobra inferior convexa, limite forma retilínea, limite particularidade sulcos separados, ortognata superior, face longa bicôncava, sobrancelha fina e de pelos louros claros, lábio inferior proeminente, espessura grande inferior pendente, pescoço esguio, auréola amarela média, periferia intermediária esverdeada média, cabelos louros claros.

Era esta a descrição de Pietr, o letão, tão eloquente, para o comissário, como uma fotografia. Seu aspecto geral saltava aos olhos: um homem baixo, magro, jovem, cabelos ralos, sobrancelhas louras e finas, olhos esverdeados, pescoço comprido.

Além do mais, Maigret conhecia em detalhe a orelha, o que, no meio da multidão, e mesmo com Pietr, o letão, maquiado, lhe permitia detectá-lo com segurança.

Tirou do cabide o paletó, vestiu-o, acrescentou uma pesada capa preta e enfiou um chapéu-coco na cabeça.

Um último olhar para a estufa, que parecia prestes a explodir.

Ao fim de um longo corredor, no hall que servia de antessala, uma recomendação a Jean:

– Não se esqueça do meu fogo, hein!

Na escada, surpreendido pela corrente de ar, foi obrigado a procurar um refúgio para acender o cachimbo.

Apesar da claraboia monumental, as plataformas da Gare du Nord eram varridas por fortes ventanias. Mais de uma vidraça desabara do teto e se estilhaçara na via férrea. A eletricidade deixava a desejar. As pessoas pareciam espremidas dentro das roupas.

Diante de um guichê, passageiros liam um aviso preocupante: TEMPESTADE NA MANCHA.

Com o semblante transtornado e os olhos vermelhos, uma mulher, cujo filho embarcava para Folkestone, fez-lhe recomendações até o último minuto. Constrangido, ele prometeu não botar os pés no convés do barco.

Maigret se mantinha de pé, próximo à plataforma 11, onde a multidão aguardava o Estrela do Norte. Todos os grandes hotéis, além da Agência Cook, estavam representados.

Ele não se mexia. Havia quem mostrasse irritação. Uma moça embrulhada num visom, as pernas, em contrapartida, em invisíveis meias de seda, andava de um lado para outro, maltratando o chão com seus saltos.

Ele não saía do lugar, enorme, com seus ombros impressionantes desenhando uma sombra larga. Esbarravam nele e ele não tremia mais que uma parede.

A luz amarela do trem apontou ao longe. Vieram então o estrépito, os gritos dos carregadores, o tropel dos passageiros rumo à saída.

Passaram cerca de duzentos, até o olhar de Maigret pinçar no formigueiro um homem baixo trajando sobretudo xadrez verde, cujo corte, assim como a cor, denotava um estilo claramente nórdico.

O homem não tinha pressa. Era seguido por três carregadores. O agente de um hotel de luxo dos Champs-Élysées abria-lhe passagem obsequiosamente.

*Idade presumida 32, altura 1,69... seio paranasal...*

Maigret não se afobou. Concentrou-se na orelha. Foi suficiente.

O homem de verde passou bem perto dele. Um dos carregadores o atingiu com uma de suas malas.

No mesmo instante, um funcionário do trem se pôs a correr, dirigindo algumas palavras apressadas ao colega posicionado no fim da plataforma, próximo à corrente que permitia fechar a passagem.

Essa corrente foi esticada. Ergueram-se protestos.

O homem de sobretudo já estava na saída.

O comissário fumava, dando curtas e precipitadas baforadas. Aproximou-se do funcionário que esticara a corrente.

– Policial! Do que se trata?

– De um crime... Acabam de descobrir...

– Vagão 5?

– Acho que sim...

A estação seguia sua rotina, à exceção da plataforma 11, onde algo de anormal

parecia em curso. Cinquenta passageiros continuavam sem desembarcar. E sua passagem estava bloqueada. Eles se impacientavam.

– Deixe-me passar – disse Maigret.

– Mas...

– Deixe-me passar!

Observou a última leva se escoar. O alto-falante anunciava a partida de um trem de subúrbio. Alguém correu para um lugar qualquer. Diante de um dos vagões do Estrela do Norte, um pequeno grupo aguardava alguma coisa. Três homens, em uniforme da companhia.

Bancando o importante, mas preocupado, o chefe da estação foi o primeiro a chegar. Logo em seguida, uma padiola deslizou pelo saguão e atravessou os grupos de passageiros, acompanhada por olhares contrariados, em especial dos que aguardavam para embarcar.

Maigret ia percorrendo o trem, com seu passo pesado, sem parar de fumar. Vagão 1. Vagão 2... Chegou ao vagão 5.

Um grupo havia se formado diante da portinhola. A padiola chegou. O chefe da estação escutava os três homens, que falavam ao mesmo tempo.

– Policial! Onde está o homem?

Olhavam para ele com visível alívio. Bastou-lhe mover sua massa plácida no centro do grupo agitado para, num piscar de olhos, os outros se transformarem em simples satélites.

– No lavabo...

Maigret ficou na ponta dos pés e, à sua direita, viu a porta dos lavabos aberta. No chão, um corpo encolhido, dobrado ao meio, numa estranha contorção.

– Levem o vagão para o trilho lateral... Esperem! O 62... E avisem o comissário especial...

A princípio, viu somente a nuca do homem. Contudo, ao empurrar seu boné atravessado, descobriu a orelha esquerda.

– *Grande lóbulos enviesado no limite e dimensão do antítrogo no limite...*

Havia gotas de sangue no piso impermeável. Olhou à sua volta. Os funcionários se mantinham na plataforma e no estribo. O chefe de estação continuava a falar.

Maigret então virou a cabeça do homem e triturou o cachimbo nos dentes.

Se não tivesse visto o passageiro de sobretudo verde sair, se não o tivesse visto caminhar em direção ao automóvel na companhia de um relações-públicas do Majestic, poderia até duvidar.

Mesmas características. Mesmo bigode louro, aparado à escovinha, sob um nariz afilado. Mesmas sobranceiras claras e finas. Mesmas retinas cinza-esverdeadas.

Em outras palavras, Pietr, o letão!

Maigret não conseguia se mexer naquele lavabo exíguo, onde a torneira, que haviam esquecido de fechar, continuava a correr e um jato de vapor escapava de uma conexão mal vedada.

Suas pernas comprimiam o cadáver. Ergueu o tronco deste último e, no peito, sobre a camisa e o paletó, percebeu vestígios de queimadura provocados por um tiro disparado à queima-roupa.

Formavam uma grande mancha enegrecida, em que se mesclava o púrpura

violáceo do sangue.

Um detalhe chamou a atenção do comissário. Ao voltar-se para um dos pés, observou que estava atravessado, retorcido, assim como todo o corpo, que parecia ter sido compactado para que a porta fechasse.

Ora, o sapato era um sapato preto dos mais comuns e baratos. A sola parecia recauchutada. O salto estava comido de um lado e, no meio da palmilha, via-se um furo redondo, lentamente escavado pelo desgaste.

O comissário especial da estação, coberto de medalhas e seguro de si, chegou e, da plataforma, indagou:

– O que é dessa vez? Um crime? Um suicídio? Não toquem em nada enquanto o Ministério Público não chegar, hein! Atenção! Sou o responsável!

Maigret teve toda a dificuldade do mundo para sair daquele lavabo, onde se via emparedado entre as pernas do morto. Com uma manobra rápida e profissional, apalpou os bolsos e certificou-se de que estavam vazios, absolutamente vazios.

Desceu do vagão, com o cachimbo apagado, o chapéu descaído e uma mancha de sangue no punho da camisa.

– Ora vejam! É o Maigret... O que acha disso?

– Nada! Vá até lá...

– Suicídio, certo?

– Se preferir... Telefonou para o Ministério Público?

– Assim que fui avisado...

Uma voz tonitruava no alto-falante. Alguns, notando algo de anormal, observavam de longe o trem vazio e o grupo estacionado junto ao estribo do vagão 5.

Deixando todo mundo ali plantado, Maigret saiu da estação e chamou um táxi.

– Para o Majestic!

A ventania redobrava de intensidade. As ruas eram varridas por turbilhões que metamorfoseavam os pedestres em silhuetas bêbadas. Uma telha caiu, em algum lugar, na calçada. Os ônibus infernizavam.

Os Champs-Élysées haviam se transformado num descampado deserto. Começou a pingar. O porteiro do Majestic precipitou-se para o táxi com um imenso guarda-chuva vermelho.

– Polícia! Um hóspede acaba de chegar pelo Estrela do Norte?

O porteiro fechou o guarda-chuva na mesma hora.

– De fato, chegou um desse trem!

– Sobretudo verde... Bigode louro...

– Exatamente, verifique na recepção...

Algumas pessoas corriam para fugir do aguaceiro. Maigret entrou no hotel bem a tempo de evitar pingos do tamanho de nozes e frios feito gelo. Atrás do balcão de mogno, funcionários e relações-públicas nem por isso se mostravam menos elegantes ou corretos.

– Polícia... um hóspede de sobretudo verde... Bigodinho louro...

– No 17... Estamos subindo suas malas...

A presença de Maigret no Majestic tinha fatalmente algo de hostil, formando uma espécie de bloco que o ambiente se negava a absorver.

Não que se assemelhasse aos policiais que a caricatura popularizou. Não usava bigode nem sapatos com solas reforçadas. Suas roupas eram de lã fina, de corte apurado. E, sim, fazia a barba todas as manhãs e cuidava das mãos.

A compleição, porém, era banal. Era grandalhão e ossudo. Músculos rijos se desenhavam sob o paletó e deformavam rapidamente suas calças mais novas.

Tinha, acima de tudo, um estilo muito pessoal de agir, que não deixava de desagradar a vários colegas seus.

Era mais que segurança, mas não chegava a ser orgulho. Movimentava-se como um monobloco e logo parecia que tudo rebentaria contra ele, fosse quando avançava, fosse quando estacionava com as pernas entreabertas.

O cachimbo continuava cravado no maxilar. Não era porque estava no Majestic que iria se privar.

E se no fundo isso não passasse de uma afetação de autoconfiança vulgar?

Envolto em sua ampla capa preta com gola de veludo, impossível não notá-lo imediatamente no saguão iluminado, onde os elegantes se agitavam em meio a rastros de perfume, risadas agudas, sussurros, cumprimentos pedantes de uma gente toda engalanada.

Tudo lhe era indiferente. Permanecia fora do movimento. Os sons do jazz, que chegavam do dancing no subsolo, batiam nele como se em uma chapa refratária.

Quando subia os primeiros degraus de uma escada, o ascensorista o chamou, convidando-o a entrar no elevador. Mas ele nem sequer se virou.

No primeiro andar, foi interpelado:

– Está procurando...?

Os sons pareciam não alcançá-lo. Observava os corredores, revestidos ao infinito, a ponto de dar náusea, por tapetes vermelhos. Continuou a subir.

No segundo andar, com as mãos no bolso, decifrou os números das plaquinhas de bronze. A porta do 17 estava aberta. Carregadores de colete listrado traziam as malas.

O hóspede, que tirara o casaco e parecia muito elegante e magro num terno mesclado, fumava um cigarro com ponteira cartonada, enquanto passava instruções.

O 17 não era um quarto, e sim um apartamento completo: sala, escritório, quarto e banheiro. As portas se abriam na junção de dois corredores, onde, como um banco

numa passagem, haviam instalado um sofá amplo e semicircular.

Maigret sentou-se ali, bem em frente à porta aberta, esticou as pernas e desabotoou a capa.

Pietr, o letão, notou-o e continuou a distribuir ordens, sem manifestar surpresa nem contrariedade. Quando os criados terminaram de instalar suas valises e baús em suportes, ele próprio foi fechar a porta, não sem mantê-la por um instante entreaberta a fim de espiar o comissário.

Maigret teve tempo de fumar três cachimbos e dispensar o serviço de dois mensageiros e uma camareira que vieram lhe perguntar se desejava alguma coisa.

Às oito em ponto, Pietr, o letão, saiu do quarto, ainda mais magro e impecável do que antes, num smoking de corte austero que insinuava o grande alfaiate inglês.

Não usava chapéu. Seu cabelo, muito louro e curto, começava a escassear. Partindo do centro da cabeça, revelava uma testa um tanto fugidia, abrindo-se numa clareira de pele rosada no cocuruto.

As mãos eram esguias e pálidas. No anular esquerdo, usava um anel pesado de platina, adornado com um diamante amarelo.

Ainda fumava, um cigarro russo com ponteira cartonada. Passou rente a Maigret, fez uma pausa, observou-o, como se a ideia de lhe dirigir a palavra o seduzisse, e, preocupado, avançou em direção ao elevador.

Dez minutos mais tarde, ocupava um lugar no refeitório, à mesa do sr. e sra. Mortimer-Levingston, que era o centro das atenções.

A sra. Levingston carregava um milhão em pérolas no pescoço.

Na véspera, seu marido tirara do buraco uma das maiores indústrias automobilísticas francesas, da qual, naturalmente, reservara para si a parte majoritária das ações.

A conversa dos três era animada. Pietr, o letão, falava muito, com voz discreta, um pouco curvado. Mostrava-se completamente à vontade, espontâneo e desenvolto, a despeito do vulto escuro de Maigret, que ele podia avistar no saguão, através das vidraças.

Na recepção, o comissário requisitou a lista dos hóspedes. Sem pressa, leu no lugar onde o letão assinara: Oswald Oppenheim, procedente de Bremen, armador.

Não restava dúvida de que possuía passaportes válidos, certidões civis completas nesse nome, assim como possuía com outros.

Tampouco de que já estivera com os Mortimer-Levingston em outros lugares, Berlim, Varsóvia, Londres ou Nova York.

Afinal, não estava em Paris apenas para encontrá-los e fazer uma das colossais chantagens em que se especializara?

Sua ficha, que Maigret tinha no bolso, apontava:

“Indivíduo de grande astúcia e perigoso, nacionalidade indeterminada, origem nórdica. Presumidamente letão ou estoniano: fala russo, francês, inglês e alemão com fluência.

“Muito culto, passa por ser chefe de uma poderosa quadrilha internacional que privilegia a prática da chantagem.

“Essa quadrilha foi assinalada sucessivamente em Paris, Amsterdam (caso Van Heuveul), Berna (caso dos Armadores Reunidos), Varsóvia (caso Lipmann) e diversas

outras cidades europeias, onde suas atividades foram rastreadas com menos nitidez.

“Os principais cúmplices de Pietr, o letão, parecem pertencer ao tipo anglo-saxão. Um dos elementos vistos em sua companhia, reconhecido por ter apresentado o cheque falsificado no Banco Federal de Berna, foi abatido por ocasião de sua detenção. Fazia-se passar pelo major Howard, da Legião Americana, mas foi possível identificá-lo como um ex-contrabandista de bebidas de Nova York, conhecido nos Estados Unidos pela alcunha Fred Gordo.

“Pietr, o letão, foi detido em duas ocasiões. A primeira, em Wiesbaden, por extorquir meio milhão de marcos de um negociante de Munique; a segunda, em Madri, por um caso similar, cuja vítima era uma ilustre personalidade da corte da Espanha.

“Nas duas ocasiões, sua tática foi idêntica. Teve um encontro com a vítima, a quem provavelmente afirmou que o capital desviado estava em local seguro e não seria sua prisão que o faria aparecer.

“Nas duas vezes, a queixa foi retirada e os demandantes, ao que parece, indenizados.

“Depois disso, nunca mais foi pego em flagrante delito.

“Prováveis ligações com a quadrilha Maronnetti (dinheiro falso e documentos oficiais fraudados) e a quadrilha de Colônia (ou dos ‘furadores de paredes’).”

Restava o boato que corria as polícias europeias: Pietr, o letão, chefe e contador de uma ou várias quadrilhas, estaria à frente de alguns milhões, disseminados sob diferentes nomes em contas bancárias ou mesmo investidos em empreendimentos industriais.

Ele sorria maliciosamente, ouvindo a história que a sra. Mortimer-Levingston lhe contava, e sua mão branca debulhava uvas magníficas.

– Com licença, cavalheiro. Faria a gentileza de me conceder um instante, por favor?

Era a Mortimer-Levingston que Maigret se dirigia, no saguão do Majestic, assim que Pietr, o letão, e a americana retornaram a seus respectivos aposentos.

Mortimer nada tinha da aparência atlética dos ianques, fazendo mais o tipo latino.

Era comprido e magro. Cabelos pretos repartidos ao meio na cabeça minúscula.

Parecia estar sempre cansado. As pálpebras, mortícias, azuladas. Não era para menos, levava uma vida estafante, desdobrando-se para dar o ar da graça em Deauville, Miami, Lido, Paris, Cannes e Berlim, embarcar em seu iate nos locais mais díspares, fechar um negócio numa capital europeia e arbitrar grandes lutas de boxe em Nova York ou na Califórnia.

Considerou Maigret com ares de grão-senhor. Sem mover os lábios, ele concedeu:

– O senhor é...?

– Comissário Maigret, primeira Brigada Móvel...

Impávido, Mortimer permaneceu inclinado por um momento, dando a entender que concederia um segundo.

– Sabe que acaba de jantar com Pietr, o letão?

– É tudo o que tem a me dizer?

Maigret não piscou. Eram exatamente as palavras que esperava.

Reinstalou o cachimbo entre os dentes – pois dignara-se a retirá-lo para dirigir a palavra ao bilionário – e grunhiu:

– É tudo!

Parecia satisfeito consigo mesmo. Levingston avançou, glacial, e entrou no elevador.

Passava um pouco das nove e meia. A orquestra sinfônica, que acompanhara o jantar, cedia lugar ao jazz. Pessoas chegavam do lado de fora.

Maigret não jantara. Continuou em pé no meio do saguão, sem demonstrar impaciência. À distância, o gerente não parava de lançar olhares inquietos e antipáticos em sua direção. Os funcionários mais subalternos, ao passar por ele, fechavam a cara, alguns esbarrando de propósito.

O Majestic não o engolia. Ele teimava em formar uma grande nódoa escura e imóvel em meio aos dourados, às luzes, aos vaivéns de vestidos longos, casacos de pele e silhuetas perfumadas e fegosas.

A sra. Mortimer foi a primeira a sair do elevador. Trocara a indumentária. Uma estola de lamê com forro de arminho lhe caía dos ombros nus.

Pareceu admirada de não encontrar determinada pessoa e começou a andar de um lado para outro, percutindo o chão ritmicamente com seu salto alto dourado.

Subitamente, estacou diante do balcão de mogno, atrás do qual se perfilavam recepcionistas e atendentes, e dirigiu-lhes algumas palavras. Um recepcionista apertou um botão vermelho e tirou o fone do gancho.

Intrigado, chamou um mensageiro, que correu para o elevador.

A sra. Levingston estava visivelmente preocupada. Através da porta de vidro, no meio-fio da rua, era possível distinguir as linhas sinuosas de uma limusine de marca americana.

O mensageiro retornou e confabulou com o recepcionista. Este, por sua vez, dirigiu a palavra à sra. Mortimer, que protestou. Parecia dizer:

– Isso é impossível!

Maigret então subiu a escada, parou diante do 17 e bateu à porta. Como se esperasse por isso, depois do circo a que acabava de assistir, não obteve resposta.

Abriu e viu a sala vazia. No quarto, jogado displicentemente sobre a cama, o smoking de Pietr, o letão. Um baú estava aberto. Os sapatos de verniz, largados no tapete, distantes um do outro.

O gerente chegou, balbuciando:

– O senhor já aqui?

– Então...? Desaparecido, hein! Levingston também... É isso?

– Vamos, não faça drama. Nenhum dos dois está no quarto, mas sem dúvida iremos encontrá-los em alguma dependência do hotel.

– Quantas saídas?

– Três... A dos Champs-Élysées... a das Arcades e, enfim, a de serviço, na Rue de Ponthieu...

– Há um segurança lá? Chame-o...

O gerente, furioso, pegou o telefone. Descarregou num recepcionista, que não o compreendia. Os olhos cravados em Maigret não eram amistosos.

– O que significa isso? – vociferou, enquanto aguardava a chegada do segurança da porta de serviço, que dava expediente numa cabine envidraçada.

– Nada, ou quase nada, como o senhor diz...

– Espero que não se trate de um... de um...

A palavra crime, pesadelo de todos os hotéis do mundo, desde os humildes donos de pensão aos de hotéis de luxo, era demasiado sonora para suas cordas vocais.

– Saberemos.

A sra. Mortimer-Levingston apareceu, indagando:

– E então?

O gerente inclinou-se e gaguejou alguma coisa. No fim do corredor, surgiu a figura de um velhinho com a barba suja, roupas mal-ajambradas, destoando completamente do ambiente do hotel.

Estava na cara que fora feito para permanecer nos bastidores, caso contrário também estaria trajando um belo uniforme e seria obrigado a barbear-se todas as manhãs.

– Viu alguém sair?

– Quando?

– Poucos minutos atrás...

– Alguém da cozinha, acho... Não prestei atenção... Um homem de boné...

– Baixo, louro? – interveio Maigret.

– Sim... Acho que sim... Não vi direito... Ele estava com pressa...

– Mais ninguém?

– Não sei... Fui até a esquina comprar o *Intran*...

A sra. Mortimer-Levingston dava sinais de perder o sangue-frio.

– E então? É assim que os senhores procuram? – pronunciou-se, dirigindo-se a Maigret. – Acabam de me informar que o senhor é da polícia... Meu marido talvez tenha sido morto... O que está esperando?

O olhar que se abateu sobre ela era puro Maigret! Que calma! Que indiferença! Como se não escutasse nada além do zumbido de uma mosca! Como se tivesse à sua frente um simples e banal objeto.

Ela não estava habituada a ser olhada daquele jeito. Mordeu o lábio e, com o rubor lhe invadindo a alvura da pele, bateu os pés com impaciência.

Ele continuava a fitá-la.

Exasperada, ou talvez sem saber mais o que fazer, ela então forçou uma crise nervosa.

Era perto da meia-noite quando Maigret chegou ao Quai des Orfèvres. Desabava um temporal. As árvores do cais eram violentamente sacudidas e pequenas marolas fustigavam o casco do barco-lavanderia.

As dependências da Polícia Judiciária estavam praticamente desertas. Nem por isso Jean deixava de estar a postos, no hall, pilotando os corredores ladeados por carreiras de salas vazias.

Da guarita chegavam estilhaços de vozes. De quando em quando, sob uma porta, uma réstia de luz: um comissário ou inspetor trabalhando em algum inquérito. No pátio, um carro da Chefatura gargarejava.

– Torrence voltou? – informou-se Maigret.

– Acabou de chegar.

– Meu fogo?

– Fazia tanto calor que fui obrigado a deixar a janela entreaberta. As paredes suavam.

– Peça cervejas e sanduíches. Caprichados, hein?

Empurrou uma porta, chamou:

– Torrence!

O major Torrence seguiu-o até seu gabinete. Antes de deixar a Gare du Nord, Maigret lhe telefonara a fim de que ele desse seguimento à investigação.

O comissário tinha quarenta e cinco anos. Torrence, não mais que trinta. Havia nele, contudo, uma espécie de solidez que o aproximava de uma réplica ligeiramente miniaturizada de Maigret.

Haviam participado juntos de inúmeras missões, sem pronunciar uma única palavra em vão.

O comissário tirou capa e paletó e afrouxou a gravata. De costas para o fogo, deixou que o calor o impregnasse, antes de indagar:

– E então?

– O Ministério Público fez uma reunião de emergência. A Perícia Técnica tirou algumas fotografias, mas não encontrou impressões digitais. Exceto as da vítima, naturalmente! Não correspondiam a nenhuma ficha datiloscópica.

– Se não me falha a memória, o serviço não possui a ficha do letão...

– Nada a não ser a descrição dos traços. Nem impressões digitais, nem medições.

– Logo, nada prova não ser Pietr que está morto.

– Mas nada prova ser ele!

Maigret pegara seu cachimbo e a bolsinha de fumo, na qual restava apenas um resíduo de pó marrom. Quase por reflexo, Torrence estendeu-lhe um pacote do “cinzento” já na metade.

Houve um silêncio. O fumo crepitou. Dali a pouco, ouviram barulho de passos e de vidros entrechocando-se atrás da porta, que Torrence abriu.

O garçom da Brasserie Dauphine entrou e acomodou sobre a mesa uma bandeja com seis canecas de cerveja e quatro sanduíches reforçados.

– Será o suficiente? – certificou-se, constatando que Maigret não estava sozinho.

– Dá para o gasto.

Sem parar de fumar, o comissário pôs-se a comer e beber, não sem antes haver empurrado uma caneca para o major.

– Então?

– Interoguei os funcionários do trem. Está provado que um homem viajou sem passagem. O morto ou o assassino! Nossa hipótese é que embarcou em Bruxelas, na contravia. É mais fácil se esconder num vagão Pullman do que em qualquer outro, em função do grande espaço reservado às bagagens. O letão tomou chá entre Bruxelas e a fronteira, folheando um maço de jornais ingleses e franceses, entre os quais diversas gazetas financeiras. Entre Maubeuge e Saint-Quentin, foi ao lavabo. O maître lembra-se disso porque, ao passar perto dele, ele disse: “O senhor vai me servir um uísque”.

– E ele voltou ao assento logo em seguida?

– Quinze minutos depois, estava instalado diante de seu uísque. Mas o maître não viu quando ele voltou.

– Ninguém tentou ir ao lavabo depois?

– Quer dizer... Uma passageira sacudiu a porta. O trinco não abriu. Só em Paris é que um funcionário conseguiu arrombá-la, descobrindo então que o mecanismo fora travado com pó de ferro.

– Ninguém tinha visto o segundo Pietr até esse momento?

– Ninguém! Aliás, ele teria chamado a atenção, pois usava roupas puídas de um tipo que não se vê em trens de luxo.

– O tiro?

– Disparado à queima-roupa. Revólver automático seis milímetros. O disparo provocou uma queimadura tão grave que o médico declarou ter sido suficiente para matá-lo.

– Vestígios de luta?

– Nenhum! Bolsos vazios.

– Eu sei...

– Espere! Encontrei isto numa algibeira interna do colete, fechada por um botão.

E Torrence pegou em sua carteira um pequeno envelope de papel-manteiga, dentro do qual se discernia uma mecha de cabelos castanhos.

– Passe para cá...

Maigret seguia comendo e bebendo.

– Cabelo de mulher, de criança?

– De mulher, afirma o médico-legista. Deixei alguns fios com ele, que me prometeu uma análise mais aprofundada.

– A autópsia?

– Estava tudo terminado às dez horas. Idade provável: trinta e dois anos. Altura:

um metro e sessenta e oito.

“Nenhuma degenerescência hereditária. Por outro lado, um rim estropeado sugere que o homem era alcoólatra. O estômago ainda continha chá e alimentos mais ou menos digeridos, que foi impossível analisar na hora. Trabalharemos nisso amanhã. Encerradas as buscas, o corpo, alojado no Instituto Médico-Legal, será conservado no gelo.”

Maigret enxugou os lábios e foi ocupar seu lugar favorito, de frente para a estufa, não sem estender uma das mãos, em que Torrence depositou, no automático, o pacote de fumo.

– Já eu – disse então o comissário – vi Pietr, ou o sujeito que tomou seu lugar, instalar-se no Majestic e jantar em companhia dos Mortimer-Levingston, com quem parecia ter um encontro marcado.

– Os bilionários?

– Os próprios! Depois do jantar, Pietr retornou ao seu apartamento. Adverti o americano. Mortimer, por sua vez, subiu. Provavelmente haviam planejado sair os três juntos, já que a sra. Mortimer desceu logo em seguida, toda engalanada para a noite. Dez minutos mais tarde, constatava-se o desaparecimento dos dois homens.

“O letão trocou o smoking por um traje menos chamativo. Pôs um boné na cabeça e o porteiro deve tê-lo tomado por um criado da cozinha.

“Já Levingston, saiu como estava, vestido a rigor.”

Torrence mantinha-se calado. E, durante o longo silêncio que se seguiu, os furores do dilúvio, que estremecia as vidraças, e o ronco da estufa ganharam nitidez.

– Bagagem? – perguntou finalmente Torrence.

– Pois é. Nada! Roupas. Roupa branca... Todos os apetrechos de um passageiro sofisticado. Mas papel, nenhum. A sra. Mortimer jura que o marido foi assassinado.

Um sino repicou ao longe. Maigret abriu a gaveta da escrivaninha, na qual, à tarde, havia guardado os telegramas referentes a Pietr, o letão.

Em seguida, pôs-se a examinar o mapa, traçando com o dedo uma linha Cracóvia-Bremen-Amsterdã-Bruxelas-Paris.

Nas imediações de Saint-Quentin, pausa: um morto.

Em Paris, interrupção brusca da linha. Dois homens desaparecem, em plena Avenue Champs-Élysées.

No hotel, restaram apenas as bagagens e a sra. Mortimer-Levingston, tão vazia de ideias quanto o baú do letão no meio do quarto.

O cachimbo de Maigret resfolegava de maneira tão irritante que o comissário pegou um chumaço de penas de galinha em outra gaveta, limpou o duto e, abrindo a estufa, jogou fora as penas sujas.

A espuma gordurosa embaçava as quatro canecas. Um homem saiu de uma das salas contíguas, fechou a porta à chave e se foi pelo corredor.

– Um que terminou! – observou Torrence. – É o Lucas. Hoje à noite prendeu dois traficantes de drogas, graças a um filhinho de papai que mordeu a isca.

Maigret remexeu a lenha e, com o rosto afogueado, ergueu-se. De maneira mecânica, pegou o envelope transparente, do qual retirou os fios de cabelo, manipulando-os na luminosidade. Instalou-se então mais uma vez diante do mapa, em que a linha invisível representando a viagem do letão fazia nitidamente uma curva,

quase um semicírculo.

Por que, de Cracóvia, subir até Bremen para de lá voltar a descer rumo a Paris?

Continuava com o pequeno envelope na mão. Murmurou:

– Havia um retrato dentro.

Com efeito, era um desses pequenos envelopes usados pelos fotógrafos para acondicionar as fotografias a ser entregues ao cliente.

Tinha, no entanto, um formato típico do campo e das pequenas cidades da província, chamado antigamente de “formato álbum”.

A fotografia que fora guardada naquele envelope devia ter a metade do tamanho de um cartão-postal, com a imagem reproduzida em fina película de papel marfim e glacê.

– Ficou alguém no laboratório? – perguntou subitamente o comissário.

– Suponho que sim! Devem estar trabalhando no caso do trem, revelando as fotos.

Restava apenas uma caneca cheia na mesa. Maigret esvaziou-a de um trago e vestiu o paletó.

– Vem comigo? Esses retratos em geral trazem nome e endereço do fotógrafo gravados em alto ou baixo-relevo...

Torrence compreendeu. Enveredaram por uma rede complicada de corredores e escadas e, após atravessarem as altas instâncias do Tribunal de Justiça, chegaram ao laboratório da Perícia Técnica.

Um especialista pegou o retrato e o apalpou, parecendo mesmo cheirá-lo. Em seguida, estendeu-o sob um forte spot e deslizou até ele um aparelho apocalíptico montado num carrinho.

O princípio é simples: uma folha de papel branco posta momentaneamente em contato com uma folha impressa ou manuscrita termina por impregnar-se dos caracteres que figuram na segunda folha.

Embora o resultado seja invisível a olho nu, a fotografia revela a impregnação.

Dado que havia uma estufa no laboratório, era grande a chance de Maigret se acomodar. E foi o que fez, permanecendo entrincheirado ali durante quase uma hora, reabastecendo seu cachimbo, enquanto Torrence seguia o fotógrafo em suas idas e vindas.

Finalmente, a porta de uma câmara escura se entreabriu. Uma voz anunciou:

– Pronto!

– O que temos?

– O retrato está assinado Léon Moutet, fotógrafo de arte, Quai des Belges, Fécamp.

Só um faro de profissional conseguiria ler na placa tenuamente gravada, em que Torrence, por exemplo, não percebia senão sombras indistintas.

– Quer ver as fotos do cadáver? – gracejou o especialista. – Estão magníficas! E pensar no espaço mínimo daquele lavabo! Acredita que tivemos de pendurar a câmera no teto...

– É possível fazer uma ligação para a cidade? – perguntou Maigret, apontando para o telefone.

– É sim... O telefonista sai às nove... A linha caiu direto aqui...

O comissário ligou para o Majestic e falou com um recepcionista.

– O sr. Mortimer-Levingston retornou?

– Vou me informar, cavalheiro. Com quem tenho a honra?

– Policial!

– Ele não retornou.

– Tampouco o sr. Oswald Oppenheim?

– Tampouco...

– O que a sra. Mortimer está fazendo?

Silêncio.

– Perguntei o que a sra. Mortimer está fazendo.

– Ela... Creio que está no bar...

– Em outras palavras, está bêbada?

– Tomou alguns drinques, de fato. E falou que não subirá para os seus aposentos até o marido voltar... Será que...?

– O quê?

– Alô! Aqui é o gerente... – pronunciou outra voz. – O que há de novo? Acha que essa história sairá nos jornais?

Maigret, com desdém, desligou. Para agradecer ao fotógrafo, deu uma espiada nas provas, ainda molhadas e luzidias, estendidas nos varais.

Ao mesmo tempo, dava instruções a Torrence:

– Você, meu velho, vai se instalar no Majestic. E, de preferência, ignore o gerente.

– E o senhor, chefe?

– Vou para o escritório. Há um trem para Fécamp às cinco e meia. Não vale a pena passar em casa e acordar minha mulher. A propósito... A cervejaria ainda não fechou. No caminho, peça uma caneca para mim...

– Uma...? – repetiu Torrence, fazendo cara de inocente.

– Como achar melhor, meu velho! O garçom é bastante esperto para compreender três ou quatro. Pode acrescentar uns sanduíches.

Um atrás do outro, desceram uma interminável escada em caracol.

Agora sozinho, em seu avental preto, o fotógrafo contemplou deleitosamente as provas que acabava de tirar e começou a numerá-las.

Num pátio glacial, os dois policiais se separaram.

– Se, por um motivo qualquer, você sair do Majestic, chame um dos nossos para substituí-lo! – recomendou o comissário. – É para lá que telefonarei, em caso de necessidade...

E foi para o escritório, onde esquentou a estufa de tal forma que quase arreventou sua grade.

A estação de La Bréauté, onde, às sete e meia da manhã, o comissário Maigret desembarcou da linha Paris-Havre, era uma antevisão de Fécamp.

Uma espelunca mal iluminada com paredes sujas e um balcão sobre o qual um punhado de bolos secos mofava e três bananas e cinco laranjas pelejavam para formar uma pirâmide.

Ali, a tempestade se fazia sentir de maneira ainda mais violenta. Chovia a cântaros. Para atravessar de um trilho a outro, só com lama na altura dos joelhos.

Um trenzinho feio, composto de vagões recauchutados. Chácaras mal delineadas no amanhecer lívido, rabiscadas pelas linhas da chuva.

Fécamp! Um cheiro compacto de bacalhau e arenque. Montes de tonéis. Mastros por trás das locomotivas. Uma sirene apitando em algum ponto.

– Quai des Belges, por favor?

Era tudo em linha reta. Bastava driblar as poças viscosas, em que escamas de peixe cintilavam e suas vísceras apodreciam.

O fotógrafo de arte também era negociante e distribuidor de jornais. Vendia jaquetas vermelhas confeccionadas com lonas de vela, além de cordas de cânhamo e cartões natalinos.

Um homem mirrado e pálido, que pediu socorro à mulher assim que a palavra polícia foi pronunciada. E ela, uma bela normanda, fitava Maigret nos olhos, parecendo provocá-lo.

– Pode me dizer que foto havia neste envelope?

Aquilo demorou. Foi preciso arrancar as palavras do fotógrafo uma a uma, pensar no lugar dele.

Para começar, o retrato datava de pelo menos oito anos antes, pois fazia todo esse tempo que o fotógrafo não usava aquele modelo. Ele comprou um aparelho novo que fazia fotos em formato de cartão-postal.

Quem teria sido fotografado há oito anos? O sr. Moutet precisou de quinze minutos para lembrar que guardava num álbum um exemplar de todos os retratos executados em seu estabelecimento.

Sua mulher foi buscar o tal álbum. Marujos entravam e saíam. Crianças vinham comprar um punhado de balas. Do lado de fora, os guinchos dos barcos rangiam. Ouvia-se o mar fustigando os seixos ao longo do quebra-mar.

Maigret folheou o álbum, tentou ser mais preciso:

– Uma moça de cabelos castanhos, bem finos...

Foi o suficiente.

– A sra. Swaan! – exclamou o fotógrafo.

E achou prontamente o retrato. Fora a única vez que tivera um modelo apresentável.

A mulher era bonita. Aparentava vinte anos. A fotografia cabia exatamente dentro do envelope.

– Quem é?

– Continua a morar em Fécamp. Mas agora é dona de uma vila na encosta do penhasco, a cinco minutos do Cassino...

– Casada?

– Não naquela época. Trabalhava como caixa no Hôtel du Chemin de Fer.

– Em frente à estação, claro!

– Sim, deve ter visto ao vir para cá. Ela é órfã, de um lugarejo aqui perto... Les Loges... Já ouviu falar? Terminou conhecendo um passageiro que se hospedou no hotel, um estrangeiro... Casaram-se... No momento, ela mora na vila, com os dois filhos e uma empregada...

– A sra. Swaan não mora em Fécamp?

Houve um silêncio, uma troca de olhares entre o fotógrafo e a esposa. Foi a mulher quem falou.

– Já que se trata da polícia, melhor dizer tudo, não é mesmo? Aliás, o senhor acabaria sabendo mesmo... São simples boatos... O sr. Swaan quase nunca está em Fécamp. Quando vem, é para poucos dias... Às vezes, inclusive, dá só uma passada...

“Quando ele chegou, foi logo depois da guerra... Estávamos reestruturando a pesca na Terra Nova, que fomos obrigados a abandonar durante cinco anos...”

“A princípio, ele queria estudar a questão e injetar dinheiro no negócio, que vinha se recuperando.

“Ele se dizia norueguês... O primeiro nome é Olaf... Os pescadores que fazem o arenque e frequentam os mares da Noruega dizem que tem muita gente com esse nome por lá...”

“Seja como for, correu o boato de que era um espião alemão.

“Foi por isso que, quando ele se casou, a mulher foi discriminada...”

“Mais tarde viemos a saber que era marinheiro, servindo como imediato a bordo de um navio mercante alemão, por isso aparecia tão pouco...”

“Terminamos por esquecer o assunto, a gente é mesmo meio desconfiado...”

– Disse que eles têm filhos?

– Dois... Uma garotinha de três anos e um bebê de meses...

Maigret descolou o retrato do álbum e pediu as coordenadas da vila. Era um pouco cedo para se apresentar.

Esperou duas horas num bar do porto, ouvindo os marujos debaterem a pesca do arenque, que estava no auge. Cinco chalupas escuras enfileiravam-se na beira do cais. O peixe era descarregado em tonéis e, a despeito do temporal, o ar era irrespirável.

Para chegar à vila, atravessou o quebra-mar deserto e contornou o cassino fechado e com os muros ainda exibindo cartazes do verão anterior.

Por fim, subiu uma ladeira que começava no pé do penhasco. Aqui e ali, portões de uma vila.

A que ele procurava era de tijolos vermelhos, tamanho mediano, confortável.

Percebia-se que, no verão, o jardim com as aleias de cascalho branco era tratado com desvelo. Das janelas, a vista devia estender-se ao longe.

Tocou. Um dogue dinamarquês, sem latir mas nem por isso com aspecto menos feroz, veio fuçar através da grade. Uma empregada apareceu ao segundo toque de campainha e, depois de trancar o cachorro no canil, indagou:

– Do que se trata?

Tinha o sotaque da região.

– Eu gostaria de falar com o sr. Swaan, por favor.

Ela pareceu hesitar.

– Não sei se o patrão está... Vou perguntar...

Ela não abriu o portão. Continuava a chover torrencialmente. Maigret estava ensofado.

Viu a criada subir os degraus e desaparecer dentro da casa. Logo depois, uma cortina se mexeu em uma das janelas. Dali a pouco, a moça voltou.

– O patrão só volta daqui a algumas semanas. Ele está em Bremen...

– Nesse caso, eu gostaria de falar com a sra. Swaan...

Ela hesitou novamente, mas terminou abrindo o portão.

– A patroa não está arrumada. Terá que esperar...

Gotejante, foi introduzido numa sala asseada, com as janelas guarnecidas de cortinas brancas, assoalho de sinteco.

Os móveis, novos, eram iguais aos que encontramos em todo interior pequenoburguês. De boa qualidade, num estilo considerado, em 1900, moderno.

Carvalho claro. Flores num vaso de pedra-sabão “artístico” no centro da mesa. Paninhos de bordado inglês.

Sobre uma mesa alta, em contrapartida, um magnífico samovar de prata cinzelada, que sozinho valia mais que todo o resto da mobília.

Ouvia-se barulho no primeiro andar. Do outro lado de uma das paredes do rés do chão, um bebê chorava e outra voz murmurava alguma coisa num tom contido e monocórdio, como se para consolá-lo.

Finalmente, passos aveludados, quase um deslizar, no corredor. A porta se abriu. E o comissário Maigret se viu na presença de uma moça que se vestira às pressas para recebê-lo.

Era de estatura mediana, mais para gorda do que para magra, e tinha um rosto bonito e grave, no qual, nesse instante, se percebia uma vaga inquietude.

Mesmo assim, sorriu e perguntou:

– E o senhor, não está sentado?

Da capa de Maigret, da calça, dos sapatos, escorriam filetes de água e estes formavam pequenas poças no assoalho encerado.

Não podia sentar daquele jeito nas poltronas de veludo verde-claro da sala.

– Sra. Swaan, correto?

– Sim, senhor...

Ela o encarou, com ar inquisitivo.

– Desculpe o incômodo... Trata-se de mera formalidade... Trabalho na polícia de controle dos estrangeiros... Estamos em vias de realizar um censo...

Ela permaneceu calada. Não parecia nem mais inquieta, nem mais sossegada.

– Creio que o sr. Swaan é sueco, confirma?  
– Não... Norueguês... Mas, para os franceses, é tudo a mesma coisa... Até eu, no início...

– Ele é oficial de marinha?

– Ocupa o posto de imediato a bordo do *Seeteufel*, de Bremen...

– É isso... Então ele trabalha para uma empresa alemã.

Certo rubor cobriu sua face.

– O armador é alemão, sim... Quer dizer, só no papel...

– Em outras palavras...?

– Não julgo necessário esconder do senhor... Deve saber que, depois da guerra, a marinha mercante vem passando por uma crise... Aqui mesmo ouvirá falar em capitães veteranos que, com a suspensão das contratações, foram obrigados a embarcar como imediatos e até em funções mais subalternas... Outros vão pescar na Terra Nova e no mar do Norte.

Embora falasse com certa precipitação, sua voz mantinha-se calma e inalterada.

– Meu marido não quis assinar um contrato para o Pacífico, onde há mais trabalho, pois só poderia vir à Europa de dois em dois anos... Logo depois que nos casamos, alguns americanos, sob o nome de um armador alemão, empreenderam a construção do *Seeteufel*... E, justamente, se Olaf veio a Fécamp, foi para certificar-se de que não havia aqui outras chalupas à venda...

“Agora o senhor compreende... A intenção era entrar no contrabando de bebida para os Estados Unidos...”

“Grandes empresas foram criadas, com capitães americanos... Suas sedes localizam-se na França, Holanda ou Alemanha...”

“Na realidade, é para uma dessas empresas que o meu marido trabalha. O *Seeteufel* faz o que eles chamam de Via do Rum.

“Portanto, ele não tem nada a ver com a Alemanha...”

– Ele se encontra ao mar, neste momento? – indagou Maigret, sem desprezar os olhos do bonito rosto, que tinha alguma coisa de franco e, às vezes, por que não, de comovente.

– Não creio. O senhor precisa entender que essas viagens não têm a regularidade dos transatlânticos. Mas sempre tento calcular aproximadamente a posição do *Seeteufel*, que, a essa altura, deve estar em Bremen ou prestes a aportar...

– A senhora já foi à Noruega?

– Nunca! Digamos que nunca deixei a Normandia. Apenas duas ou três vezes, para curtas temporadas em Paris.

– Com seu marido?

– Sim... Em nossa viagem de lua de mel, por exemplo.

– Ele é louro, confirma?

– Sim... Por que isso?

– Com um bigodinho claro, rente aos lábios?

– Sim... Aliás, posso lhe mostrar seu retrato.

Ela abriu a porta e saiu. Maigret ouviu-a circular no quarto ao lado.

Sua ausência durou mais do que era lógico supor. Dentro de casa, portas se abriam e fechavam, vaivéns difíceis de explicar.

Ela afinal reapareceu, um tanto confusa e insegura.

– Desculpe... – disse. – Impossível encontrar esse retrato... Casa com criança, sabe

como é, sempre uma bagunça...

– Última pergunta... A quantas pessoas deu esta fotografia?

Mostrou a cópia que o fotógrafo lhe dera. A sra. Swann, escarlate, gaguejou:

– Não entendo...

– Acaso seu marido teria uma cópia?

– Sim... Estávamos noivos quando...

– Nenhum outro homem possui esta fotografia?

Ela estava à beira das lágrimas. O tremor nos lábios denunciava sua aflição.

– Nenhum...

– Eu lhe agradeço, senhora...

Quando ia saindo, uma garotinha irrompeu no recinto. Maigret não precisou esmiuçar seus traços. Era o retrato vivo de Pietr, o letão!

– Olga! – repreendeu a mãe, empurrando a criança por uma porta entreaberta.

O comissário viu-se mais uma vez do lado de fora, na chuva e na ventania.

– Até logo, senhora...

Ainda a observou fugazmente, no vão da porta, e teve a sensação de deixar aquela mulher, a quem surpreendera no aconchego do lar, desamparada.

Pois outros sinais, sutis, indefiníveis e com raízes na angústia, transpareciam nos olhos da jovem mãe que fechava a porta.

São coisas de que ninguém se vangloria, as quais, se reveladas, fariam sorrir e, não obstante, exigem certa dose de heroísmo.

Maigret não dormira. Das cinco e meia às oito, fora sacudido em compartimentos atravessados por correntes de ar.

Vinha encharcado desde La Bréauté. Agora, os sapatos cuspiam água suja a cada passo, o chapéu-coco perdera a forma e a capa e o paletó estavam ensopados.

O vento desfechava-lhe a chuva no corpo como bofetadas. Não havia ninguém no beco. Uma subida singela, entre muros de jardins. No meio, descia uma torrente.

Ele se deteve por um bom tempo. Até o seu cachimbo, dentro do bolso, estava molhado. Nenhum refúgio para se esconder nas proximidades da vila. O máximo que podia fazer era tentar encolher-se junto a um muro e esperar.

Se passasse alguém, ele seria visto, chamaria a atenção. Talvez fosse obrigado a mofar ali horas a fio. Não havia nenhuma prova categórica de que um homem estivesse na casa. E, se houvesse, que motivos ele teria para sair?

Apesar disso, Maigret, carrancudo, socando o fumo no cachimbo molhado, esgueirou-se como pôde numa obscura reentrância...

Aquele não era o lugar de um agente da Polícia Judiciária. Tarefa de iniciante, se tanto. Entre os vinte e dois e os trinta anos, montara guarda assim uma centena de vezes.

Teve toda a dificuldade do mundo para acender um fósforo. A lixa da caixa estava um trapo. E se, por uma fatalidade, o palito se negasse a acender, ele iria embora?

De onde estava, tudo que via era um muro baixo e o portão verde da vila. Pisava numa planta com espinhos. Uma aragem lhe roçava a nuca.

Fécamp estendia-se abaixo, mas ele não conseguia avistar a cidade. Ouvia apenas o estrondo do mar e, de tempos em tempos, o apito de uma sirene ou um carro passando.

Fazia meia hora que estava de prontidão quando uma mulher, com jeito de cozinheira, subiu a ladeira carregando uma cesta de compras. Só percebeu Maigret quando se aproximou. Ao deparar com aquele enorme vulto grudado no muro, na rua varrida pelo vento, ficou tão assustada que saiu correndo.

Trabalharia numa das vilas do alto da colina? Minutos depois, um homem apareceu na curva, observou Maigret de longe, foi alcançado por uma mulher e ambos entraram em sua casa.

A situação era ridícula. O comissário sabia que havia menos de dez probabilidades em cem de que aquela campana resultasse em algo de útil.

Mesmo assim, uma vaga sensação, que ele não poderia sequer chamar de pressentimento, fez com que não arredasse pé de onde estava.

Era outra teoria de sua lavra, a qual, aliás, ele jamais desenvolvera e que, batizada intimamente como teoria da brecha, permanecia imprecisa em sua mente.

Em todo malfeitor, em todo bandido, há não só um homem, como, acima de tudo, um jogador, um adversário, e é para este que a polícia volta preferencialmente os olhos, é a ele que, em geral, ela ataca.

Um crime é cometido, um delito qualquer? A luta é travada em bases mais ou menos objetivas. Problema com uma ou várias incógnitas, que a razão busca elucidar.

Maigret fazia como os outros. Como os outros, recorria às extraordinárias ferramentas de que Bertillon, Reiss e Locard dotaram a polícia e as quais constituem verdadeira ciência.

No entanto, o que procurava, esperava, espreitava acima de tudo era a *brecha*. Em outras palavras, o momento em que, por trás do jogador, surge o homem.

No Majestic, era o jogador que ele tinha a sua frente.

Ali, pressentia outra coisa. A vila pacata e confortável não fazia parte dos acessórios da luta travada por Pietr, o letão. Aquela mulher e, principalmente, aquelas crianças que ele vira ou ouvira pertenciam a outra ordem material e moral.

Era por isso que aguardava, mal-humorado, vale dizer, pois apreciava demais sua grande estufa de ferro e seu gabinete com cervejas espumantes sobre a mesa para não sentir-se infeliz sob aquele aguaceiro hostil.

Eram pouco mais de dez horas quando se pusera de tocaia. Era meio-dia e meia quando passos fizeram ranger o cascalho de uma aleia, o portão foi aberto com movimentos rápidos e precisos e um vulto desenhou-se a dez metros do comissário.

O terreno não permitia a este recuar. Portanto, permaneceu ali, imóvel, ou melhor, inerte, fixado em pernas que a calça ensopada esculpia em pregas largas.

O homem que saía da casa usava um impermeável barato, com cinto, do qual levantara a gola rota. Na cabeça, um boné cinza.

Esses trajés o faziam parecer muito jovem. Com as mãos nos bolsos, os ombros encolhidos e trêmulos devido à brusca mudança de temperatura, desceu a colina.

Obrigado a passar a menos de um metro do comissário, escolheu aquele momento para desacelerar o passo, tirar do bolso um maço de cigarros e acender um.

Como se quisesse expor abertamente seu rosto na luminosidade, permitindo ao policial examiná-lo!

Maigret deixou que ele desse alguns passos e, circunspecto, saiu em sua perseguição. O cachimbo apagara. Toda a sua pessoa respirava um misto de contrariedade e vontade impaciente de compreender.

Pois o homem com a capa de chuva parecia e não parecia o letão! Mesma altura: aproximadamente um metro e sessenta e oito. A rigor, era possível atribuir-lhe a mesma idade, embora, naqueles trajés, aparentasse vinte e seis, e não trinta e dois anos.

Nada impedia que fosse o original da descrição que Maigret sabia de cor e carregava no bolso.

Ao mesmo tempo, era outro homem! Os olhos, por exemplo, tinham uma expressão mais vaga, nostálgica. O cinza era mais claro, como se as pupilas tivessem

sido descamadas pela chuva.

Não usava bigode à escovinha. Mas sua transformação não se resumia a isso.

Outros detalhes impressionavam Maigret. A roupa não lembrava em nada a de um oficial da marinha mercante. Não combinava sequer com a vila, com a vida burguesa, abastada, que ela exalava.

Os sapatos eram gastos, com os saltos invertidos. Quando o homem, por causa da lama, arregaçou a barra da calça, o comissário viu meias de algodão cinzentas, descoloridas, grosseiramente remendadas.

A capa de chuva estava salpicada de manchas. O conjunto correspondia a um tipo que Maigret conhecia bem, o vagabundo europeu, quase sempre originário do Leste, que se entoca nas piores pensões de Paris, às vezes dorme nas estações, raramente se arrisca na província, viaja de terceira classe ou, clandestino, nos estribos e vagões de carga.

Teve a prova disso nos minutos seguintes. Fécamp não possui lupanares propriamente ditos. Atrás do porto, contudo, há duas ou três biroskas sórdidas, frequentadas mais por estivadores que por pescadores.

A dez metros desses estabelecimentos, um bar correto, limpo e claro.

Ora, o homem de capa passou por este último sem se deter, entrando com toda a naturalidade na birosca mais suspeita e fincando os cotovelos no balcão com um gesto que não enganava Maigret.

Era um gesto espontâneo, simples e cafajeste. Ainda que tentasse, o comissário seria incapaz de imitá-lo.

Entrou, por sua vez. O homem pedira um absinto barato e deixara-se ficar no balcão, calado, olhar perdido, indiferente a Maigret, ao seu lado.

Por baixo de seus trajos, o policial notou uma roupa de baixo duvidosa. E isso tampouco se imita! A camisa e o colarinho falso, reduzido ao estado de barbante, haviam sido usados dias a fio, talvez semanas! Tinha-se dormido com aquilo, Deus sabe onde! Tinha-se suado ali dentro! Chovera.

O terno não deixava de ter sua elegância, mas carregava os mesmos estigmas e proclamava a mesma e dissoluta vadiagem.

– Outro!

O copo estava vazio. O dono do lugar completou-o e serviu uma aguardente da casa a Maigret.

– Então, por aqui de novo?

O homem não respondeu, engoliu o aperitivo de um trago, como engolira o segundo, e, empurrando o copo no balcão, fez sinal para que o enchessem novamente.

– Quer comer alguma coisa? Tenho arenque ao vinagrete...

Maigret ziguezagueou até uma pequena estufa, para a qual estendeu as costas, reluzentes feito um guarda-chuva. O dono não desistia. Olhando de esguelha para o comissário, prosseguiu, dirigindo-se ao freguês de capa:

– A propósito, semana passada tive um compatriota seu... Um russo de Arkhângelsk... Estava a bordo de um veleiro sueco, obrigado a fundear no porto por causa da tempestade... Nem teve tempo de se embriagar, juro... Tiveram um trabalho dos diabos... Velas rasgadas, duas vergas quebradas e todo o impacto...

O sujeito, que estava no quarto absinto, bebia com aplicação. O dono do bar enchia o copo à medida que este esvaziava e, todas as vezes, dirigia uma olhadela cúmplice para Maigret.

– Quanto ao capitão Swaan, não aparece desde que vi o senhor da última vez...

O comissário estremeceu. O homem de capa, que acabava de engolir, sem água, o conteúdo de um quinto copo, aproximou-se da estufa num andar impreciso, esbarrou em Maigret e estendeu as mãos para o calor.

– Vá lá, me dê um arenque – disse.

Tinha um sotaque bastante acentuado, sotaque russo, pelo que o comissário pôde perceber.

Estavam ali, um ao lado do outro, um contra o outro, por assim dizer. O homem passava reiteradamente a mão no rosto e seus olhos esbugalhavam-se cada vez mais.

– Meu copo? – impacientou-se.

Foi preciso colocar em sua mão. Enquanto bebia, encarou Maigret e fez uma cara de asco.

Nenhum engano possível naquela expressão! Aliás, como se para confirmar sua sensação, ele atirou o copo ao chão, segurou-se no encosto de uma cadeira e rosnou alguma coisa numa língua estrangeira.

O dono, um pouco preocupado, deu um jeito de passar perto de Maigret e, julgando falar baixo, porém de tal forma que o russo não perdesse nada de suas palavras, sussurrar-lhe:

– Não ligue! É sempre a mesma coisa...

O homem rompeu numa gargalhada desconexa de ébrio. Deixou-se cair numa cadeira, pegou a cabeça com ambas as mãos e permaneceu imóvel até o momento em que empurraram por entre seus cotovelos, sobre a mesa, um prato com um arenque marinado.

O dono do lugar sacudiu-lhe o ombro.

– Coma! Vai lhe fazer bem...

O sujeito deu nova gargalhada, um estertor de amargura. Voltou-se para procurar Maigret com os olhos, examinando-o acintosamente e empurrando o prato de arenque para a ponta da mesa.

– Bebida!

O dono ergueu os braços para o teto e, à guisa de justificativa, grunhiu:

– Esses russos, ô raça...

E girou o indicador ao lado da cabeça.

Maigret empurrara o chapéu-coco para trás. Um vapor cinza saía de suas roupas. Mantinha-se na segunda aguardente.

– Dê-me um arenque! – disse.

Levava-o à boca junto com um pedaço de pão, quando o russo, vacilante, levantou-se, olhou em volta como se não soubesse o que fazer e, contemplando Maigret, riu pela terceira vez.

Em seguida, sumiu atrás do balcão, apanhou um copo no armário e apanhou uma garrafa na bacia de estanho, onde ela esfriava na água.

Serviu-se por conta própria, sem olhar o que era, e bebeu, estalando a língua.

Por fim, puxou do bolso uma cédula de cem francos.

– Isso paga, canalha? – perguntou ao dono do bar.

Jogou a cédula para o alto. O dono teve que resgatá-la na pia.

O russo arrancou a maçaneta da porta, que não abria. Quase estourou uma briga,

porque o dono queria ajudar o cliente e este o rechaçava à base de cotoveladas.

Finalmente, a capa diluiu-se na cerração e na chuva, ao longo do cais, na direção da estação.

– Um traste! – suspirou o dono, dirigindo-se a Maigret, que pagava o que consumira.

– Costuma aparecer?

– De tempos em tempos... Uma vez, passou a noite aqui, no banco em que o senhor estava sentado... É um russo! Marujos russos, que um dia se encontravam em Fécamp ao mesmo tempo que ele, me contaram... Parece ter recebido boa instrução... Viu as mãos?

– Não acha que lembra o capitão Swaan...?

– Ah, o senhor o conhece... Claro! Não a ponto de confundirmos um com o outro... Mas enfim... Por muito tempo julguei que era irmão dele...

O vulto bege desaparecia numa curva. Maigret apertou o passo.

Alcançou o russo no momento em que este penetrava na sala de espera da terceira classe da estação e arriava num banco, agarrando novamente a cabeça com as mãos.

Uma hora depois, estavam instalados na mesma cabine, na companhia de um negociante de gado de Yvetot, que começou a contar a Maigret boas histórias em dialeto normando e, de quando em quando, cutucava-o para chamar-lhe a atenção para o sujeito.

O russo escorregou imperceptivelmente, terminando por se desabar no banco, a cabeça lívida caída no peito, a boca entreaberta fedendo a álcool.

A partir de La Bréauté, onde despertou, o russo não pregou mais o olho. Verdade que o expresso Havre-Paris estava superlotado. Maigret e seu companheiro permaneceram num corredor, plantados cada um diante de uma portinhola, observando o desfile de uma paisagem confusa que a noite erodia.

O homem da capa não se preocupou um instante sequer com o policial. Na Gare Saint-Lazare, abriu mão de se aproveitar do tumulto para despistá-lo.

Ao contrário, foi lentamente que desceu a grande escadaria e, constatando que o maço de cigarros estava encharcado, comprou outro no quiosque de tabaco da estação. Quase entrou no bar. Mudando de ideia, pôs-se a percorrer as calçadas, arrastando os pés, figura repugnante à vista, de tal forma exprimia completa apatia, um desânimo sem possibilidade de reação.

De Saint-Lazare à Prefeitura, é um bom estirão. É preciso atravessar todo o centro da cidade e, entre seis e sete da noite, pedestres rebentam como ondas pelas calçadas e o fluxo de carros é tão constante como o do sangue nas artérias.

Com seus ombros magros, o impermeável manchado de lama e gordura apertado na cintura, os sapatos com saltos invertidos, ele patinhava nas luzes e no movimento, intermitente, vacilante, sem parar nem se voltar.

Fez o caminho mais curto, pela Rue du Quatre-Septembre e através dos Halles, o que provava estar habituado ao trajeto.

Chegou ao “gueto” de Paris, cujo núcleo se concentra na Rue des Rosiers, e aproximou-se das lojas com tabuletas em iídiche, açougues kosher, vitrines com pão ázimo.

Numa curva, próximo a uma galeria comprida e escura que lembrava um túnel, uma mulher fez menção de agarrar-lhe o braço, mas soltou-o sem que ele dissesse uma palavra, sem dúvida impressionada.

Terminou na Rue du Roi-de-Sicile, irregular, flanqueada por becos, vielas, pátios fervilhantes, meio bairro judeu e já meio colônia polonesa, e, duzentos metros adiante, entrou no corredor de uma pensão.

Letras de louça anunciavam “Au Roi de Sicile”.

Abaixo, liam-se dizeres em hebraico, polonês e outras línguas incompreensíveis, possivelmente também em russo.

Ao lado, um canteiro de obras, onde se viam as ruínas de um prédio escorado por vigas.

A chuva persistia. O vento, contudo, não alcançava aquele antro.

Maigret ouviu o barulho de uma janela se fechando bruscamente no terceiro andar do hotel. Sem hesitar mais que o russo, entrou.

Não havia porta no corredor. Uma escada. No mezanino, uma espécie de cabine de vidro, onde uma família judia fazia uma refeição.

O comissário bateu e, em vez de lhe abrirem a porta, ergueram a janelinha de um guichê. Um cheiro de gordura escapou. O judeu usava um solidéu preto na cabeça. Sua mulher obesa não parou de comer.

– O que é?

– Policial! Nome do locatário que acaba de se recolher?

O homem gaguejou alguma coisa em sua língua, foi pegar um registro sebento numa gaveta e, sem dizer uma palavra, empurrou-o pelo guichê.

Nesse mesmo instante, Maigret sentiu-se observado do local de uma escada não iluminada. Voltou-se no mesmo instante e, a uns dez metros de onde estava, viu um olho faiscar.

– Qual é o quarto?

– Trinta e dois...

Ele folheou o registro, leu:

*Fiódor Iúrovitch, 28 anos, nascido em Vilna, operário, e Anna Górsquina, 25 anos, nascida em Odessa, sem profissão.*

O judeu voltara ao seu lugar, julgando-se com a consciência tranquila. Maigret tamborilou no vidro. O dono da pensão ergueu-se lentamente, a contragosto.

– Há quanto tempo ele mora na pensão?

– Cerca de três anos.

– E Anna Górsquina?

– Estava aqui antes dele... Talvez quatro anos e meio...

– Do que eles vivem?

– O senhor leu... Ele é operário.

– Conta outra! – disparou Maigret, cujo tom de voz bastou para mudar a atitude do interlocutor.

– O resto não é da minha conta, certo? – replicou, de modo meloso, este último. – Ele paga pontualmente. Sai, entra, não é minha profissão segui-lo...

– Recebe visitas?

– Às vezes... Tenho mais de sessenta locatários e não posso vigiar todo mundo... Contanto que não façam nada de errado... Aliás, se é da polícia, deve conhecer a casa... Meus registros sempre estiveram em dia... O major Vermouillet pode confirmar... É ele que vem todas as semanas...

Maigret voltou-se inesperadamente e chamou:

– Desça, Anna Górsquina!

Após um leve rumor na escada, ouviram-se passos. Finalmente, uma mulher invadiu o perímetro iluminado.

Aparentava mais que os vinte e cinco anos alegados no registro. Isso se devia sem dúvida às suas origens. Como muitas judias na sua idade, engordara, porém sem perder certa beleza. Os olhos, muito escuros, com a córnea extraordinariamente branca e brilhante, eram dignos de nota.

No resto de sua pessoa, contudo, imperava uma displicência que desfazia tal impressão. Seus cabelos pretos, engordurados e desalinhadados, caíam em mechas compactas sobre o pescoço. Vestia um penhoar esfiapado que se entreabria e mostrava a roupa de baixo.

As meias estavam enroladas acima dos joelhos gordos.

– O que fazia na escada?

– Estou na minha casa...

Maigret percebeu de cara o tipo de mulher com quem lidava. Desaforada e atrevida, queria briga. Na menor oportunidade, provocaria um escândalo, amotinaria a pensão inteira, daria gritos dilacerantes, além de lançar as acusações mais inverossímeis.

Saberia que era inatacável? De toda forma, encarava o inimigo desafiadoramente.

– Faria melhor se fosse cuidar do seu amante...

– Isso é assunto meu...

O dono da pensão, atrás do guichê, balançava da esquerda para a direita e da direita para a esquerda um rosto entristecido e reprovador, mas os olhos riam.

– Quando viu Fiódor pela última vez?

– Ontem à noite... Às onze horas...

Mentia! Estava na cara! Inútil, porém, bater com ela de frente. Ou terminaria agarrando-a firme pelos ombros e conduzindo-a ao Dépôt.

– Onde ele trabalha?

– Onde bem entende...

O peito arfava sob o penhoar desconjuntado. A boca ia se tornando má, desdenhosa.

– O que a polícia quer com Fiódor?

Maigret preferiu murmurar:

– Caia fora daqui, suba!

– Quando me der na telha! O senhor não manda em mim...

Para que responder, criar um incidente grotesco, que só faria prejudicar o inquérito?

Maigret fechou o livro de registro e estendeu-o ao dono da pensão.

– Tudo certo, não é mesmo? – pronunciou este, que fizera sinal para a moça calar-se.

Mas ela ficou ali até o fim, com as mãos na cintura, metade do corpo iluminada pela luz que emanava da cabine, a outra na penumbra.

O comissário encarou-a novamente. Sustentando seu olhar, ela não resistiu a balbuciar:

– O senhor não me mete medo...

Ele deu de ombros e desceu a escada, raspando nas laterais encardidas.

No corredor, cruzou com dois poloneses malvestidos, que, ao vê-lo, desviaram a cabeça. A rua estava molhada, com reflexos nos paralelepípedos.

Adivinhavam-se, em todos os recantos, nas mais ínfimas manchas de sombra, nos becos e vielas, um rumorejo humano, uma vida escusa e vexaminosa. Sombras triscavam os muros. Os lojistas vendiam produtos dos quais até o nome era desconhecido dos franceses.

A menos de cem metros dali, a Rue de Rivoli e a Rue Saint-Antoine, largas, claras, com seus bondes, vitrines, guardas...

Maigret se deteve, agarrando pelo ombro um guri com orelhas de abano que passava correndo.

– Vá chamar um policial, na Place Saint-Paul...

Mas o moleque olhou-o com olhos assustados e respondeu alguma coisa incompreensível. Não sabia uma palavra de francês!

O comissário avistou um mendigo.

– Tome um trocado... Leve este bilhete ao tira da Place Saint-Paul...

O vagabundo compreendeu. Dez minutos depois, um agente uniformizado chegava.

– Telefone à Polícia Judiciária para enviarem imediatamente um inspetor... Dufour, se possível...

Ficou à toa ainda por uma boa meia hora. Pessoas entraram na pensão. Outras saíram. E a luz da segunda janela à esquerda continuava acesa no terceiro andar.

Anna Górskina apareceu na porta da entrada. Enfiara um casaco esverdeado sobre o penhoar. Não usava chapéu e, a despeito da chuva, calçava sandálias de cetim vermelho.

Atravessou a rua chapinhando. Maigret escondeu-se na sombra.

Ela entrou em uma loja, da qual, minutos depois, saiu com uma infinidade de embrulhinhos brancos e duas garrafas nos braços, desaparecendo dentro da casa.

O inspetor Dufour afinal chegou. Tinha trinta e cinco anos e falava três línguas fluentemente, o que, apesar de sua mania de complicar os casos mais simples, o fazia valioso.

Em suas mãos, um caso banal de assalto ou carteira batida se tornava um drama misterioso em cujos meandros ele terminava por se perder.

Porém, graças a uma tenacidade incomum, em missões objetivas, tocar ou seguir alguém, era o homem perfeito.

Maigret forneceu-lhe a descrição de Fiódor Iúrovitch e de sua amante.

– Enviarei um colega seu. Se um dos dois sair, siga-o, mas o outro permanece de sentinela. Entendido?

– Ainda o caso do Estrela do Norte...? Um golpe da Máfia, certo?

O comissário preferiu partir. Quinze minutos depois, chegava ao Quai des Orfèvres, despachava um colega para fazer companhia a Dufour e, xingando Jean, que não incandescera o ferro, debruçava-se sobre a estufa.

Sua capa encharcada, pendurada toda rígida no cabide, herdara a forma de seus ombros.

– Minha mulher não telefonou?

– Hoje de manhã... Avisaram que o senhor estava em missão...

Ela estava acostumada. Ele sabia que podia voltar para casa, que ela se limitaria a beijá-lo, remexer suas painéis no fogão e preparar um prato com alguma comida

cheirosa. No máximo se arriscaria, mas apenas quando ele estivesse à mesa, e contemplando-o com o queixo entre as mãos, a um: “Tudo bem?”.

Fosse meio-dia ou cinco horas, ele encontraria a refeição pronta da mesma forma.

– Torrence? – perguntou a Jean.

– Telefonou às sete da manhã...

– Do Majestic?

– Não sei. Perguntou se o senhor tinha saído.

– E aí?

– Telefonou de novo às cinco e dez. Mandou avisar que estava à sua espera.

Maigret não comera senão um arenque desde a manhã. Permaneceu por alguns instantes em pé diante do fogo, que, graças a seu singular talento de fazer os carvões mais refratários flamejarem, começava a crepitar.

Por fim, dirigiu-se pesadamente ao armário, dentro do qual havia uma pia de louça, uma toalha de papel, um espelho e uma mala. Puxou a mala para o meio da sala, despiu-se e vestiu roupas secas e limpas, passando a mão hesitante no queixo não escanhado.

– Paciência...

Lançou um olhar de inveja para o fogo, que pegava tão bem, instalou duas cadeiras nas proximidades e estendeu com cuidado as peças de roupa molhadas sobre elas. Em pé, pronto para sair, devorou o sanduíche que restara em sua mesa. A cerveja, em compensação, acabara. Sentia a boca um pouco seca.

– Se chegar alguma coisa para mim, estou no Majestic – disse a Jean. – Telefone.

E, finalmente, jogou-se no banco de trás de um táxi.

Maigret não encontrou seu colega Torrence no saguão, e sim num quarto do primeiro andar, onde um excelente jantar se achava servido. O major deu uma piscadela.

– Foi o gerente...! – explicou. – Ele gosta mais de me ver aqui do que lá embaixo... quase suplicou para eu aceitar esse quarto e as iguarias que manda servir....

Falava baixo. Apontou para uma porta.

– Os Mortimer estão aqui ao lado...

– Mortimer voltou?

– Às seis da manhã, molhado, imundo, furioso, com a roupa coberta de giz ou cal...

– O que ele disse?

– Nada... Tentou passar despercebido e ir para o quarto. Mas lhe avisaram que a mulher o esperava no bar. E era verdade! Ela acabou convidando um casal de brasileiros... O bar deve ter ficado aberto só para eles... Estava completamente bêbada...

– E...?

– Ele ficou lívido. Seus lábios se contraíram. Dirigiu um cumprimento seco aos dois brasileiros, agarrou a mulher pelos braços e, sem dizer uma palavra, arrastou-a... Acho até que ela dormiu até as quatro da tarde... Nenhum barulho em seus aposentos até essa hora... Depois ouvi sussurros... Mortimer telefonou para que subissem os jornais.

– Pelo menos não se fala no caso?

– Nada! Respeitaram a combinação. Apenas um quadradinho informando que um cadáver foi descoberto no Estrela do Norte e que a polícia acredita em suicídio...

– Prossiga.

– O garçom subiu com limões espremidos para ele. Às seis horas, Mortimer circulou pelo saguão, passou por mim duas ou três vezes, ar de preocupação. Expediu cabogramas cifrados para o seu grupo de Nova York e para o secretário, que chegou a Londres dias atrás...

– É tudo?

– Neste exato momento, estão terminando de jantar. Ostras, frango assado e salada. Não perdi nada. O gerente está tão radiante por me ver engaiolado aqui que se desdobra para me agradar. Agora mesmo, por exemplo, veio me comunicar que os Mortimer têm entradas para o teatro Gymnase. A epopeia. Quatro atos sei lá do quê...

– E o apartamento de Pietr?

– Nada! Lá, ninguém entrou. Fechei a porta à chave e enfiei uma bolinha de cera na fechadura, de modo que ninguém pode entrar sem que eu fique sabendo...

Maigret também pegara uma coxa de frango, que devorava sem pudor, enquanto procurava em vão por uma estufa inexistente. Terminou por sentar sobre o radiador, indagando:

– Nada para beber?

Torrence serviu-lhe uma taça de excelente *mâcon* branco, que ele bebeu com avidez. Nesse instante, arranharam a porta: um mensageiro com ares de conspirador entrou.

– O gerente mandou avisar que o sr. e a sra. Mortimer pediram o carro.

O olhar que Maigret dispensara à mesa ainda farta era o mesmo que, desesperançado, dirigira à estufa de seu gabinete.

– Estou de saída – disse, acabrunhado. – Fique aqui.

Arrumou-se um pouco em frente ao espelho, limpou os lábios e o queixo. Dali a instantes, dentro de um táxi, aguardava que os Mortimer-Levingston embarcassem em sua limusine.

Eles não demoraram a aparecer, ele num sobretudo preto escondendo o terno, ela, como na véspera, envolta em peles.

Ela parecia cansada, pois o marido a amparava discretamente com uma das mãos. Sem um suspiro, o carro partiu.

Maigret, que ignorava a estreia no Gymnase, quase não conseguiu entrar. Guardas municipais faziam a ronda na calçada. A despeito da chuva, a turma dos basbaques observava os convidados saindo dos automóveis.

O comissário foi obrigado a chamar o diretor e a serpentear pelos corredores, os quais ele respingava, pois era o único a circular de capa.

O diretor estava uma pilha de nervos. Gesticulava.

– Só me faltava essa! Mas o senhor é a vigésima pessoa a me pedir um “lugarzinho”! Não há mais lugares! E o senhor não está a caráter...

Chamaram-no de todos os lados.

– Está vendo! Ponha-se na minha pele!

Maigret terminou por ficar de pé recostado a uma porta, entre as lanterninhas e vendedoras de programas.

Os Mortimer-Levingston dispunham de um camarote. Nele, havia seis pessoas, entre as quais uma princesa e um ministro. Espectadores entravam e saíam. Mãos eram beijadas. Sorrisos entrecruzavam-se.

A cortina se ergueu sobre um jardim ensolarado. Os “psiu”. Os murmúrios. A batida dos sapatos no chão. Por fim a voz do ator, ainda insegura, que ia se firmando, criando a atmosfera.

Retardatários continuavam a chegar. E os “psiu” renasciam. Uma risadinha feminina desatou em algum lugar.

Mortimer estava mais grão-senhor do que nunca. O terno lhe caía com perfeição. O peitilho branco acentuava o marfim de sua pele.

Viu Maigret? Não viu? Uma lanterninha trouxe um tamborete para o comissário, que teve de dividi-lo com uma senhora gorda, em seda preta, mãe de uma atriz.

Primeiro, segundo entreato. Vai-véns nos camarotes. Efusão artificial. Cumprimentos trocados entre as poltronas da plateia.

Nos corredores, no foyer, e até no peristilo, um zumbido de colmeia em polvorosa. Sobrenomes sussurrados, nomes de marajás, homens de finanças, de Estado, artistas.

Mortimer deixou três vezes o camarote, apareceu no proscênio e depois na plateia, conversando com um ex-presidente do Conselho, do qual se ouvia, vinte fileiras adiante, a sonora risada.

Fim do terceiro ato. Flores no palco. Ovação para uma atriz magricela. Estrépito dos banquinhos dobráveis erguidos, tropel no assoalho.

Quando Maigret se voltou para o camarote dos americanos, Mortimer-Levingston havia desaparecido.

Quarto e último ato. Era o momento em que, alegando um pretexto qualquer, aqueles que podiam visitavam as coxias e camarins de atores e atrizes. Outros acorriam ao serviço de chapelaria. A preocupação era com os carros e táxis.

Maigret perdeu uns bons dez minutos procurando no interior do teatro. Sem chapéu nem capa, foi então obrigado a se informar do lado de fora e interrogar os vigilantes, o manobrista e os guardas municipais.

Terminou descobrindo que o automóvel verde-oliva de Mortimer acabava de partir. Mostraram-lhe o lugar onde estava estacionado, defronte a um bar frequentado por cambistas de ingressos.

O automóvel tomara a direção da Porte Saint-Martin. O americano não passara na chapelaria.

Grupos de espectadores espalhavam-se do lado de fora, tomando ar fresco nos locais protegidos da chuva.

Com as mãos no bolso, a expressão contrariada, o comissário fumou um cachimbo. Toque da campainha do teatro. As pessoas foram como que aspiradas para dentro. Até os guardas municipais evaporaram para assistir ao último ato.

Os bulevares tinham o aspecto desolador das onze horas da noite. As linhas da chuva, através das luzes, iam se esgarçando. Um cinema expeliu sua plateia, apagou as luzes e, após recolher os painéis com os cartazes, fechou as portas.

Alguns aguardavam o ônibus expresso embaixo de um poste. Quando o ônibus chegou, começou uma discussão porque haviam acabado as senhas. Um guarda interveio e se desentendeu, muito depois que o veículo partira, com um homem gordo e indignado.

Por fim, uma limusine deslizou no asfalto. A porta se abriu com o carro ainda em movimento e Mortimer-Levingston, de terno e sem chapéu, subiu celeremente os degraus da escadaria, penetrando na luz quente dos corredores.

Maigret observou o motorista, cem por cento americano, expressão severa, maxilares proeminentes, imóvel em seu assento, como se engomado pelo uniforme.

O comissário apenas entreabriu uma das portas acolchoadas. Mortimer permanecia de pé, no fundo do camarote. Um ator cômico lançava frases disparatadas. O pano caía. Flores. Tempestade de aplausos.

Precipitação rumo à saída. “Psiu!” O ator anunciava o nome do autor, recebia este no proscênio e o acompanhava até o meio do palco.

Mortimer beijava mãos, apertava outras, deixava cem francos de gorjeta para a

funcionária que lhe trazia o agasalho.

Sua mulher estava pálida, com uma risca roxa sublinhando os olhos. Quando entrouam no carro, um momento de indecisão.

O casal discutia. Nervosa, a sra. Levingston protestava. O marido acendeu um cigarro e, com um gesto raivoso, apagou o isqueiro.

No fim, falou alguma coisa na corneta acústica e o automóvel arrancou, seguido pelo táxi de Maigret.

Era meia-noite e meia. Rue La Fayette. As colunas esbranquiçadas da Trinité cercadas por andaimes. Rue de Clichy.

Na Rue Fontaine, a limusine parou defronte ao Pickwick's Bar. Porteiro de azul e dourado. Guarda-casacos. Reposteiro vermelho erguido e atmosfera de tango.

Maigret entrou e, junto à porta, ocupou uma mesa que parecia desprestigiada, pois para ela convergiam todas as correntes de ar.

Os Mortimer haviam se instalado perto da orquestra de jazz. O americano consultava o cardápio, elaborava o menu do jantar. Um dançarino profissional se inclinava diante da sra. Mortimer.

Ela foi dançar. Levingston acompanhava-a com os olhos com uma insistência impressionante. Sem voltar-se uma única vez para o recanto ocupado por Maigret, ela trocou algumas frases com seu par.

Em meio aos trajes de gala, notavam-se alguns clientes de terno.

O comissário despachou com um gesto uma profissional que tencionava sentar à sua mesa. Colocaram à sua frente, sem consultar, uma garrafa de champanhe.

Serpentinas desenrolavam-se por toda parte. Bolinhas de algodão voavam. Recebeu uma no nariz e encarou ferozmente a velha dama que mirara nele.

A sra. Mortimer retornou à sua mesa. O dançarino, após deambular pela pista, dirigiu-se à saída, acendendo um cigarro.

De repente, ergueu o reposteiro de veludo vermelho e desapareceu. Maigret levou cerca de três minutos até se resolver a dar uma espiada do lado de fora.

O dançarino não estava mais lá.

O resto foi moroso e monótono. Os Mortimer jantaram lautamente: caviar, trufas no champanhe, lagosta à americana e queijos.

A sra. Mortimer não dançava mais.

Maigret, que tinha horror a champanhe, bebia em pequenos goles, para matar a sede. Tivera o azar de mastigar algumas amêndoas grelhadas que estavam na mesa e o deixaram sedento.

Consultou o relógio: duas horas.

O cabaré esvaziava. Uma dançarina executava seu número em meio à mais completa indiferença. Um hóspede embriagado, com três mulheres à mesa, fazia mais barulho sozinho que todos os clientes juntos.

O dançarino, que permanecera apenas quinze minutos do lado de fora, ainda convidara algumas damas. Mas agora terminara. Cheirava a fastio.

A sra. Mortimer tinha a tez plúmbea e as pálpebras azuladas.

Seu marido fez sinal para o funcionário. Foram trazidos peles, casaco e cartola.

Maigret teve a impressão de que o dançarino, em pé, conversando com o saxofonista ao seu lado, o observava de maneira ansiosa.

Chamou o maître, que o fez esperar. Houve alguns instantes desperdiçados.

Quando o comissário finalmente conseguiu sair, o automóvel dos americanos virava na esquina da Rue Notre-Dame-de-Lorette. No meio-fio, um punhado de táxis livres.

Caminhou até um deles.

Ouviu-se um estampido. Maigret levou a mão ao peito, olhou em volta e, embora não visse nada, ouviu passos se afastando pela Rue Pigalle.

Como se arremessado pelo tranco, avançou ainda alguns metros. O porteiro acorreu e o impediu de cair. Clientes saíam do Pickwick's para inteirar-se do incidente. No meio deles, Maigret discerniu o semblante transtornado do dançarino.

Os motoristas de táxi que “fazem a noite” em Montmartre leem nas entrelinhas, chegando muitas vezes a entender alguma coisa até quando ninguém fala nada.

No momento em que o tiro fora disparado, um dos que estacionavam em frente ao Pickwick’s abriu a porta do carro para que Maigret entrasse. Não conhecia sua identidade. Pela aparência, sabia tratar-se de um policial.

Os fregueses de um barzinho defronte se aproximaram. Dali a pouco se formava uma aglomeração ao redor do ferido. O motorista então acorreu para ajudar o porteiro, que, sem saber o que fazer com o comissário, simplesmente o amparava. Menos de meio minuto depois, o carro arrancou, com Maigret afundado no banco.

O táxi rodou por dez minutos, até parar em uma rua deserta. O motorista saiu, abriu a porta e viu seu passageiro sentado quase normalmente, com uma das mãos enfiada sob a capa.

– Como eu pensava, não é nada. Para onde?

Apesar disso, e justamente porque o ferimento era superficial, a fisionomia de Maigret se alterara. Seu peito fora perfurado. A bala resvalara numa vértebra, saindo rente à escápula.

– Chefatura de Polícia...

O motorista balbuciou alguma coisa indistinta. No trajeto, o comissário mudou de ideia.

– Para o Majestic... Deixe-me na porta de serviço, Rue de Ponthieu...

Fizera uma bola com o lenço e a comprimira na ferida, constatando que o sangue estancara.

À medida que avançavam em direção ao centro de Paris, suas feições exprimiam menos dor e mais preocupação.

O motorista quis ajudá-lo a sair do táxi. Ele o dispensou com um gesto e atravessou a calçada num passo firme. Atrás do guichê, num corredor estreito, havia um porteiro sonolento.

– Não aconteceu nada?

– Como assim?

Fazia frio. Maigret voltou para pagar o motorista, o qual, julgando insatisfatório cem francos pela façanha realizada, chiou.

No estado em que se encontrava, a figura de Maigret tinha com que impressionar. Sua mão, apertando o lenço por baixo da roupa, permanecia calcada no peito. Tinha um dos ombros mais alto que o outro e, apesar de tudo, tomava a precaução de poupar forças. Sentia-se um pouco zozno. Às vezes tinha a impressão de flutuar e precisar fazer um esforço para se recompor e recuperar a clareza de suas percepções e gestos.

Subiu uma escadaria de ferro, que dava acesso aos andares superiores, abriu uma porta, saiu num corredor, perdeu-se num labirinto e desembocou em outra escada, exatamente igual à primeira mas com outro número.

Vagou pelos bastidores do hotel. Por sorte, terminou avistando um cozinheiro de touca branca, que, apavorado, o viu avançar.

– Leve-me ao primeiro andar... Ao lado do apartamento do sr. Mortimer.

Ora, para início de conversa, o mestre-cuca não sabia o nome dos hóspedes. Além disso, tomara um susto ao ver as cinco riscas de sangue que Maigret deixara no rosto ao passar-lhe a mão.

Aquela espécie de gigante na malha dos estreitos corredores de serviço, com uma capa preta jogada nos ombros, mangas amarrotadas, a mão obstinadamente pousada no peito, deformando colete e paletó, fez com que ele se congelasse de pavor.

– Polícial! – impacientou-se Maigret.

Sentia latentes as ameaças de vertigem. O ferimento ardia, como que trespassado por agulhas compridas.

Sem se voltar, o cozinheiro terminou por avançar. Dali a pouco os pés de Maigret afundavam em tapetes. Percebeu que deixara as dependências de serviço e adentrara o hotel. Conferiu os números dos quartos. Estava no lado ímpar.

Afinal, encontrou um mensageiro, com a expressão atônita.

– O quarto do sr. Mortimer?

– Embaixo... Mas... o senhor...

Desceu uma escada, enquanto, entre os funcionários, já corria o boato de um homem estranho, ferido, irreal, vagando pelo hotel.

Apoiou-se por um instante na parede, deixando-lhe uma mancha de sangue, enquanto três pequenas gotas de um vermelho muito escuro caíam sobre o tapete.

A muito custo distinguiu o apartamento dos Mortimer e, ao lado, a porta do aposento onde Torrence se instalara. Alcançou essa porta, caminhando um pouco torto, e empurrou-a...

– Torrence!

O quarto estava aceso. Acepipes e garrafas ainda cobriam a mesa.

As grossas sobranceiras de Maigret se juntaram. Não via seu colega. Em contrapartida, sentia uma espécie de relento hospitalar na atmosfera.

Ainda zozno, avançou alguns passos, estacando subitamente diante de um sofá.

Dele, saía um pé calçado em couro preto.

Fez três tentativas para se recobrar. Assim que retirava a mão do ferimento, o sangue voltava a irromper numa efusão alarmante.

Terminou por pegar o guardanapo que estava na mesa e pressioná-lo sob o colete, cuja fivela apertou bem forte. O cheiro reinante no aposento o nauseava.

Com gestos frouxos, ergueu um lado do sofá e deslocou o móvel sobre dois pés.

Não esperava outra coisa: era Torrence que ali jazia, todo encolhido, um dos braços torcido, como se lhe houvessem quebrado os membros para fazê-lo caber naquele espaço exíguo.

Cobrinde-lhe a parte inferior do rosto, uma mordança, não amarrada. Maigret ajoelhou-se.

Todos os seus movimentos foram pausados, como se em câmera lenta, sem dúvida por conta de seu próprio estado. Hesitou em apalpar o peito de Torrence. E, quando a mão tocou o coração, o comissário imobilizou-se, quedando ali, imóvel no tapete, olhos cravados no companheiro.

Torrence estava morto! A boca de Maigret franziu imperceptivelmente. Seus punhos cerraram. E, sentindo as pupilas embaçarem, lançou, no silêncio do quarto fechado, uma praga terrível.

Aquilo poderia ser grotesco. Não! Era terrível! Era trágico! Era hediondo!

A fisionomia de Maigret endurecera. Não chorava. Devia ser impossível para ele. Suas feições, contudo, em que a dor e a fúria se juntavam à estupefação, pareciam anestesiadas.

Torrence tinha trinta anos. Nos últimos cinco, trabalhara praticamente com o comissário e mais ninguém.

Sua boca estava aberta, como se em pleno e desesperado esforço para abocanhar uma golfada de ar.

Um hóspede tirava os sapatos, no andar superior, bem acima do morto.

Maigret olhou em volta, à procura de um inimigo. Sua respiração arfava.

Escoaram vários minutos dessa forma e, quando o policial se levantou, foi porque sentia o avanço de um trabalho insidioso em seu organismo.

Dirigiu-se à janela, abriu-a, viu a pista vazia dos Champs-Élysées. Deixou que a brisa lhe refrescasse a testa por um instante e só então foi recolher a mordança que arrancara do rosto de Torrence.

Era um guardanapo adamascado, estampando o monograma do Majestic. Dele ainda emanava um vago relento de clorofórmio. Maigret permaneceu de pé, a mente vazia, exceto por alguns pensamentos informes que se entrechocavam, com reverberações dolorosas, nesse vácuo.

Mais uma vez, como fizera nos corredores, apoiou o ombro na parede e a pele de seu rosto distendeu-se bruscamente. Sentia-se envelhecido, desanimado. Estaria, nesse momento, à beira de rebentar em soluços? Ora, ele era grandalhão, volumoso, granítico.

O sofá estava atravessado, encostado na mesa não tirada, sobre a qual, num prato, entre ossos de frango, se espalhavam pontas de cigarro.

O comissário estendeu a mão para o telefone. Não chegou a tocá-lo, estalando os dedos raivosamente e voltando até o cadáver, o qual examinou.

Ao pensar nos regulamentos, no Ministério Público, nas formalidades, nas precauções a ser tomadas, franziu o rosto numa expressão irônica e amarga.

Será que isso contava? Tratava-se de Torrence! Como se fosse ele mesmo, caramba!

Torrence, que era da casa, que...

Desabotoou o colete, tão nervoso sob a calma aparente que arrancou dois botões. Viu então alguma coisa e sua pele ficou terrosa.

Na camisa, *bem no centro do coração*, havia um pontinho marrom.

Menor que um grão-de-bico! Uma única gota de sangue coagulara, congelando-se numa pedra do tamanho de uma cabeça de alfinete.

E Maigret, atordoado, só conseguiu exprimir sua indignação impotente com uma careta.

Era repugnante e, ao mesmo tempo, o suprassumo da habilidade em matéria criminosa! Não havia necessidade de procurar mais! Conhecia o procedimento, estudara-o meses antes em uma revista de criminologia alemã.

Primeiro, o guardanapo cloroformizado, que, em vinte ou trinta segundos, deixa a vítima fora de combate. Depois, uma agulha comprida, que o assassino, sem pressa, introduz entre duas vértebras, procurando o coração, drenando a vida, sem barulho ou sujeira.

Exatamente o mesmo tipo de crime fora cometido em Hamburgo, seis meses antes.

Uma bala pode errar o alvo ou ferir, Maigret era a prova disso. Faz barulho, suja.

A agulha, introduzida no coração de um homem inerte, mata cientificamente, sem possibilidade de erro.

Um pequeno detalhe voltou à mente do comissário. Naquela mesma noite, quando o gerente anunciara a partida dos Mortimer e ele, sentado no radiador da calefação e tomado por uma sensação de bem-estar, roía uma coxa de frango, quase escolhera assumir a campana no hotel e despachara Torrence para o teatro.

Ao pensar nisso, estremeceu. Atormentado, às voltas com um mal-estar generalizado que não sabia precisar se era decorrente do ferimento, da emoção ou das emanações do clorofórmio, observou o colega.

Nem sequer lhe ocorreu a ideia de encetar uma investigação oficial, metódica.

Era Torrence quem estava ali! Torrence, seu companheiro em todas as missões dos últimos anos! Torrence, a quem bastava dizer uma palavra, esboçar um sinal, para se fazer entender!

Torrence, cuja boca aberta parecia ainda tentar aspirar um pouco de oxigênio, viver enfim. E Maigret, que não chorava, sentia-se doente, inquieto, com um peso nos ombros e um nó no peito.

Foi novamente até o telefone, falando tão baixo que lhe fizeram repetir duas vezes sua solicitação.

– Chefatura... Sim... Alô! Chefatura... Quem está no aparelho? Hein? Tarraud? Ouça, rapaz.... Corra até a casa do chefe... Sim, à casa dele... Diga-lhe... Diga-lhe para vir me encontrar no Majestic... Imediatamente.... Quarto... não sei o número, mas ele será conduzido... Hein? Não, só isso...

“Alô... O quê? Não, não tenho nada...”

Desligou, pois o colega o interrogava, julgando sua voz estranha e a ordem, mais ainda.

Permaneceu um momento com os braços arriados. Evitava olhar para o canto em que Torrence jazia. Ao voltar-se para um espelho e deparar com a própria imagem, constatou que o sangue atravessara o guardanapo. Então, com muito esforço, tirou a capa.

Uma hora mais tarde, guiado por um funcionário do hotel, o diretor da Divisão de Buscas bateu à porta e viu a silhueta de Maigret desenhar-se no vão estreito.

– Pode ir! – disse o comissário.

E não abriu enquanto o homem não desapareceu. Só então o diretor percebeu que Maigret estava sem camisa. A porta do banheiro estava aberta. No chão, poças de água rubra.

– Feche rápido – quase ordenou o comissário, lixando-se para a hierarquia.

Tinha um ferimento ao comprido, inchado, no lado direito do peito. Seus suspensórios pendiam-lhe nas coxas.

Com a cabeça, indicou o recanto onde Torrence estava e pôs um dedo na boca.

– Psiu!

O diretor foi sacudido por um arrepio. Subitamente agitado, indagou:

– Morto?

A cabeça de Maigret tornou a cair.

– Quer me dar uma mãozinha, chefe? – murmurou, num tom abatido.

– Mas... o senhor... Isso é muito grave...

– Psiu! A bala saiu, é o principal! Ajude-me a juntar tudo isso na toalha...

Colocara a louça no chão e rasgara a toalha ao meio.

– A quadrilha do letão... – explicou. – Acharam que era eu... Mas pegaram foi o meu Torrence...

– Desinfetou o ferimento?

– Com sabão, depois tintura de iodo, sim...

– Acha que...

– É abominável! Uma agulha, chefe... Eles o mataram com uma agulha, após tê-lo feito dormir...

Não era mais o mesmo homem. Tinha-se a impressão de vê-lo e ouvi-lo através de uma cortina de renda que amortecesse imagens e sons.

– Me passe a camisa...

Voz neutra. Movimentos calculados, imprecisos. Rosto inexpressivo.

– Sua vinda era imprescindível... Considerando que se trata de um dos nossos... Além do mais, eu não queria um escândalo... Que viessem recolhê-lo imediatamente... Nenhuma palavra aos jornais... Confia em mim, não é mesmo, chefe?

Havia, contudo, um tremor imperceptível em sua voz. Isso tocou seu interlocutor, que pegou sua mão.

– Seja franco, Maigret! O que está havendo?

– Nada... Estou calmo, juro... Acho inclusive que nunca estive tão calmo... Mas o assunto agora é entre eles e mim... O senhor compreende...

O diretor ajudou-o a enfiar o colete e o paletó. Maigret, deformado pelo curativo que avolumava seu aspecto físico, anulando a precisão de suas linhas, parecia usar enchimentos de gordura.

Olhou-se num espelho com certa ironia. Era flagrante seu aspecto desmazelado. Deixara de ser o monobloco granítico, formidável, que gostava de afrontar os adversários com sua presença.

O rosto, pálido, riscado de vermelho, parecia intumescido, com olheiras incipientes.

– Obrigado, chefe... No que se refere a Torrence, acha possível?

– Evitar a publicidade, sim... Avisarei ao Ministério Público... Falarei pessoalmente com o procurador.

– Ótimo! Agora, cada segundo é importante...

Disse isso enquanto ajustava um pouco os cabelos desalinhados. Caminhou então até o corpo de Torrence e, hesitante, perguntou ao colega:

– Permite que eu feche os olhos dele? Acho que ele gostaria que fosse eu...

Os dedos tremiam. Deixou-os por um bom tempo sobre as pálpebras do morto, numa espécie de carícia. O diretor, num nervosismo crescente, suplicou:

– Maigret!

O comissário ergueu-se e deu uma última espiada à sua volta.

– Até breve, chefe... Não contem à minha mulher que estou ferido...

Seu vulto ocupou por um instante todo o enquadramento da porta. O diretor da Divisão de Buscas, preocupado, quase o chamou de volta.

Fora assim que, durante a guerra, companheiros de armas lhe haviam dito “até breve”, com aquela mesma calma e mansidão irreal, antes de desfechar o ataque.

E esses nunca mais voltaram!

As quadrilhas internacionais especializadas na alta chantagem raramente matam.

Em princípio, podemos até estabelecer que não matam, pelo menos aqueles de quem decidiram confiscar alguns milhões. Para roubar, empregam métodos mais científicos, a maioria de seus integrantes sendo cavalheiros cujos bolsos não portam arma.

Mas chegam a matar, em acertos de contas. Todo ano, um ou dois crimes impossíveis de ser elucidados são perpetrados em algum lugar. Quase sempre a vítima não é identificada, sendo enterrada sob um nome sabidamente falso.

Nesse caso, trata-se: ou de um traidor; ou de um homem que devido à língua desatada pela bebida cometeu imprudências; ou de um comparsa cuja ambição ameaça posições conquistadas.

Nos Estados Unidos, país que dita a norma, essas execuções nunca ficam nas mãos de elemento da quadrilha. Eles recorrem a especialistas, a “matadores de aluguel”, que, a exemplo dos carrascos oficiais, recebem por empreitada.

Isso não significa que o mesmo não se dava na Europa, onde, por exemplo, a famosa quadrilha dos poloneses, cujos chefes terminaram no cadafalso, foi mais de uma vez subcontratada por malféitores de outra ramificação avessos a sujar as mãos de sangue.

Maigret sabia disso quando desceu a escada e se encaminhou ao escritório do Majestic.

- Quando um hóspede pede uma refeição, quem atende a chamada? – indagou.
- Um maître especial, lotado no serviço dos apartamentos.
- À noite também?
- Claro que não! Depois das nove, temos um funcionário noturno.
- Que fica...?
- No subsolo.
- Leve-me até lá.

Penetrou novamente nos subterrâneos daquela colmeia de luxo, concebida para abrigar mil hóspedes. Encontrou um atendente sentado a uma mesa telefônica, numa dependência contígua à cozinha. Um livro de registro estava à sua frente. Era a hora morta.

– Por acaso o major Torrence fez uma chamada entre nove da noite e duas da manhã?

– Torrence?

– O agente instalado no gabinete azul, ao lado do 3... – explicou em termos profissionais o funcionário do escritório.

– Não houve nenhuma ligação de sua parte.

– E ninguém subiu até lá?

O raciocínio era elementar. Se Torrence havia sido atacado no próprio quarto, alguém entrara lá. Para sufocá-lo, o assassino deve ter se esgueirado por trás da vítima. E Torrence não desconfiou.

Apenas um garçom do hotel cumpria essas condições, ou tendo sido chamado pelo inspetor ou se apresentado para tirar a mesa por iniciativa própria.

– Que funcionário deixou o serviço antes do horário?

O telefonista se admirou.

– Como sabe disso? Foi um imprevisto... Pepito recebeu um telefonema avisando que o irmão estava doente...

– A que horas?

– Mais ou menos dez...

– Onde ele estava nesse momento?

– Lá em cima.

– Em que aparelho ele recebeu a chamada?

A ligação caíra na mesa central. O atendente afirmou que não transmitira nenhum recado a Pepito.

A coisa andava depressa! Maigret, no entanto, permanecia plácido e lúgubre.

– A ficha dele...? Pois o senhor deve ter uma ficha...

– Não é uma ficha propriamente dita... Pelo menos não para o que chamamos de “pessoal de sala”, que muda com frequência.

*Pepito Moretto, pensão Beauséjour, Rue des Batignolles 3. Contratado em...*

– Providencie uma ligação para a pensão Beauséjour.

Nesse ínterim, interrogou outro funcionário e soube que, indicado por um maître italiano, Pepito Moretto começara no Majestic três dias antes da chegada dos Mortimer-Levingston. Nada a lhe censurar quanto à eficiência. No início, fora designado para a “sala”, depois, a seu pedido, “fizera os apartamentos”.

A pensão Beauséjour estava na outra ponta da linha.

– Alô! Quer me chamar o Pepito Moretto? Alô! Como é? Com a bagagem...? Três horas da manhã? Obrigado! Alô! Mais uma coisinha... Ele recebia a correspondência aí no seu estabelecimento? Cartas, nunca? Obrigado! É só.

Com a mesma calma incomum, Maigret desligou.

– Que horas são? – perguntou.

– Cinco e dez...

– Chame um táxi.

Deu ao motorista o endereço do Pickwick’s Bar.

– Sabia que fecha às quatro?

– Não interessa!

O carro parou em frente ao cabaré, cujas persianas estavam arriadas. Via-se luz por baixo da porta. Maigret não ignorava que os funcionários da maioria dos estabelecimentos noturnos, às vezes quarenta homens ou mais, costumam jantar no

local antes de irem embora.

Comem na sala que os clientes acabam de deixar, quando já se varrem as serpentinas e as mulheres da faxina pegam no pesado.

Contudo, não tocou a campainha no Pickwick's. Dando as costas para o cabaré, percebeu, na esquina da Rue Fontaine, um quiosque de tabaco, ponto de encontro do pessoal de serviço nas boates, seja ao longo da noite, entre dois temas de jazz, seja depois.

O bar continuava aberto. Quando Maigret entrou, três homens tomavam um café aguado debruçados no balcão e entretinham-se com seus assuntos.

– Pepito não está?

– Faz tempo que já foi! – replicou o dono.

O comissário notou que um dos fregueses, parecendo reconhecê-lo, fazia sinal para o dono do bar se calar.

– Eu tinha um encontro com ele, às duas... – prosseguiu.

– Ele estava aqui...

– Eu sei... Mandei recado por um dançarino dali defronte.

– José?

– Esse mesmo. Ele deve ter avisado Pepito que eu estava ocupado.

O freguês que dirigira sinais ao dono tamborilava com as pontas dos dedos no balcão. Estava pálido de raiva, pois as poucas frases que deixaram escapar no bar eram suficientes para explicar os fatos.

Às dez horas, ou pouco antes disso, Pepito assassinava Torrence no Majestic.

Devia ter instruções minuciosas, pois, alegando um telefonema do irmão, largara o serviço quase imediatamente para se dirigir ao bar da esquina da Rue Fontaine e, lá, esperar.

Em dado momento, o dançarino que acabavam de chamar de José atravessou a rua e lhe passou um recado elementar de adivinhar: atire em Maigret assim que ele sair do Pickwick's.

Em outros termos, dois crimes no intervalo de poucas horas. E os dois únicos personagens capazes de ameaçar a quadrilha do letão estavam suprimidos!

Pepito atira, foge. Seu papel terminou. Ninguém o viu. Pode então ir pegar sua mala na pensão Beauséjour...

Maigret pagou a conta, saiu e, ao se voltar, viu os três fregueses bombardeando o dono do bar com censuras.

Bateu à porta do Pickwick's Bar, que uma faxineira abriu.

Como pensara, os funcionários jantavam, instalados ao longo de mesas emendadas uma na outra. Viam-se restos de frango, perdiz, sobremesas, tudo que a clientela não consumira. Trinta cabeças se voltaram para o comissário.

– Faz muito tempo que José foi embora?

– Claro, logo depois que...

Mas o chefe do pessoal, reconhecendo o comissário, que ele próprio servira, cutucou o homem que falava.

Maigret não fez rodeios.

– O endereço dele! E o certo, hein! Caso contrário, vai lhe custar caro...

– Não sei... Só o patrão...

– Onde ele está?

– Em La Varenne, na casa de campo.

– Passe-me o livro de registro.

– Mas...

– Silêncio!

Fingiram procurar nas gavetas de uma mesinha instalada atrás do palco da orquestra. Maigret atropelou os que se agitavam dessa forma e achou prontamente o registro, no qual leu:

*José Latourie, Rue Lepic 71.*

Saiu como entrara, pesadamente, enquanto os garçons, intranquilos, voltavam aos seus pratos.

Estava a dois passos da Rue Lepic. Mas o 71 ficava quase no topo da ladeira. Sentindo falta de ar, foi obrigado a parar duas vezes.

Viu-se finalmente à porta de uma pensão no gênero da Beauséjour, apenas mais sórdida, e tocou. A porta abriu-se automaticamente. Ele bateu numa janelinha de vidro e um garçom da noite terminou por emergir da cama.

– José Latourie?

O funcionário verificou no quadro afixado na cabeceira de seu leito de campanha.

– Ainda não voltou! A chave continua aqui...

– Passe para cá! Polícia...

– Mas...

– Depressa!

O fato é que, naquela noite, ninguém lhe resistiu. E, não obstante, ele não tinha nem a severidade nem a rispidez de costume. Mas será que, de um modo confuso, não percebiam que assim era pior?

– Qual é o andar?

– Quarto!

Comprido e estreito, o cômodo cheirava a mofo. A cama estava desfeita. José, como a maioria de seus pares, ficava na cama até as quatro da tarde, horário a partir do qual os donos de pensão se recusam a fazer os quartos.

Um velho pijama, puído na gola e nos cotovelos, estava jogado sobre os lençóis. No chão, um par de sapatos sociais com o calcanhar rasgado e a sola furada tinha virado chinelo.

Numa bolsa de viagem em imitação de couro, havia apenas jornais velhos e uma calça preta remendada.

Acima do vaso sanitário, um sabonete, uma pomada, comprimidos de aspirina e um tubo de barbitúrico.

No chão, um pedaço de papel embolado, que Maigret recolheu e desdobrou com cuidado. Não precisou aproximá-lo das narinas para saber que contivera heroína.

Quinze minutos depois, o comissário, que esquadrinhara todos os desvãos, detectou um buraco no forro da única poltrona, introduziu o dedo e, um depois do outro, retirou onze saquinhos da mesma droga, cada um com um grama.

Guardou-os na carteira e desceu a escada. Na Place Blanche, abordou um policial, deu-lhe instruções e ele foi postar-se nas proximidades do 71.

Maigret lembrava-se do rapaz de cabelos pretos: um gigolô enfermiço, com olhos amedrontados, que, desastrado, esbarrara em sua mesa ao passar perto dele quando voltara de seu encontro com Moretto.

Desfechado o golpe, ele não se atrevera a voltar para casa, preferindo abandonar seus três andrajos e os onze saquinhos, que, no varejo, em todo caso, representavam uns bons mil francos.

Aquele seria agarrado mais dia menos dia, pois, além de lhe faltar massa cinzenta, devia estar com o medo nos calcanhares.

O sangue-frio de Pepito era de outra natureza. Poderia ter ido para uma estação esperar a partida do primeiro trem; ou se diluído no subúrbio; ou, simplesmente, mudado de bairro e de hotel.

Maigret chamou um táxi e quase deu o endereço do Majestic. Calculou, no entanto, que a função não terminara por lá. Em outras palavras, Torrence continuava no quarto.

– Quai des Orfèvres...

Ao passar por Jean, compreendeu que ele já sabia e desviou a cabeça como um culpado.

Ignorou a estufa. Não tirou capa nem colarinho.

Ficou imóvel por duas horas, com os cotovelos na mesa. Quando cogitou ler um memorando, provavelmente deixado ali durante a noite, já amanhecia.

*Ao comissário Maigret. Urgente.*

*Um homem de terno penetrou por volta das onze e meia na pensão Roi de Sicile, onde permaneceu por dez minutos. Foi embora de limusine. O russo não saiu.*

Maigret não se mexeu. E as notícias chegaram todas ao mesmo tempo. Primeiro, foi um telefonema do comissariado do bairro de Courcelles.

– Um cara chamado José Latourie, dançarino popular, foi encontrado morto próximo à entrada do Parc Monceau. Marcas de três facadas. A carteira não foi roubada. Ignoramos quando e em que circunstâncias o crime foi cometido.

Maigret, de sua parte, não ignorava! Visualizou instantaneamente Pepito Moretto saindo do Pickwick's atrás do rapaz e, encontrando-o fora de si, prestes a dar com a língua nos dentes, assassinando-o sem nem sequer dar-se ao trabalho de levar sua carteira e documentos de identidade; seria um desafio?

“Pensou que chegaria a nós por intermédio dele? Pois veja como ele ficou!”, parecia dizer.

Oito e meia. Ao telefone, a voz do gerente do Majestic.

– Alô! Comissário Maigret? É inacreditável, inconcebível! Há poucos minutos, o 17 chamou... O 17! Lembra-se? Aquele que...

– Oswald Oppenheim, sim... E daí?

– Mande um garçom... Oppenheim, deitado como se nada tivesse acontecido, pediu o café da manhã...

Maigret permaneceu imóvel durante duas horas. Quando quis levantar-se, mal pôde mexer o braço e foi obrigado a tocar e chamar Jean para ajudá-lo a vestir o casaco.

– Mande vir um táxi...

Minutos depois, adentrava a casa do dr. Lecourbe, à Rue Monsieur-le-Prince. Embora houvesse seis clientes aguardando na sala de espera, fizeram-no desviar pelo apartamento e, tão logo o consultório ficou livre, ele foi atendido.

Só deixou o local uma hora depois. Seu peito latejava. As olheiras eram tão profundas que alteravam seu olhar, como se Maigret estivesse maquiado.

– Rue du Roi-de-Sicile! Mando parar quando chegarmos...

A certa distância, avistou seus dois inspetores circulando defronte à pensão. Desembarcou do táxi e foi ao seu encontro.

– Ele não saiu?

– Não... Fizemos um revezamento rigoroso...

– Quem saiu da pensão?

– Um velhinho recurvado, depois dois rapazes, depois uma mulher de uns trinta anos...

Maigret encolheu os ombros e suspirou:

– O velhinho tinha barba?

– Tinha...

Sem uma palavra, deixou-os, subiu a escada estreita e passou em frente à cabine. Dali a pouco, sacudia a porta do quarto 32. Uma voz de mulher respondeu numa língua desconhecida. A porta cedeu e ele viu Anna Górskina, seminua, saindo da cama.

– Onde está seu amante? – perguntou.

Falava com displicência, meio às pressas, sem dar-se ao trabalho de revistar o cômodo.

Anna Górskina gritou:

– Fora daqui! O senhor não tem o direito...

Porém, fleumático, ele recolheu no assoalho a capa que conhecia. Fez menção de procurar outra coisa. Percebeu ao pé da cama a calça cinzenta de Fiódor Iúrovitch.

Por outro lado, não havia sapatos masculinos no quarto.

A judia, no mesmo penhoar, cravava-lhe o olhar furioso.

– Acha que, por sermos estrangeiros...

Ele não lhe deu tempo de extravasar sua raiva. Tranquilamente, saiu e fechou a porta, que ela reabriu quando ele ainda não descera um andar. No hall, limitou-se a ofegar, sem pronunciar uma palavra. Debruçada na balaustrada, ela o acompanhou com os olhos e, subitamente, não aguentando mais, sentindo a necessidade lancinante de fazer uma coisa qualquer, cuspiu.

A saliva caiu a poucos centímetros do comissário, num estalo seco.

O inspetor Dufour pediu instruções.

– E agora?

– Vigie a mulher... Esta não irá se disfarçar de velhinho...

– Está querendo dizer que...

Claro que não! Não queria dizer nada! Não estava com cabeça para polemizar. Entrou novamente no táxi.

– Para o Majestic...

O inspetor, deprimido, humilhado, observou-o partir.

– Faça o que puder! – gritou-lhe Maigret.

Não era sua intenção magoar o colega. Se este se deixara lograr, não era culpa sua. Afinal, Maigret não permitira que matassem Torrence?

O gerente esperava à porta, o que era uma atitude inédita.

– Finalmente! Compreenda... Não sei mais o que fazer... Vieram procurar o seu... seu amigo... Garantiram que os jornais não abrirão o bico... Mas *o outro* está aqui... Ele está aqui!

– Ninguém viu quando ele voltou?

– Ninguém! É justamente isso que... Escute! Como falei ao telefone, ele chamou... Quando o garçom se apresentou, ele pediu o café... Estava na cama...

– Mortimer?

– Acha que existe um elo...? Não é possível! É um homem conhecido... Ministros e banqueiros vieram visitá-lo aqui mesmo...

– O que Oppenheim faz no momento?

– Acaba de tomar um banho... Acho que está se vestindo...

– E Mortimer?

– Os Mortimer ainda não chamaram... Dormem um sono profundo...

– Me faça a descrição de Pepito Moretto...

– Sim... Me contaram... Nunca o vi pessoalmente... Quer dizer, reparei nele... Temos tantos funcionários... Mas me informei... Um homem baixo, pele morena, cabelo preto, atarracado, que passava dias sem dizer uma palavra...

Maigret transcreveu numa folha avulsa, meteu-a num envelope e escreveu o endereço do seu chefe. Junto com as impressões digitais, que sem sombra de dúvida haviam sido extraídas no quarto onde Torrence estava morto, devia bastar.

– Mande levar isso à Chefatura...

– Sim, senhor comissário...

O gerente abaixara um pouco a crista, percebendo que os acontecimentos ameaçavam assumir proporções desastrosas.

– Que providências o senhor irá tomar?

O comissário, porém, espaçoso e desajeitado, já se afastava, posicionando-se no meio do saguão, como os turistas nas igrejas históricas, onde, sem ajuda do sacristão,

tentam perscrutar o que há de interessante.

Um raio de sol dourava todo o saguão do Majestic.

Às nove da manhã, não havia quase ninguém ali. Raros hóspedes tomavam o café da manhã, em mesas isoladas, lendo os jornais.

Maigret terminou por desabar na cadeira de lona, próximo ao chafariz, que, por um motivo qualquer, não funcionava esse dia. Os peixes vermelhos, no tanque de cerâmica, permaneciam obstinadamente imóveis, apenas suas bocas se abriam e fechavam no vazio.

A boca aberta de Torrence voltou à mente do comissário. Parecia muito impressionado, pois se agitou muito tempo até encontrar uma posição razoável.

Dois escassos funcionários circulavam. Maigret acompanhava-os com os olhos, sabendo que, a qualquer instante, uma bala poderia ser disparada.

O embate atingia o seu clímax.

O fato de Maigret haver descoberto a identidade de Oppenheim, vulgo Pietr, o letão, não mudava muita coisa, e o policial não arriscava alto.

O letão não fazia questão de se esconder, desafiava a Sûreté, certo de não haver nenhuma acusação contra ele.

Prova disso era a série de telegramas seguindo seu rastro passo a passo, de Cracóvia a Bremen, de Bremen a Amsterdã, de Amsterdã a Bruxelas e Paris.

Agora, entretanto, havia a morte no Estrela do Norte! Havia, acima de tudo, uma descoberta de Maigret: as insólitas relações entre o letão e Mortimer-Levingston.

E essa descoberta era capital!

Pietr era um bandido que admitia sê-lo, limitando-se a dizer à polícia internacional: "Tente me pegar com a mão na massa!".

Mortimer, para o mundo inteiro, era um homem honesto!

Duas criaturas estavam em condições de revelar os vínculos Pietr-Mortimer.

E, na mesma noite, Torrence era executado! Maigret, baleado na Rue Fontaine!

Um terceiro personagem, pobre-diabo que decerto entrara de gaiato na história mas poderia deflagrar um novo inquérito, era suprimido: José Latourie, dançarino popular.

Ora, Mortimer e o letão, sem dúvida confiantes nessa tripla execução, haviam recupado seus lugares. Estavam lá em cima, em seus apartamentos suntuosos, dispunham da equipe de um hotel de luxo, tomavam banho, almoçavam e se vestiam.

Maigret, sozinho, os esperava, desconjuntado numa cadeira de lona, um lado do peito rígido e lancinante, o braço direito praticamente imobilizado por uma dor sorradeira.

Estava autorizado a prendê-los. Sabia, contudo, que isso não daria em nada. A rigor, não seria difícil desencavar testemunhas contra Pietr, o letão, vulgo Fiódor Iúrovitch, vulgo Oswald Oppenheim, o qual certamente adotava ainda diversos outros nomes, talvez inclusive o de Olaf Swaan.

Mas e contra Mortimer-Levingston, bilionário americano? Uma hora após sua prisão, a embaixada dos Estados Unidos protestaria! Os bancos franceses e companhias financeiras e industriais que ele geria acionariam os políticos.

Qual seria a prova? O indício? O fato de ele haver sumido, depois do letão, por algumas horas?

De haver jantado no Pickwick's e sua mulher dançado com José Latourie?

De um inspetor de polícia tê-lo visto penetrar numa pensão sórdida chamada Roi de Sicile?

Tudo isso seria reduzido a pó! Cumpriria não só apresentar desculpas como, para ficar bem com os Estados Unidos, tomar determinadas medidas, afastar Maigret do caso, ao menos pró-forma.

Torrence estava morto!

Devia ter atravessado aquele mesmo saguão, numa padiola, às primeiras luzes da manhã. A menos que, evitando impor esse espetáculo degradante a algum hóspede madrugador, o gerente houvesse conseguido trasladá-lo pelas dependências de serviço!

Não era impossível! Os corredores estreitos, as escadas em caracol, onde a padiola batera nas barras...

Toque do telefone, atrás do balcão de mogno. Vaivéns. Ordens apressadas.

O gerente se aproximou.

– A sra. Mortimer-Levingston está de partida... Acabam de ligar de seu aposento, para apanharem sua mala... O carro chegou.

Maigret sorriu palidamente.

– Qual é o trem? – perguntou.

– Ela pegará o avião para Berlim, no Bourget...

Ele não terminara e ela apareceu, vestindo um casaco de viagem em tons de cinza, na mão uma bolsa de crocodilo. Tinha pressa. Ao chegar à porta giratória, no entanto, não pôde se abster de voltar a cabeça.

Para que ela o visse bem, Maigret fez um esforço e levantou-se. Constatou que ela mordeu o lábio e saiu com maior precipitação ainda, gesticulando e dando suas ordens ao motorista.

Alguém chamou o gerente. O comissário se viu sozinho, em pé diante do chafariz, que de repente deu para funcionar. Deviam ligar o repuxo nas horas redondas.

Eram dez horas.

Abriu outro sorriso, este secreto, e voltou a sentar pesadamente, porém com cautela, pois ao menor gesto o ferimento, cada vez mais sensível, ardia.

– Estão descartando os fracos...

Pois era efetivamente isto! Depois de José Latourie, considerado muito vulnerável e tirado da reta com três facadas no peito, afastavam a sra. Mortimer, igualmente impressionável. Despachavam-na para Berlim! Um tratamento privilegiado!

Restavam os fortes: Pietr, o letão, em seus infindáveis disfarces, Mortimer-Levingston, que decerto nada perdera de seus ares aristocráticos, e Pepito Moretto, o matador da quadrilha.

Todos os três, ligados por cordões invisíveis, faziam seus preparativos.

O inimigo estava ali, no focinho deles, no meio do saguão que começava a ganhar vida, imóvel numa poltrona de vime, as pernas esticadas, recebendo no rosto o vapor d'água do chafariz, que emitia um ligeiro assobio.

O elevador parou.

Pietr, o letão, foi o primeiro a surgir, num elegante terno cor de canela, Henry Clay nos lábios.

Estava em casa. Pagava por isso. Desenvolto, seguro de si, deambulou no saguão,

parou aqui e ali diante das vitrines que as grandes marcas instalam nos hotéis de luxo, pediu fogo ao mensageiro, examinou o quadro com a última cotação das moedas estrangeiras e acomodou-se, a menos de três metros de Maigret, de frente para o chafariz, o olho pregado nos peixes vermelhos, aparentemente artificiais; deu então um peteleco na cinza do cigarro, jogando-a no tanque, e dirigiu-se à sala de leitura.

Pietr, o letão, passou os olhos nos jornais, concedendo mais atenção ao *Revaler Bote*, gazeta estoniana de que o Majestic só dispunha de um número antigo, possivelmente esquecido por um hóspede.

Pouco antes das onze horas, acendeu outro charuto, atravessou o saguão e pediu o chapéu ao mensageiro.

Graças ao sol, que irrigava toda uma metade dos Champs-Élysées, o tempo estava bem ameno.

O letão, sem agasalho e com um gorro cinza na cabeça, saiu e, em passos lentos, parecendo apenas em busca de ar puro, tomou a direção da Étoile.

Maigret o seguia à curta distância, sem procurar se esconder. O curativo, que dificultava seus movimentos, fazia-o execrar aquele passeio.

Na esquina da Rue de Berry, ouviu um leve assobio a poucos metros. Ignorou-o. O assobio recomeçou. Então, voltando-se, ele viu o inspetor Dufour, em vias de executar uma mímica toda misteriosa para sinalizar que tinha algo a comunicar ao chefe.

Posicionado na Rue de Berry, o inspetor fingia-se absorto na contemplação da vitrine de uma farmácia, de modo que seu gestual parecia dirigir-se a uma cabeça de cera feminina cuja face fora meticulosamente revestida por eczemas.

– Apareça! Vamos! Avie-se...

Atitude que deixou Dufour chateado e indignado ao mesmo tempo. Fazia uma hora que rondava os arredores do Majestic, recorrendo às astúcias mais sagazes, e o comissário se limitava a ordenar que ele aparecesse!

– O que há?

– É a judia...

– Saiu?

– Está aqui... E, já que me obrigou a aparecer, está olhando para cá neste exato momento...

Maigret olhou em volta.

– Onde?

– No Select... Lá dentro... Mas espere! A cortina vermelha...

– Continue a vigiar...

– Sem me esconder...

– Tome um aperitivo na mesa ao lado da sua, se julgar divertido.

Pois, àquela altura do jogo, teria sido inútil dissimular. Maigret seguiu adiante e, não mais de duzentos metros à frente, alcançou o letão, que abriu mão de se aproveitar daquele encontro para escapar à sua vigilância.

E como escapar-lhe? O campo do jogo mudara. Os adversários se viam. Praticamente todas as cartas haviam sido baixadas.

Pietr percorreu duas vezes o caminho da Étoile à Rotatória e, no fim, Maigret conhecia seu tipo nos mais ínfimos detalhes, tendo captado profundamente seu caráter.

Era um tipo esguio, nervoso, no fundo mais sofisticado que o de um Mortimer, sofisticado, porém, à maneira dos homens do Norte.

O comissário estudara alguns da mesma têtpera, todos eles intelectuais. E aqueles com quem convivera, no Quartier Latin, por ocasião de estudos de medicina inacabados, haviam desconcertado o latino que ele era.

Lembrava-se de um deles, em especial, um polonês magro e louro, com os cabelos já ralos aos vinte e dois anos, cuja mãe, em seu país, era faxineira, e o qual cursara a Sorbonne, sem meias nos pés, comendo apenas um pedaço de pão e um ovo diariamente.

Sua condição financeira não lhe permitia comprar os manuais e ele era obrigado a estudar nas bibliotecas públicas.

Não conhecia nada de Paris, nem das mulheres, nem do caráter francês. Apesar disso, mal terminara os estudos, ofereceram-lhe uma cátedra importante em Varsóvia. Cinco anos mais tarde, Maigret o via de volta a Paris, ressequido e frio como antes, integrando uma delegação de cientistas estrangeiros e jantando no Élysée.

O comissário conhecera outros no gênero. Nem todos tinham o mesmo mérito. Mas quase todos surpreendiam pelo número e diversidade de coisas que queriam aprender e aprendiam.

Estudar por estudar! Como aquele professor de uma universidade belga que sabia todos os dialetos do Extremo Oriente (cerca de quarenta), sem nunca ter posto os pés na Ásia, não demonstrando, aliás, interesse algum pelos povos cuja linguagem dissecava como diletante.

Era uma vontade desse quilate que se via nos olhos esverdeados do letão. Contudo, quando se julgava possível englobá-lo nessa linhagem de intelectuais, afloravam outros elementos que voltavam a suscitar dúvidas.

De certa forma, entrevia-se a sombra do russo Fiódor Iúrovitch, o vagabundo da capa de chuva, se superpondo à silhueta esmerada do hóspede do Majestic.

O fato de constituírem um único e mesmo homem era uma certeza moral, logo, quase material.

Na noite de sua chegada, Pietr desaparecia. Na manhã seguinte, Maigret o reencontrava em Fécamp sob os traços de Fiódor Iúrovitch.

Retornava à Rue du Roi-de-Sicile. Poucas horas depois, Mortimer entrava na pensão. Várias pessoas então saíam do estabelecimento, entre elas um velho de barba.

E, pela manhã, Pietr, o letão, voltava a ocupar seu lugar no Majestic.

O mais espantoso é que, afora uma semelhança física deveras impressionante, não havia nenhuma característica comum entre essas duas encarnações.

Fiódor Iúrovitch era efetivamente um vagabundo eslavo, um degenerado nostálgico e desajustado. Nenhuma nota dissonante. Nenhum deslize, por exemplo,

quando se aboletava na espelunca de Fécamp.

Nenhuma imperfeição, em contrapartida, no personagem do letão, que, por sua vez, era um apurado intelectual da cabeça aos pés, tanto na maneira de pedir fogo a um empregado de hotel como na de portar seu chapéu de veludo cinza de grife inglesa, tanto na desenvoltura com que aspirava o ar ensolarado dos Champs-Élysées como ao olhar uma vitrine.

Uma perfeição que não vigorava somente na superfície! Maigret também já representara papéis. Se a polícia se disfarça e se traveste menos do que supomos, por outro lado isso às vezes é uma necessidade.

Ora, Maigret, maquiado, continuava Maigret em determinados traços de sua pessoa, num olhar, num trejeito.

Maigret como grande comerciante de gado, por exemplo (acontecera e dera certo), *representava* o comerciante de gado. Mas não o era. O personagem não passava de fachada.

Pietr-Fiódor era ou Pietr ou Fiódor *por dentro*.

E a impressão do comissário poderia ser resumida nestes termos: ele era ao mesmo tempo um e outro não só pela indumentária, como por essência.

Vivia alternadamente aquelas duas vidas, em tudo díspares, sem dúvida havia muito tempo, talvez desde sempre.

Eram estas as ideias descosidas que assaltavam Maigret, enquanto ele caminhava lentamente, numa atmosfera amena e saborosa.

Subitamente, porém, o personagem do letão descamou-se.

As circunstâncias que geraram o fato foram significativas. Ele havia parado na altura do Fouquet's, dando mesmo a entender que atravessaria a avenida, com a intenção manifesta de tomar um aperitivo no balcão daquele estabelecimento de luxo.

Ora, ele mudou de ideia e seguiu pela calçada, apertando bruscamente o passo e entrando na Rue Washington.

Ali, tal como nas quebradas dos bairros mais ricos, há uma birosca frequentada por motoristas de táxi e empregados domésticos.

Pietr entrou. O comissário entrou atrás, justo no momento em que ele pedia um absinto falsificado.

Ele estava em pé, diante do balcão em forma de ferradura que, de tempos em tempos, um garçom de avental secava com um pano sujo. À sua esquerda, um grupo de pedreiros cobertos de cal. À direita, um cobrador da Companhia de Gás.

A correção e o luxo requintado dos mais ínfimos detalhes de sua roupa faziam o letão destoar.

Via-se brilhar seu bigodinho à escovinha, louríssimo, as sobranceiras ralas. Ele observou Maigret não de frente, e sim por intermédio de um espelho.

E o comissário percebeu um frêmito dos lábios, um franzir imperceptível das narinas.

Pietr foi obrigado a se controlar. Começou a beber devagar, mas logo estava engolindo de um trago o que restava no copo e desenhando com o dedo um gesto que significava: "Encha de novo!".

Maigret pedira um vermute. Naquele bar minúsculo, ele parecia maior e mais corpulento do que em outros lugares. Não desgrudava os olhos do letão.

De certa forma, vivia duas cenas ao mesmo tempo. Tal como antes, as imagens se superpunham. A sórdida birosca de Fécamp esgueirava-se por trás do cenário atual. Pietr se duplicava. Maigret o via ao mesmo tempo no terno pêssego e na gabardine surrada.

– Já falei que me viro sozinho! – dizia um dos pedreiros, batendo o fundo do copo no balcão.

Pietr tomava o terceiro aperitivo opalino, cujo aroma de anis o policial inalava.

Em virtude de um deslocamento do funcionário do gás, os dois homens terminaram por tocar-se os cotovelos.

Maigret era duas cabeças mais alto que o homem. Ambos confrontavam um espelho, e era em sua água embaciada que se estudavam.

Foi pelos olhos que a fisionomia do letão começou a se alterar. Estalando dedos secos e brancos, ele apontou para o copo e esfregou a testa com a mão.

E então, gradualmente, deflagrou-se uma espécie de batalha em suas feições. No espelho, Maigret via ora a fisionomia do hóspede do Majestic, ora o semblante atormentado do amante de Anna Górskina.

Tal semblante, contudo, reprimido mediante um trabalho desesperado dos músculos, nunca aflorava por completo. Apenas os olhos continuavam a ser os olhos do russo.

A mão esquerda agarrava-se à beirada do balcão. O corpo vacilava.

Maigret resolveu fazer um teste. Tinha no bolso o retrato da sra. Swann, que ele descolara do álbum do fotógrafo de Fécamp.

– Devo-lhe... – indagou ao garçom.

– Quarenta e dois *sous*...

Fingiu procurar na carteira e deixou cair a fotografia, que se expôs na superfície molhada, entre as bordas do balcão.

Ele fez que não viu e estendeu uma cédula de cinco francos. Mas seu olhar mergulhava no espelho.

O garçom, atônito, recolhera o retrato e enxugava-o no avental.

Pietr, o letão, estrangulava o copo, olhar impávido, traços imóveis.

Então, de repente, ouviu-se um ruído sutil e inesperado, tão nítido que o dono do bar, ocupado no caixa, voltou-se por inteiro.

A mão do letão se abriu, despejando os cacos do copo no balcão.

Ele o pulverizara, lentamente. Um corte fino, em seu indicador, sangrava.

Jogando para o alto uma nota de cem francos, saiu, sem olhar para Maigret.

Tomou a direção do Majestic. Nenhum vestígio de embriaguez. O aspecto era o mesmo de quando ele saíra, assim como seu andar, preciso.

Maigret, obstinado, seguia-o nos calcanhares. Ao chegar diante do hotel, viu um carro arrancando e o reconheceu. Era a viatura da Perícia Técnica, com as câmeras fotográficas e o detector de impressões digitais.

Esse encontro esfriou sua investida. Por um instante perdeu a confiança, sentindo-se desgarrado, sem ponto de apoio.

Passava em frente ao Select. O inspetor Dufour fez-lhe um sinal através do vidro

que, embora se pretendesse confidencial, designava expressamente, à vista de todos, a mesa da judia.

– Mortimer? – indagou o comissário, detendo-se na recepção do hotel.

– Acaba de entrar num carro com destino à embaixada dos Estados Unidos, onde irá almoçar...

Pietr, o letão, instalou-se à sua mesa no refeitório, que estava vazio.

– Também almoça? – perguntou o gerente a Maigret.

– Sim, ponha meu talher na mesa dele.

O outro quase engasgou.

– Na mesa? Impossível! A sala está vazia e...

– Eu disse na mesa dele.

Sem se dar por vencido, o gerente correu atrás do policial.

– Escute! Com certeza ele fará um escândalo... Posso acomodá-lo em outra mesa da qual o verá da mesma forma.

– Eu disse na mesa dele.

Foi nesse momento, enquanto circulava pelo saguão, que se deu conta de seu cansaço. Um cansaço sutil, que afetava não só o todo o seu corpo, como todo o seu ser, carne e alma.

Deixou-se cair na cadeira de vime onde sentara pela manhã. Um casal, formado por uma senhora já madura e um homem mais jovem com ares de dândi, se levantou na mesma hora e, enquanto manipulava nervosamente o lornhão, a mulher comentou, de maneira a ser ouvida:

– Esses hotéis estão ficando impossíveis... Olhe só para isso...

Isso era Maigret, que nem ao menos sorriu!

– Alô! Hum... É o senhor, não é?

– Sim, Maigret! – suspirou o comissário, que reconheceu a voz do inspetor Dufour.

– Psiu! Curto e grosso, chefe... Fui lavabo... Bolsa na mesa... Acerquei-me... Contém revólver.

– Ela continua aí?

– Faz refeição...

Na cabine telefônica, Dufour parecia um conspirador, executando gestos cabalísticos e assustados. Maigret desligou sem dizer nada. Não tinha coragem de responder. As pequenas contrariedades, que normalmente o faziam sorrir, davam-lhe uma espécie de náusea.

O gerente resignara-se a colocar um talher diante do letão, que, já instalado, perguntou ao maître:

– Para quem está reservado este lugar?

– Não sei, cavalheiro. São ordens...

E ele não insistira. Uma família inglesa, composta de cinco pessoas, irrompeu no refeitório e amenizou um pouco a frieza do ambiente.

Maigret, após deixar o chapéu e a pesada capa no guarda-casacos, atravessou o recinto e, chegando a esboçar uma sombra de cumprimento, fez uma pausa antes de sentar.

Mas Pietr pareceu não vê-lo. Os quatro ou cinco aperitivos que bebera haviam ficado para trás. Estava frio, correto, preciso nos gestos.

Em instante algum traiu qualquer nervosismo, o olhar distante passava a impressão de um engenheiro ruminando algum problema técnico.

Bebia pouco, mas escolhera um dos melhores borghonas dos últimos vinte anos.

Comia frugalmente: omelete *aux herbes* e escalopes ao creme de leite.

Com as duas mãos entre as travessas colocadas à sua frente, esperava sem impaciência, alheio ao que se passava em volta.

O refeitório foi sendo tomado.

– Seu bigode está descolando... – Maigret deixou escapar de repente.

Ele não piscou; instantes depois, limitou-se a passar displicentemente dois dedos nos lábios. Era verdade, ainda que mal se percebesse.

O comissário, cuja calma era proverbial na Chefatura, tinha dificuldade para manter

o sangue-frio.

E passaria por uma rude provação pelo resto da tarde.

Tudo bem, não esperava que o letão arriscasse, à vista de todos, uma manobra comprometedora.

Mas não haveria nele, desde a manhã, um começo de erosão? E não seria plausível, com a presença daquele vulto sempre interposto como uma tela inerte entre ele e a luz, levá-lo ao limite?

O letão tomou o café no saguão, pediu que lhe trouxessem um paletó leve, desceu os Champs-Élysées e, pouco depois das duas horas, entrou num cinema do bairro.

Do qual só veio a sair às seis, sem haver dirigido a palavra a quem quer que fosse, sem haver escrito ou arriscado o mais ínfimo gesto equívoco.

Confortável em sua poltrona, acompanhara atentamente as peripécias de um filme banal.

Se houvesse se voltado, enquanto se dirigia à Place de l'Opéra, onde tomou o aperitivo, teria constatado que o vulto de Maigret não transpirava mais a mesma energia.

Quem sabe não teria pressentido que o comissário começava a desconfiar dele?

Isso era tão verdadeiro que, durante as horas passadas na penumbra, diante de uma tela em que se agitavam imagens que ele não procurava discernir, o policial não deixara de considerar a eventualidade de uma prisão-relâmpago.

Nesse caso, contudo, sabia perfeitamente o que teria pela frente! Nenhuma prova material categórica! Sem falar que um forte jogo de influências pressionava o juiz de instrução, o Ministério Público e até mesmo os ministérios das Relações Exteriores e da Justiça!

Caminhava um pouco curvado. O ferimento doía, o braço direito praticamente não se mexia mais. Ora, o médico recomendara-lhe com insistência:

– Se a dor piorar, me procure sem perda de tempo! É porque o ferimento infeccionou...

E daí? Ele tinha tempo de pensar nisso?

– Olhe só para isso! – dissera pela manhã uma hóspede do Majestic.

Com mil demônios! Isso era um policial que tentava impedir barões do crime de prosseguir com seus golpes e se obstinava em vingar um colega assassinado naquele mesmo hotel de luxo!

Isso era um homem que não fazia suas roupas num alfaiate inglês, que não tinha tempo de passar as mãos na manicure e cuja mulher, nos últimos três dias, resignada e alheia a tudo, preparava o jantar em vão.

Isso era um comissário de primeira classe com salários de dois mil e duzentos francos por mês que, encerrado um caso, engaiolados os assassinos, era obrigado a sentar-se diante de uma folha de papel, fazer a lista de suas despesas, anexar-lhe recibos e formulários justificativos e ainda argumentar com o tesoureiro!

Maigret não tinha automóvel, nem milhões, nem muitos colaboradores. E, embora aceitasse dispor de um ou dois agentes, depois precisava provar sua utilidade.

Pietr, o letão, a três passos dele, pagou o aperitivo com uma cédula de cinquenta francos e não esperou pelo troco. Mania ou blefe! Em seguida, entrou numa camisaria, onde, sem dúvida de pirraça, passou meia hora escolhendo doze gravatas e três robes de chambre, deixou seu cartão de visitas no balcão e dirigiu-se à saída, enquanto um vendedor impecável o seguia lambendo-lhe as botas.

O ferimento agravara-se de vez. Maigret sentia pontadas no ombro direito e uma pressão no peito, como se o estômago se imiscuísse naquilo.

Rue de la Paix, Place Vendôme, Faubourg Saint-Honoré! Pietr, o letão, passeava...

Finalmente, o Majestic, cujos porteiros se precipitaram para abrir a porta giratória.

– Chefe...

– Você de novo?

Era o inspetor Dufour, hesitante, olhar ansioso, que saía da sombra.

– Escute... Ela sumiu...

– Como é que é?

– Fiz o que pude, juro! Ela saiu do Select. No instante seguinte, entrou no 52, uma casa de modas. Esperei uma hora, antes de interrogar o porteiro. Não foi vista nos salões do primeiro andar. Ela simplesmente atravessou o prédio, que tem uma saída na Rue de Berry...

– Que beleza!

– O que devo fazer?

– Descansar!

Dufour olhou o comissário nos olhos, desviando nervosamente a cabeça.

– Juro que...

Para seu grande estupor, Maigret lhe deu um tapinha no ombro.

– Você é um bom sujeito, Dufour! Não se preocupe, meu velho...

Entrou no Majestic e, flagrando a cara de poucos amigos do gerente, dirigiu-lhe um sorriso.

– O letão?

– Acaba de subir.

Maigret percebeu o elevador.

– Segundo andar...

Encheu o cachimbo e, de repente, abrindo um novo sorriso, ligeiramente mais triste que o anterior, constatou que, fazia horas, se esquecera de fumar.

Diante da porta do 17, não vacilou. Bateu. Uma voz gritou que entrasse. Fez isso e fechou a porta atrás de si.

Na sala, a despeito dos radiadores, havia um fogo de lenha, aceso à guisa de decoração. O letão, com os cotovelos no aparador da lareira, empurrava com o pé um papel incandescente, a fim de ativar sua combustão.

Ao primeiro relance, Maigret percebeu que ele estava menos calmo do que antes, mas teve suficiente autocontrole para não deixar transparecer sua alegria por conta disso.

Com a mãozorra agarrou pelo encosto uma minúscula cadeira dourada e deslocou-a até a distância de um metro da lareira. Ali, recolocou-a sobre os pés frágeis e nela se escanchou.

Seria pelo cachimbo novamente na boca? Ou era todo o seu ser que reagia, após as horas de abatimento ou antes vacilação, que acabava de vivenciar?

Fato é que naquele momento estava mais sólido do que nunca. Era duas vezes Maigret, se isso fosse possível. Um bloco esculpido em madeira de lei, ou melhor, concreto armado.

Descansou os cotovelos no espaldar da cadeira. Via-se que, provocado ao limite,

era capaz de agarrar o pescoço de seu homem com uma única mão e estraçalhar sua cabeça na parede.

– Mortimer voltou? – articulou.

O letão, que observava o papel queimando, levantou subitamente a cabeça.

– Não tenho ideia...

Seus dedos estavam contraídos, o que não escapou a Maigret. Tampouco lhe escapou que uma valise, antes ausente no quarto, se encontrava junto à porta.

Era uma bolsa de viagem comum, que custava no máximo uma centena de francos e destoava naquele cenário.

– O que tem aí dentro?

Nenhuma resposta, tão só um esgar nervoso, espasmódico, nas feições. No fim, uma pergunta:

– Está me prendendo?

E parecia que, contra um fundo de ansiedade, certo alívio aflorava na voz do homem.

– Ainda não...

Maigret se levantou e foi pegar a bolsa, que empurrou com o pé até a lareira e abriu. Continha um terno cinzento comprado pronto, novo em folha, cuja etiqueta, marcada com algarismos convencionais, haviam esquecido de arrancar.

O comissário pegou o telefone.

– Alô! Mortimer voltou... Não? E ninguém deixou nada para o 17? Alô! Sim... Um embrulho de uma camisaria dos Grands Boulevards? Não é necessário trazer aqui para cima...

Desligou e perguntou com rispidez:

– Onde está Anna Górskina?

Tinha finalmente a sensação de avançar!

– Procure...

– Em outras palavras, não está no apartamento... Mas esteve... Trouxe essa bolsa de viagem, além de uma carta...

Com um piparote, o letão derrubou as cinzas do papel queimado, reduzindo-o a pó.

O comissário sentia ser o momento para palavras ociosas, pois, embora na pista certa, qualquer passo em falso o faria perder a vantagem.

Movido pelo hábito, levantou-se e aproximou-se do fogo, tão bruscamente que Pietr estremeceu, esboçando um gesto de defesa que não concretizou e o fez corar.

Pois Maigret apenas se instalara de costas para o fogo. Dava densas baforadas no cachimbo.

A partir de então o silêncio pesou, tão demorado, tão cheio de coisas que fazia mal aos nervos.

O letão, pisando em ovos, se esforçava para manter a linha. Em resposta ao cachimbo de Maigret, acendeu um cigarro.

O policial pôs-se a andar de um lado para outro, quase quebrando, ao nele se apoiar, o móvel destinado ao telefone.

O outro não percebeu que ele apertava o botão sem tirar o fone do gancho. O resultado foi imediato. A campainha disparou. Era da portaria:

- Alô! Chamou?
- Alô! Sim... Pode repetir?
- Alô! É da portaria...

E Maigret, imperturbável:

- Alô... Sim... Mortimer? Obrigado! Estarei com ele em um instante...
- Alô! Alô...

Mal recolocara o fone no gancho, o aparelho tocou novamente. A voz do gerente insistia:

- O que está havendo? Não compreendo...
- Droga! – rosnou Maigret.

Cravava seu olhar no letão, que empalidecera mais ainda e, por um segundo, fez menção de correr para a porta.

– Não é nada! – disse-lhe o comissário. – Mortimer-Levingston está de volta. Pedi que me avisassem.

Viu gotas de suor na testa de seu interlocutor.

- Falávamos da bolsa e da carta que a acompanhava... Anna Górskina...
- Anna nunca participou do esquema...
- Perdão... Eu julgava... A carta não é dela?
- Escute!
- Estou escutando! – exclamou Maigret, de costas para o fogo.

Sua mão esgueirou-se na cartucheira do revólver. Precisava de um segundo para apontar. Sorria, mas nesse sorriso transparecia uma concentração levada ao paroxismo.

– E então? Não falei que estou escutando...

E o letão, pegando uma garrafa de uísque, articulou, cerrando os dentes:

– Que se dane...

Encheu um copo, engoliu-o de um trago e, com uma gota de álcool rebrilhando no queixo, olhou para Maigret com os olhos esbugalhados de Fiódor Iúrovitch.

Maigret nunca vira embriaguez tão fulminante. Tampouco vira, é verdade, um homem engolir de um trago um copo alto cheio de uísque, enchê-lo novamente, esvaziá-lo mais uma vez, enchê-lo pela terceira vez, sacudir a garrafa e enxugar até a última gota o álcool de sessenta graus.

O efeito foi impressionante. Pietr, o letão, ficou escarlate, depois, no instante seguinte, exangue. Apesar disso, subsistiam manchas vermelhas e irregulares nas faces. Seus lábios perderam a cor. Ele se apoiou no móvel do telefone, deu alguns passos cambaleantes e, com a desfaçatez do ébrio, o interpelou:

– Foi o senhor que pediu isso, certo?

E desatou numa gargalhada confusa, em que havia de tudo: medo, ironia, amargura, talvez desespero. Ao querer se apoiar numa cadeira, derrubou-a. Enxugou a testa úmida.

– Observe que, sozinho, o senhor não sairia dessa... Foi o acaso...

Maigret não se mexia. Sentia-se tão incomodado que chegou a pensar em dar um basta àquilo obrigando seu interlocutor a ingerir ou inalar algum remédio.

Assistia à mesma transformação da manhã, porém dez, cem vezes mais forte.

Pouco antes lidava com um homem senhor de si, uma inteligência aguda servida por uma vontade incomum...

Um cosmopolita e um erudito, de uma correção a toda prova.

E, num abrir e fechar de olhos, o que restava era apenas um feixe de nervos, uma marionete com os cordões descontrolados, a expressão percorrida por esgares, lívida, exibindo, no centro, olhos cor de carvão.

Ria! Porém, enquanto ria e se agitava sem propósito, espichava os ouvidos, curvando-se, como se espreitasse um barulho no andar de baixo.

Ora, embaixo, era o apartamento dos Mortimer.

– Foi um plano muito bem arquitetado! – exclamou, numa voz rouquíssima. – E o senhor não seria capaz de desmontá-lo! Só mesmo o acaso, ouça o que lhe digo, na realidade, uma série de acasos!

Esbarrou na parede e nela permaneceu recostado, fazendo uma careta, decerto devido à dor de cabeça provocada por aquela embriaguez artificial, que flertava com o envenenamento.

– Vamos... Tente me dizer, enquanto ainda é tempo, qual Pietr eu sou! Letão rima com bufão, não é mesmo?

Era ao mesmo tempo repulsivo e triste, cômico e odioso. E, à medida que os segundos passavam, aquela embriaguez galopante só fazia aumentar.

– Engraçado eles não terem vindo... Mas virão! E então... Vamos... Adivinhe! Qual Pietr?

Mudando subitamente de posição, agarrou a cabeça com as mãos e seu rosto traiu um sofrimento físico.

– O senhor nunca compreenderá... A história de dois Pietr... Não deixa de lembrar a história de Caim e Abel... O senhor deve ser católico... em nosso país, somos protestantes e vivemos com a Bíblia... Mas não adianta... Quanto a mim, tenho certeza de que Caim era um rapaz bonzinho, sem segundas intenções... Já aquele Abel...

Passos ressoaram no corredor. A porta se abriu.

O próprio Maigret ficou tão abalado que quase triturou o cachimbo nos dentes.

Pois era Mortimer quem entrava, num sobretudo com gola de pele, com o rosto afogueado do indivíduo que acaba de jantar nababescamente e em boa companhia.

Um leve eflúvio de licores e charutos pairava à sua volta.

Tão logo se viu na sala, sua expressão mudou e suas cores apagaram. Maigret observou uma dissimetria que, embora difícil de detectar, lhe conferia certa imprecisão à fisionomia.

Dava para notar que chegava de fora. Ainda subsistia um pouco de ar fresco nas pregas de suas roupas.

O espetáculo desenrolava-se de dois lados ao mesmo tempo. O comissário não podia ver tudo.

Olhava prioritariamente para o letão, que, vencida a primeira emoção, tentava recuperar a lucidez. Mas não havia mais tempo. A dose fora forte demais. Ele próprio sentia isso, agarrando-se ao fiapo de vontade que lhe restava.

Seu rosto se contorcia. Não devia estar enxergando as pessoas e objetos senão através de uma névoa deformante. Largando a mesa, deu um passo em falso e, por milagre, após curvar-se no limite extremo, recuperou o equilíbrio.

– Meu caro Mor... – começou.

Encontrou o olhar do comissário e, mudando a voz, articulou:

– Que se dane... Que se dane...

A porta bateu. Passos apressados se afastaram. Era Mortimer, que debandara. No mesmo instante, o letão caía numa poltrona.

Maigret precisou de um pulo para alcançar a porta. Ali, antes de se lançar, espreitou.

Mas, com a barulheira do hotel ao fundo, não era mais possível distinguir os passos do americano.

– Foi o senhor que pediu, eu falei... – gaguejou Pietr, que, com a língua pastosa, prosseguiu seu discurso num idioma desconhecido.

O comissário passou a chave na porta, atravessou o corredor e, precipitadamente, subiu a escada.

Alcançou o primeiro andar justo a tempo de deter uma mulher que fugia pelo corredor. Sentiu cheiro de pólvora.

Com a mão esquerda, apalpou as roupas da mulher. A direita abateu-se sobre seu pulso e, enquanto o disparo partia e a bala ia estilhaçar o vidro de um elevador, um revólver caiu no chão.

A mulher se debatia, demonstrando uma força fora do comum. O comissário não viu outro jeito de imobilizá-la senão torcendo-lhe o pulso. E ela caiu de joelhos,

sibilando:

– Covarde!

O hotel entrou em ebulição. Um vozerio incomum crescia em todos os corredores, reverberando em todos os desvãos.

A primeira pessoa que apareceu foi uma camareira em branco e preto que ergueu os braços e, apavorada, fugiu.

– Quiet! – ordenou Maigret, dirigindo-se não à criada, e sim à sua prisioneira.

Ambas se imobilizaram. A camareira gritou:

– Misericórdia! Não fiz nada...

Daí em diante o caos só fez aumentar. Pessoas chegavam de todos os lados ao mesmo tempo. O gerente gesticulava no centro de um grupo. Em outra direção, viam-se mulheres trajando longos, e, de tudo isso, emanava uma cacofonia.

Maigret tomou o partido de se abaixar e passar as algemas em sua prisioneira, que não era outra senão Anna Górskina. Ela se debateu. Na luta, rasgou o vestido e terminou de seios nus, magnífica, por sinal, com seus olhos chispantes e a boca repuxada.

– O quarto de Mortimer... – o comissário alertou o gerente.

Mas este último parecia uma barata tonta. E Maigret viu-se sozinho em meio a pessoas que, tomadas de pânico, se esbarravam, enquanto as mulheres, só faltava essa, gritavam, choravam ou batiam os pés no chão.

O apartamento da americana ficava a poucos passos. O policial não precisou abrir a porta, escancarada. Viu um corpo ensanguentado ainda se agitando no assoalho.

Então, correndo, alcançou o andar superior, bateu à porta que ele mesmo fechara à chave e, não ouvindo nada, arrebentou a fechadura.

O apartamento de Pietr, o letão, estava vazio!

A bolsa de viagem continuava no chão, junto à lareira, com o terno cinza jogado em cima, atravessado.

O ar gélido entrava pela janela aberta, que dava para um pátio com as dimensões de uma lareira, onde se viam os retângulos escuros de três portas.

Maigret desceu pesadamente, viu a turba mais calma. Havia localizado um médico entre os hóspedes. As mulheres, contudo, não se mostravam nem um pouco preocupadas – aliás, tampouco os homens! – com Mortimer, sobre quem o médico se debruçava.

Todos os olhares convergiam para a judia prostrada no corredor, as mãos unidas pelas algemas, a boca rancorosa, dirigindo palavrões e ameaças aos curiosos.

Seu chapéu escorregara da cabeça. As mechas luzidas de seus cabelos escorriam sobre o rosto.

Um funcionário da recepção saiu do elevador com vidro estilhaçado na companhia de um agente municipal.

– Mandé evacuar – ordenou Maigret.

Ouviu um protesto confuso às suas costas. Sozinho, ele parecia ocupar o corredor inteiro.

Pesado, cabeçudo, aproximou-se do corpo de Mortimer.

– E então?

O médico era um alemão que mal sabia francês e se lançou numa longa explicação,

misturando as duas línguas.

A parte inferior do rosto do bilionário simplesmente desaparecera. Não passava de uma grande ferida vermelha e chamuscada.

Ainda assim, a boca se abriu, boca que não era mais em absoluto uma boca e da qual, junto com sangue, saiu um fio de voz.

Ninguém compreendeu, nem Maigret nem o médico, professor na Universidade de Bonn, como se soube na sequência, e tampouco as duas ou três pessoas mais próximas.

Cinzas de charuto se espalhavam pelo sobretudo. Uma das mãos permanecia espalmada, com os dedos abertos.

– Morto...? – perguntou o comissário.

O médico fez um sinal negativo e ambos se calaram.

O vozerio se afastava no corredor. Passo a passo, o policial rechaçava os curiosos renitentes.

Os lábios de Mortimer aproximaram-se e voltaram a se abrir. O médico permaneceu imóvel por alguns segundos.

Em seguida, levantou-se e, como que se livrando de um fardo, concluiu:

– Agora morreu... Era difícil...

Alguém caminhara sobre uma aba do sobretudo, que exibia a marca nítida de uma sola.

No vão da porta aberta, o guarda, com suas insígnias prateadas, perfilou-se e observou um momento de silêncio.

– O que devo...?

– Ponha todo mundo para fora, sem exceção... – ordenou Maigret.

– A mulher está aos berros...

– Deixe-a berrar...

E foi postar-se em frente à lareira, onde não havia fogo.

Cada povo tem seu cheiro, execrado pelos outros povos. O comissário abria a janela e fumava desbragadamente, mas obscuros odores continuavam a incomodá-lo.

Estaria a pensão Roi de Sicile empestuada? Ou a rua? Os odores se faziam sentir tão logo o gerente de solidéu preto entreabria a janelinha do guichê. À medida que o elevador subia, tornava-se mais denso.

Parecia concentrar-se no quarto de Anna Górskina. Verdade que o cheiro de comida impregnava o ambiente. Salames flácidos, num cor-de-rosa feio, espetados com alho. Numa travessa, peixes fritos boiando num molho azedo.

Pontas de cigarros russos. Chá no fundo de meia dúzia de xícaras.

E lençóis de cama e roupa branca parecendo ainda quentes, bolores de quarto nunca arejado.

Foi no colchão, que ele descosturara, que Maigret localizou a sacola de pano cinza.

Dela haviam escapado algumas fotografias e um diploma.

Uma das fotografias mostrava uma rua em ladeira, com pedras pontiagudas, ladeada por velhas casas com frontões triangulares, como se veem na Holanda, mas caídas num branco chapado, no qual se desenhavam, precisas, as linhas pretas das janelas, portas e cornijas.

A casa em primeiro plano estampava, numa letra que lembrava ao mesmo tempo o gótico e o cirílico, os seguintes dizeres:

6

*Rütsep*

*Max Johansson*

*Tailor*

Era uma construção ampla. Uma viga saindo do frontão era dotada de uma polia, antigamente destinada a estocar o trigo no sótão. Na entrada, uma escada com seis degraus e corrimão de ferro.

No topo dessa escada, uma família rodeava um homem de uns quarenta anos, baixo, sorumbático e insípido – o alfaiate, com certeza –, o qual fazia expressão grave e indiferente.

Sua mulher, num engomadíssimo vestido de cetim, estava sentada numa cadeira esculpida. Sorria francamente para o fotógrafo, não obstante um ligeiro franzir dos

lábios para “parecer elegante”.

À sua frente, por fim, duas crianças dando-se as mãos. Eram dois meninos entre seis e oito anos, com as calças descendo até as canelas, meias pretas, golas de marinheiro brancas bordadas e penduricalhos nos pulsos.

Mesma idade! Mesma estatura! Uma semelhança impressionante entre eles e o alfaiate.

Impossível, porém, deixar de notar a diferença existente entre os dois temperamentos.

Um tinha a expressão decidida, fitando a câmera agressivamente, numa espécie de desafio.

O outro olhava para o irmão furtivamente. Olhava-o com fé, admiração.

Em baixo-relevo, lia-se o nome do fotógrafo: *K. Akel, em Pskov.*

A segunda fotografia era maior e mais expressiva. Fora tirada durante um banquete. Três mesas compridas, em perspectiva, atulhadas de pratos e garrafas, e, ao fundo, afixada numa parede cinza, uma panóplia composta de seis bandeiras, um escudo, cujos detalhes não se distinguiam direito, duas espadas cruzadas e uma trompa de caça.

Os comensais eram estudantes entre dezessete e vinte anos, todos portando, na cabeça, um barrete com viseira estreita, pespontado em prateado, cuja calota de veludo exibia aquele verde aguado apreciado pelos alemães e seus vizinhos do Norte.

Cabelos cortados rente à cabeça. A maioria das fisionomias tinha as feições bem delineadas.

Alguns sorriam francamente para a lente. Outros erguiam a caneca de cerveja, um modelo curioso, em madeira trabalhada. E havia aqueles que, por conta do magnésio, mantinham os olhos fechados.

No centro da mesa, bem à vista, erguia-se um quadro-negro, em que se lia:

*Irmandade Ugala  
Tartu*

Tratava-se de um desses grêmios estudantis existentes em todas as universidades do mundo.

Em pé, de frente para a panóplia, um dos jovens distinguia-se dos demais.

Primeiramente, tinha a cabeça descoberta, e seu crânio, inteiramente raspado, imprimia um relevo peculiar à fisionomia.

Enquanto a maioria de seus companheiros vestia terno, ele trajava um uniforme preto que, folgado nos ombros, tinha um caimento estranho. Sobre o colete branco, uma faixa larga no estilo do grão-cordão da Legião de Honra.

Eram as insígnias presidenciais.

Coisa curiosa, enquanto a maioria dos indivíduos se voltava para o fotógrafo, os mais tímidos olhavam instintivamente para o chefe.

E o que o contemplava com mais insistência era o seu sócia, sentado ao seu lado, espichando o pescoço para não perdê-lo de vista.

O estudante com a faixa e o estudante que o devorava com os olhos eram incontestavelmente os dois rebentos da casa de Pskov, filhos do alfaiate Johannson.

O diploma era em latim, sobre pergaminho, imitando documento antigo. Plagiando fórmulas arcaicas, sagrava um certo Hans Johannson, estudante de filosofia,

Companheiro da Irmandade Ugala.

E, à guisa de assinatura, lia-se: *O Grão-mestre da corporação, Pietr Johansson.*

Na mesma sacola de pano, havia um segundo maço atado com barbante, contendo, além de outras fotografias, diversas cartas escritas em russo.

As fotografias eram assinadas por um comerciante de Vilna. Uma delas mostrava uma judia na casa dos cinquenta anos, gorda, antipática, cheia de pérolas feito reliquia de igreja.

Ao primeiro relance, notavam-se feições que lembravam Anna Górskina. Outro retrato, aliás, mostrava a própria moça, com aproximadamente dezesseis anos, usando uma touca de arminho.

Quanto às cartas, traziam a razão social em três línguas:

*Efraim Górskin  
Peles no atacado  
Especialidade em peles reais da Sibéria  
Vilna-Varsóvia*

Maigret não era capaz de traduzir o texto manuscrito. Observou apenas que uma frase, presente em diversas cartas, se achava vigorosamente sublinhada.

Meteu aqueles documentos no bolso e, por desencargo de consciência, fez uma última vistoria no local.

Como fazia tempo que o cômodo era habitado pela mesma pessoa, já perdera seu anonimato de quarto de hotel.

Era possível ler, nos mais ínfimos objetos, nas manchas do papel de parede e até mesmo da roupa branca, toda a história de Anna Górskina.

Fios de cabelo espalhavam-se por todos os cantos, grossos e viscosos, de tipo asiático.

Centenas de pontas de cigarro. No chão, caixas e pedaços de biscoito. Um pote de gengibre. Uma grande lata de conservas, contendo os restos de um ganso marinado, marca polonesa. Caviar.

Vodka, uísque e um pequeno recipiente, que Maigret cheirou e no qual restava um refugo de ópio não preparado, em folhas prensadas.

Meia hora mais tarde, na Chefatura, traduziram-lhe as cartas e ele retivera frases do tipo:

*... As pernas da sua mãe estão cada vez mais inchadas...*

*... Sua mãe gostaria de saber se os seus tornozelos continuam inchando quando você anda muito, pois ela acha que você tem a mesma doença que ela...*

*... Estamos razoavelmente tranquilos, embora a questão de Vilna não esteja acertada. Estamos encurralados entre lituanos e poloneses... Que por sua vez detestam os israelitas...*

*... Poderia se informar sobre o sr. Levassor, Rue d'Hauteville 65, que me encomendou algumas peles, mas não me fornece referências bancárias?*

*... Quando terminar seus estudos, case-se e entre no comércio. Sua mãe não tem mais nenhuma serventia para mim...*

*... Sua mãe não sai mais da poltrona... Seu temperamento está ficando impossível... É hora de você voltar...*

*... O filho de Goldstein, que chegou tem quinze dias, falou que você não se matriculou na Universidade de Paris. Respondi que isso era mentira e...*

*... Tivemos que fazer punções em sua mãe, que...*

*... Você foi vista em Paris na companhia de maus elementos. Quero saber o que está acontecendo...*

*... Recebo, de novo, más notícias a seu respeito. Assim que a loja permitir, irei verificar pessoalmente...*

*... Se não fosse a sua mãe, que não quer ficar sozinha e o médico condenou, eu iria buscá-la imediatamente. Ordene que volte...*

*... Estou mandando quinhentos zlotys pelo seu trem...*

*... Se não voltar dentro de um mês, considere-se amaldiçoada...*

Voltava então o assunto das pernas da mãe. Depois, o relato, feito por um estudante judeu, que retornara a Vilna, sobre a vida da moça em Paris.

*... Se você não voltar imediatamente, tudo está terminado entre nós...*

Por fim, uma última carta.

*... Como conseguiu sobreviver este ano, sem o meu dinheiro? Sua mãe está desconsolada. E é a mim que ela culpa por tudo que acontece...*

O comissário Maigret não sorriu uma única vez. Guardou os documentos em sua gaveta, que fechou à chave, e, após redigir alguns telegramas, dirigiu-se ao pátio do Dépôt.

Anna Górskina passara a noite na cela comum.

No fim, porém, o comissário determinara sua transferência para uma cela individual, da qual primeiro abriu a portinhola. Anna Górskina, sentada num banquinho alto, sem um tremor, voltou lentamente a cabeça para a porta e, com uma cara de desprezo, encarou Maigret.

Ele entrou e, por um bom tempo, observou-a em silêncio. Sabia que era inútil bancar o esperto, fazer perguntas capciosas, que eventualmente arrancam uma confissão involuntária.

Ela possuía suficiente sangue-frio para não cair nesse tipo de armadilha e o interrogador ainda corria o risco de se desmoralizar.

Limitou-se a balbuciar:

– Confessa?

– Nada!

– Continua a negar que matou Mortimer?

– Nego!

– Nega ter comprado um terno cinza para o seu cúmplice?

– Nego!

– Nega tê-lo despachado para o quarto dele no Majestic, junto com uma carta na qual lhe comunicava que ia matar Mortimer e marcava encontro com ele do lado de fora?

- Nego!
- O que fazia no Majestic?
- Procurava o quarto da sra. Goldstein.
- Não há hóspede com esse nome no hotel.
- Eu não sabia disso...
- E por que encontrei você fugindo com um revólver na mão?
- No corredor do primeiro andar, vi um homem atirando em alguém, depois deixando a arma cair no chão. Eu a recolhi com medo de que ele a usasse contra mim. Corri para avisar aos criados...
- Nunca tinha visto Mortimer?
- Não...
- Pois ele esteve na pensão Roi de Sicile.
- Há sessenta locatários na pensão.
- Não conhece Pietr, o letão, nem Oppenheim?
- Não...
- Isso não se sustenta!
- *Para mim, tanto faz!*
- Descobriremos a loja onde comprou o terno cinza.
- Vá em frente!
- Avisei seu pai, em Vilna...

Ela titubeou, para logo em seguida escarnecer:

- Se faz questão de incomodá-lo, mande junto o dinheiro da passagem, senão...

Maigret não perdia a linha, observando-a com uma curiosidade não isenta de certa simpatia. Que petulância!

A primeira vista, seu depoimento não tinha consistência. Os fatos pareciam falar por si mesmos.

Ora, é justamente nesses casos que, o mais das vezes, a polícia não consegue opor uma prova material às negativas do réu.

No caso em questão, elas simplesmente não existiam! O revólver era desconhecido dos negociantes de armas de Paris. Logo, nada provava que pertencia a Anna Górskina.

O fato de ela estar no Majestic no momento do crime? Entra-se e circula-se nos grandes hotéis como na via pública. Ela declarou estar à procura de alguém? A priori, não era impossível.

Ninguém a tinha visto atirar. Nada restava da carta queimada por Pietr, o letão.

Suposições? Nada mais fácil que reuni-las. O júri, contudo, não se baseia em suposições para condenar, já que, temendo o fantasma do erro judiciário sempre alegado pela defesa, desconfia das provas mais irrefutáveis.

Maigret arriscou sua última cartada.

- O letão foi visto em Fécamp...

Dessa vez, obteve o impacto. Anna Gróskina estremeceu. Porém, ruminando que ele mentia, recobrou a calma e recuou:

- E daí?

– Uma carta anônima, que estamos verificando, afirma que ele está escondido numa vila, na casa de um tal Swaan...

Ela ergueu para ele seus olhos escuros, que estavam graves, quase trágicos.

Maigret, que dirigira um olhar mecânico para os tornozelos de Anna Górskina, diagnosticou prontamente, confirmando os temores da mãe, uma hidropisia.

Seus cabelos, rarefeitos, deixando entrever o couro cabeludo, estavam desalinhados e o vestido, sujo.

Por fim, um buço escuro lhe escurecia o lábio superior.

Ainda assim, era bonita, de uma beleza vulgar, animal. Com as pupilas apontadas para o comissário, a boca desdenhosa, o corpo um pouco encoscorado, até mesmo compactado pelo instinto do perigo, ela grunhiu:

– Se sabe tudo isso, para que me interrogar?

Uma centelha acendeu em seus olhos e, com uma risada insultante, acrescentou:

– A menos que receie comprometê-la... É isso, não é? Ha! Ha! Pois estou me lixando... Uma estrangeira... Uma garota que vive ao deus-dará, no gueto... Ora, ela... Pois bem...

Movida pela paixão, ia falar. Maigret, percebendo que até seu interesse poderia assustá-la, buscava o indiferente, desviando o olhar.

– Pois bem! Nada... Ouviu? – ela então berrou. – Suma daqui! Me deixe em paz. Nada, eu lhe disse... Na-da!

E ela se atirou no chão num surto que, mesmo conhecendo por experiência esse tipo de mulher, era impossível prever.

Crise histórica! Ela estava desfigurada. Os membros se contorciam e arrepios profundos sacudiam seu corpo.

Bela um segundo antes, tornava-se hedionda, arrancando tufo de cabelo, alheia à dor.

Maigret não piscou. Era a centésima crise do gênero que via. Pegou no chão uma moringa d'água. Estava vazia.

Chamou um guarda.

– Encha, depressa...

Dali a pouco, ele despejava água fria diretamente no corpo da judia, que, arfante, entreabriu os lábios com sofreguidão, fitou-o sem reconhecê-lo e, no fim, perdeu a consciência.

De tempos em tempos, um arrepio ainda lhe percorria a epiderme.

Maigret arriou a cama, presa na parede segundo as normas, ajeitou o colchonete, fino feito uma fatia de pão, e, com esforço, soergueu Anna Górskina.

Fez tudo isso sem sombra de ressentimento, com uma delicadeza de que o julgariam incapaz; em seguida, desceu o vestido por sobre os joelhos da infeliz, tomou-lhe o pulso e, em pé à sua cabeceira, examinou-a demoradamente.

Vista assim, tinha o rosto cansado de uma mulher de trinta e cinco anos. Na testa, por exemplo, viam-se finas marcas de expressão, antes imperceptíveis.

As mãos, em contrapartida, lisas e com as unhas borradas com esmalte barato, tinham uma forma delicada.

Encheu um cachimbo, com gestos lentos do indicador, parecendo não saber direito o que fazer. Por alguns instantes, andou pela cela, cuja porta permanecera aberta.

De repente, aturdido, duvidando dos próprios sentidos, voltou-se.

A coberta acabava de ser puxada e cobria o rosto de Anna Górskina. Esta, da cabeça aos pés, não passava de uma massa informe sob um pano cinza e feio.

E essa massa se agitava, num ritmo espasmódico. Prestando atenção, percebiam-se soluços contidos.

Maigret saiu sem fazer barulho, fechou a porta, passou em frente ao carcereiro e, após percorrer dez metros, fez meia-volta.

– Peça as refeições dela na Brasserie Dauphine! – determinou, num tom ríspido.

Maigret leu-os em voz alta para o juiz de instrução Comélieu, que parecia descontente.

O primeiro era uma resposta da sra. Mortimer-Levingston ao telegrama que lhe comunicava o assassinato do marido.

– *Berlim. Hotel Modern. Doente, febre alta, impossível viajar. Stones fará necessário.*

Maigret sorriu com amargura.

– Percebe? Em contrapartida, eis o despacho da Wilhelm-strasse. Está em *polcod*. Traduzo:

*“Sra. Mortimer chegou de avião, hospedou-se hotel Modern, Berlim, onde encontrou telegrama Paris ao retornar teatro. Foi para cama e mandou chamar médico americano Pelgrad. Doutor entrincheira-se atrás do sigilo profissional. Convém impor visita especialista? Funcionário hotel não observou nenhum sintoma.*

“Como vê, sr. Comélieu, essa senhora abre mão de ser interrogada pela polícia francesa. Veja bem, não estou afirmando que ela seja cúmplice do marido. Ao contrário. Estou convencido de que ele lhe escondia noventa e nove por cento de suas falcatuas. Mortimer não era homem que se abrisse com uma mulher, ainda mais a sua. A única coisa que depõe contra ela é um bilhete que ela mandou, certa noite, para o Pickwick’s Bar, para um dançarino profissional que o Instituto Médico-Legal conserva no gelo... Talvez tenha sido a única ocasião em que, compelida pela necessidade, Mortimer a tenha usado...”

– E Stones? – indagou o magistrado.

– Principal secretário de Mortimer. Fazia a ponte entre o chefe e os diferentes negócios que este empreendia. No momento do crime, estava em Londres fazendo uma semana. Hospedado no hotel Victoria. Tomei a decisão de não avisá-lo. Por desencargo, telefonei para a Scotland Yard a fim de que garantissem a sua segurança. Cumpre ressaltar que, quando a polícia inglesa se apresentou no Victoria, a morte de Mortimer não era conhecida na Inglaterra, a não ser nas redações de jornais. Seja como for, o pássaro tinha batido as asas... Stones, pouco antes da chegada dos inspetores, fogira...

O juiz deixava um olhar lúgubre vagar pelo monte de cartas e telegramas que atulhavam sua mesa.

A morte de um bilionário é um episódio que mexe com milhares de pessoas. E o fato de Mortimer ter morrido de morte violenta alarmava todos que tinham negócios com ele.

– Acha necessário lançar o boato de crime passionai? – indagou o sr. Comélieu, sem convicção.

– Julgo prudente. Caso contrário, o pânico na Bolsa levará à falência diversas empresas honradas, a começar por casas francesas em que Mortimer vem injetando dinheiro.

– Evidentemente, mas...

– Espere! A embaixada dos Estados Unidos exigirá provas... E o senhor não as tem! Eu tampouco...

O juiz limpou as lentes dos óculos.

– De modo que...

– Nada! Aguardo informações de Dufour, que se encontra em Fécamp desde ontem... Deixe que façam um belo enterro para Mortimer... Que importância isso pode ter? Haverá discursos, delegações oficiais...

O magistrado vinha observando Maigret com certa curiosidade.

– O senhor está com uma cara estranha... – deixou escapar.

O comissário sorriu e, afetando um tom confidencial, confessou:

– Morfina!

– Hein?

– Não se assuste! Ainda não me vicié! Uma espetadela no peito... Os médicos querem retirar duas vértebras, afirmam ser absolutamente necessário... Mas que mão de obra! Terei que dar entrada em uma clínica, ficar de molho não sei quantas semanas... Pedi sessenta horas de trégua... Tudo o que arrisco, parece, é uma terceira costela... Duas a mais que Adão! Pronto! Por favor, não dramatize o senhor também... Vê-se que não discutiu o problema com o professor Cochet, homem que vasculhou as entranhas de quase todos os reis e poderosos deste mundo... Ele lhe diria, como a mim, que milhares de pessoas vivem com montes de coisas a menos no corpo...

“O primeiro-ministro da Tchecoslováquia, por exemplo... Cochet arrancou-lhe um rim... Eu vi... Ele me mostrou tudo, pulmões, estômagos... E os proprietários, espalhados pelo mundo, vão tocando suas vidinhas...”

Consultou a hora no relógio de pulso e gaguejou consigo mesmo:

– Maldito Dufour...

E o seu semblante recuperou a gravidade. A fumaça do cachimbo azulara o gabinete do juiz. Ali, Maigret sentia-se em casa, acomodado num canto do escritório.

– Acho melhor eu mesmo dar um pulo em Fécamp! – suspirou. – Há um trem saindo daqui a uma hora...

– Caso sinistro! – concluiu o sr. Comélieu, largando o dossiê.

O comissário estava mergulhado na contemplação da fumaça que o aureolava. O silêncio só era perturbado, ou melhor, escandido, pelo fagulhar de seu cachimbo.

– Olhe esta fotografia! – disse, subitamente.

Era a de Pskov que ele estendia, com o frontão branco da casa do alfaiate, a polia sob o telhado, a escada de seis degraus da entrada, a mãe sentada, o pai fazendo pose, os dois guris com a gola de marinheiro bordada.

– Isso é na Rússia! Precisei consultar um atlas. Pertinho do Báltico! Nessa zona, há uma penca de países minúsculos: a Estônia, a Letônia, a Lituânia... E, garroteando-os, a

Polônia e a Rússia. As fronteiras não chegam a coincidir com as populações. De aldeia para aldeia, às vezes a língua muda. E, como se não bastasse, temos os judeus, que, embora espalhados por toda parte, formam um povo autônomo. Acrescente a isso os comunistas! Há luta nas fronteiras! Há os exércitos de nacionalistas radicais... As pessoas se alimentam dos pinheiros das florestas. Os pobres são mais pobres do que em outras plagas. Morre-se de fome e frio.

“Intelectuais defendem a cultura alemã, outros, a cultura eslava, outros, por fim, a terra natal e os antigos dialetos...”

“Há camponeses com cara de lapões ou calmuços, além de grandes diabos louros, isso sem falar em toda uma mestiçagem de judeus que comem alho e matam os animais de uma maneira esquisita...”

Maigret pegou a fotografia de volta das mãos do juiz, que a observara sem grande interesse.

– Meninos estranhos! – foi sua única observação.

Devolvendo-a ao magistrado, o comissário indagou:

– Seria capaz de dizer qual dos dois eu procuro?

Ainda faltavam quarenta e cinco minutos para a partida do trem. O sr. Comélieu examinou alternadamente o menino que parecia desafiar a lente e o irmão que dela se desviava como se lhe pedisse conselho.

– Fotografias desse tipo são terrivelmente eloquentes! – continuou Maigret. – Fico me perguntando como os pais e professores que as viram não pressentiram na mesma hora o destino dos personagens.

“Observe bem o pai... Foi morto durante uma noite de motins, quando nacionalistas e comunistas se engalfinhavam nas ruas... Ele não era nem uma coisa nem outra... Saíra de casa para comprar pão... Obtive essa informação, pelo maior dos acasos, do dono da pensão Roi de Sicile, que é originário de Pskov...”

“A mãe ainda vive, continua a morar na casa. Aos domingos, veste o traje típico, com a touca alta caindo nas laterais do rosto...”

“Os meninos...”

Interrompeu-se.

– Mortimer – prosseguiu num outro tom – nasceu numa fazenda de Ohio e começou vendendo cadarços em San Francisco. Anna Górskina, originária de Odessa, passou a juventude em Vilna. A sra. Mortimer, por fim, é uma escocesa que, ainda criança, emigrou para a Flórida.

“Tudo isso está instalado à sombra de Notre-Dame-de-Paris, e meu pai era guarda-caça de um dos domínios mais antigos do Loire.”

Voltou a consultar a hora e apontou para a imagem do menino que fitava o irmão com admiração.

– Agora preciso pôr as mãos neste guri aqui!

Bateu o cachimbo na gaveta do carvão, reabastecendo quase que mecanicamente a estufa.

Instantes depois, limpando seus óculos de aros de ouro, o juiz Comélieu comentava com o escrivão:

– Não achou nada estranho no Maigret? Ele me pareceu... como dizer... um pouco nervoso... um pouco...

Procurou em vão a palavra e explodiu:

– Que diabos esses estrangeiros vêm fazer na nossa casa?

Depois disso, pegando novamente com um gesto brusco o dossiê Mortimer, ditou:

– Tome nota: *Ano, mil novecentos...*

Se o inspetor Dufour escolheu a mesma reentrância em que Maigret aguardara a saída do homem de capa de chuva numa manhã de temporal, é porque só havia esse refúgio na ladeira, a qual, após dar acesso a algumas vilas assentadas no flanco do penhasco, se transformava numa trilha e terminava por se extinguir no capim rasteiro.

Dufour usava polainas pretas, um impermeável curto com martingale e um quepe de marinheiro, adotado por todos em Fécamp e que ele devia ter comprado assim que chegara.

– Então... – indagou Maigret, aproximando-se na penumbra.

– Tudo certo, chefe.

O comissário estranhou.

– Como assim, tudo certo?

– O homem não entrou nem saiu... Se chegou antes de mim a Fécamp e está na vila, continua lá...

– Conte-me o que aconteceu.

– Ontem de manhã, nada! A empregada foi ao mercado. À noite, o agente Bornier me rendeu. Ninguém entrou ou saiu durante a noite. Às dez horas, as luzes se apagaram...

– Depois?

– Hoje de manhã, voltei ao meu posto. Bornier foi descansar... Ele virá me substituir... Às nove, como na véspera, a empregada foi ao mercado... Há meia hora, a jovem dama saiu... Não demora a voltar... Suponho que tenha ido visitar alguém...

Maigret não disse nada. Alguma coisa não lhe cheirava bem naquela vigia. Mas quantos homens seriam necessários para uma vigilância rigorosa?

Só para montar guarda na vila, três espias não seria um exagero. Acrescentemos um policial nos calcanhais da empregada e outro atrás da “jovem dama”, como dizia Dufour.

– Ela saiu faz meia hora?

– Exatamente... Pronto! Lá vem o Bornier... É minha vez de comer... Só tive tempo para um sanduíche, meus pés estão dormentes...

– Vá...

O agente Bornier, que era bem jovem, dava seus primeiros passos na Brigada Móvel.

– Encontrei a sra. Swaan... – disse.

– Onde? Quando?

– No cais... Agorinha mesmo... Ia em direção ao píer...

– Sozinha?

– Sozinha... Quase fui atrás dela... Depois lembrei que Dufour estava à minha espera... O píer não leva a lugar nenhum, ela não pode ir muito longe...

– O que ela vestia?

– Um casaco escuro... Não prestei atenção...

– Devo segui-la? – perguntou Dufour.

– Já falei...

– Se houver alguma coisa, vocês me avisam, o.k.? É só tocar três vezes seguidas na

campanha da porta do hotel...

Era idiota! Maigret mal escutava. Ordenou a Bornier:

– Não saia daqui...

E pôs-se a caminho da vila Swaan, onde quase arrancou a campanha do portão. Percebeu luz ao rés do chão, no cômodo que devia ser a sala de jantar.

Cinco minutos depois, como ninguém aparecera, ele transpôs o muro, que era baixo, alcançou a porta e bateu com o punho.

Uma voz assustada gemeu no interior:

– Quem é?

Ao mesmo tempo, gritos de crianças.

– Polícial! Abra...

Uma hesitação. Tropel.

– Abra imediatamente!

Era um corredor escuro. Ao entrar, Maigret distinguiu, na penumbra, a mancha formada pelo avental da empregada.

– A sra. Swaan, por favor?

Nesse momento, uma porta se abriu e ele se viu diante da mesma garotinha que observara por ocasião da primeira visita.

A criada não se mexia. Com as costas grudadas na parede, era uma estátua de medo.

– Quem foi encontrar hoje de manhã?

– Juro, senhor agente...

Desfazia-se em lágrimas.

– Juro... eu...

– O sr. Swaan?

– Não! Eu... Era... o... cunhado da patroa... Ele me pediu que lhe entregasse uma carta...

– Onde ele estava?

– Defronte do açougue... Estava à minha espera...

– Ele já a havia encarregado de missões desse tipo?

– Não... Nunca... Eu não me encontrava com ele fora daqui.

– E sabe onde ele marcou encontro com a sra. Swaan?

– Não sei de nada... A patroa passou o dia muito nervosa... Também me fez perguntas... Queria saber como ele estava... Falei a verdade, que parecia um homem prestes a cometer uma loucura... Senti inclusive medo quando ele se aproximou.

Maigret saiu bruscamente, deixando a porta aberta.

Recém-efetivado, o agente Bornie ficou atônito ao ver o chefe passar feito um corisco à sua frente, quase o derrubando e deixando aberta a porta da vila.

Chamou duas vezes:

– Comissário! Comissário!

Maigret não se voltou. Só diminuiu o ritmo um pouco adiante; ao chegar à Rue d'Étretat, por onde alguns pedestres circulavam, virou à direita, patinhou na lama do cais e, apertando novamente o passo, investiu rumo ao píer.

Não percorrera cem metros nessa direção quando avistou um vulto de mulher. Corrigiu a rota para aproximar-se. Uma chalupa descarregava, com uma lamparina a óleo pendurada nos ovéns.

Fez uma pausa, permitindo assim que a mulher alcançasse o círculo luminoso, e viu o rosto convulsionado da sra. Swaan. Com olhos vítreos, ela caminhava célere, tortuosamente, como se desviando de charcos e só por milagre os evitando.

O comissário cogitou abordá-la, dando inclusive alguns passos com esse intuito. À sua frente, contudo, estendia-se o píer deserto, longa linha negra na penumbra, e, de ambos os lados, a espuma das ondas.

Foi nessa direção que avançou. Depois da chalupa, não havia viva alma. As luzes verde e vermelha da eclusa esburacavam a noite. De quinze em quinze segundos, o farol, assentado nos rochedos, iluminava uma grande porção de mar, lançando seu facho, no lapso de um relâmpago, no penhasco íngreme, que nascia e morria, espectral.

Maigret tropeçou nos pinos de amarração e, borrifado pela rebentação, atravessou a passarela sustentada por pilastras.

Seus olhos tentavam penetrar a escuridão. Ouviu a sirene de uma embarcação pedindo autorização para deixar a eclusa.

À sua frente, o mar, indistinto e atordoante. Atrás, a cidade, suas lojas, seu calçamento encardido.

Ele caminhava rápido, detendo-se aqui e ali, observando à sua volta, numa angústia crescente.

Não conhecia o terreno e, querendo cortar caminho, fez um desvio. A passarela sobre as pilastras o levou ao pé de um semáforo, no qual havia três círculos pretos, que ele contou sem se dar conta.

Mais adiante, debruçou-se num parapeito que dava para grandes tanques de espuma branca, os quais se estendiam por entre as cabeças de rochas.

Seu chapéu voou. Foi atrás dele, mas não conseguiu impedi-lo de cair no mar.

Gaivotas emitiam pios lancinantes e uma asa branca às vezes se abria no céu.

A sra. Swaan não encontrara ninguém no local estipulado? Seu companheiro tivera tempo de debandar? Estaria morto?

Maigret estava indócil, convencido de que era tudo uma questão de segundos.

Alcançou o sinal verde e contornou os apoios de ferro que o sustentavam.

Ninguém! E as ondas, sem descanso, atacavam o quebra-mar a prumo, rebentando e refluindo num amplo ralo esbranquiçado, para ganhar novo impulso e voltar à carga.

Um rangido intermitente de cascalho se chocando e erodindo. O prédio indistinto do cassino, vazio.

Maigret procurava um homem!

Fez meia-volta, vagou pela praia, por entre pedras, no escuro, iguais a monstruosas batatas.

Estava na mesma altura das ondas. A rebentação fustigava seu rosto.

Notou então que a maré baixava e que o píer era cercado por um cinturão de rochas escuras, entre as quais a água vinha borbulhar.

Foi um milagre ter percebido o homem. À primeira vista, pareceu-lhe uma coisa inanimada, sombra indistinta entre sombras.

Observou atentamente. Estava sobre a última rocha, no ponto em que as ondas erguiam sua crista mais orgulhosa antes de estourar em poeira líquida.

Havia alguma coisa viva...

Para chegar lá, Maigret foi obrigado a esgueirar-se por entre as pilastras que sustentavam a passarela atravessada minutos antes.

Algas cobriam a pedra. As solas do sapato escorregavam. Pressentia-se um rumorejo profuso, como se a fuga de centenas de caranguejos, o estouro de bolhas de ar ou bagas marinhas, e o frêmito imperceptível de mariscos incrustados até meia altura da armação de madeira.

Maigret pisou em falso e sua perna afundou até o joelho numa poça d'água.

Ele não via mais o homem, mas estava na direção certa.

O outro devia ter tomado essa direção agora que a maré estava mais baixa, pois o comissário foi subitamente detido por uma grande poça de dois metros. Ele tateou o fundo com o pé direito, hesitando em avançar.

Afinal, ele subiu os arcobotantes das pilastras.

São em momentos assim que é melhor não ser visto. Esboçamos gestos para os quais não estamos preparados. Erramos inapelavelmente, como um acrobata ruim. Mas avançamos, por assim dizer, movidos pela força adquirida. Caímos e levantamos. Nós nos debatemos, sem charme e sem beleza.

Maigret cortou a bochecha e depois ele nunca conseguiu saber se foi caindo de cara nas pedras ou roçando num prego enfiado nas tábuas.

Olhou de novo para o homem e duvidou dos próprios sentidos, de tal forma ele se encontrava imóvel, lembrando uma pedra que, de longe, ganhasse forma humana.

Ao chegar a certa distância, a água encharcou suas pernas. Ele não era marujo.

Avançou com uma pressa involuntária.

Finalmente, alcançou o aglomerado de rochas em que o homem estava instalado. Achava-se um metro acima dele. A uma distância de dez ou quinze passos.

Sem cogitar sacar o revólver, caminhou na ponta dos pés, na medida em que o terreno permitia, e fez rolar uma das pedras, cujo barulho se confundiu com o da vazante.

Em seguida, subitamente e sem pestanejar, saltou sobre o vulto congelado, aplicou-lhe uma chave de pescoço e o derrubou para trás.

Os dois homens quase escorregaram e foram engolidos por uma onda que, mais forte que as demais, rebentava naquele ponto. Se não aconteceu, foi puro acaso.

Se repetisse dez vezes aquela tentativa, fracassaria nas dez.

O homem, que não vira seu agressor, debatia-se feito uma enguia. Com a cabeça imobilizada, agitava o corpo inteiro com uma elasticidade que, naquele ambiente, ganhava proporções sobre-humanas.

Maigret não queria esganá-lo. Tentava imobilizá-lo, só isso, e a ponta de um dos seus pés se apoiava na última pilastra. Esse pé sustentava a ambos.

A resistência do adversário teve curta duração. Fora apenas uma reação espontânea, animal.

Tão logo se viu em condições de refletir, ou, em todo caso, tão logo reconheceu Maigret, cuja cabeça roçava seu rosto, imobilizou-se.

Batendo as pálpebras, sinalizou que se rendia e, quando teve a garganta liberada, apontou vagamente para a massa tumultuosa do oceano, gaguejando, numa voz ainda falha:

– Cuidado...

– Deseja conversar, Hans Johannson? – perguntou Maigret, com as unhas enfiadas nas algas viscosas.

Mais tarde admitiria que, nesse instante preciso, o sujeito, com um simples pontapé, poderia atirá-lo no âmago das ondas furiosas.

Não foi senão um segundo, mas do qual Johannson, encarapitado próximo à primeira pilastra, não se aproveitou.

Em seguida, ambos, sem uma palavra, fizeram o caminho no sentido inverso. A maré subira. A dois passos da praia, viram-se bloqueados pela mesma poça que detivera o comissário e se tornara mais profunda.

O letão foi o primeiro a entrar. Após avançar três metros, sumiu na água, chafurdou, cuspiu e terminou por emergir até a cintura.

Maigret adiantou-se. Houve um momento em que fechou os olhos, julgando-se sem forças para manter na superfície o corpo tão pesado.

Encharcados, gotejantes, os dois homens alcançaram os seixos da praia.

– Ela falou? – perguntou o letão, num fio de voz em que não havia mais nada, em todo caso nada capaz de prender um homem à vida.

Maigret tinha o direito de mentir.

Preferiu declarar:

– Não falou nada... Mas eu sei...

Impossível permanecerem ali. O vento transformava suas roupas molhadas numa espécie de compressa de gelo. O letão foi o primeiro a bater os dentes. Ao luar difuso, Maigret constatou que seus lábios estavam azuis.

Raspara o bigode. Era a primeira inquieta de Fiódor Iúrovitch, do garotinho de Pskov que devorava o irmão com os olhos. As pupilas, contudo, embora no mesmo cinza

sujo, estavam uma fixidez cruel.

Ao se voltarem três quartos para a direita, os dois homens avistaram o penhasco, salpicado por dois ou três pontos luminosos: as vilas, entre elas a da sra. Swaan.

E, a cada passagem do pincel do farol, entrevia-se o telhado que a abrigava, junto com as duas crianças e a empregada assustada.

– Venha... – disse Maigret.

– Para o comissariado?

A voz era resignada, ou melhor, indiferente.

– Não...

Ele conhecia um hotel no porto, o Chez Léon, onde notara uma entrada reservada aos raros banhistas que passam o verão em Fécamp. Essa porta se abria para um aposento que, na alta temporada, era transformado em sala de jantar pretensamente luxuosa.

No inverno, os pescadores se limitavam a beber e comer ostras e arenques na saleta do café.

Foi essa porta que Maigret empurrou. Atravessou o cômodo escuro com seu companheiro e desembocou na cozinha, onde uma servente assustada deu um gritinho.

– Chame o seu patrão...

Ela gritou, sem se mexer:

– Sr. Léon! Sr. Léon!

– Um quarto... – disse o policial, quando o sr. Léon apareceu.

– Sr. Maigret! Mas o senhor está ensopado... Será que...

– Um quarto, depressa!

– Não há lareira nos quartos... E uma chaleira nunca será suficiente para...

– Tem dois roupões?

– Naturalmente... Os meus... mas...

Ele era três cabeças mais baixo que o comissário!

– Traga!

Subiram uma escada íngreme, com relevos extravagantes. O quarto estava limpo. O próprio sr. Léon fechou as janelas, oferecendo:

– Um grogue, hein? E forte!

– Isso mesmo... Antes de tudo, os roupões...

Pois o frio voltara a piorar a situação de Maigret. Sentia o lado perfurado do peito como se fosse um bloco de gelo.

Entre seu companheiro e ele reinou momentaneamente uma intimidade de dormitório. Despiram-se à vista um do outro. O sr. Léon passou o braço com dois roupões pela porta entreaberta.

– Dê-me o maior! – disse o policial.

E o letão os comparou.

No momento em que estendia a peça de roupa para Maigret, percebeu o curativo ensopado e um tique nervoso agitou seu rosto.

– É grave?

– Duas ou três vértebras que vou tirar um dia desses...

Essas palavras foram seguidas de um silêncio. O sr. León, atrás da porta, irrompeu,

gritando:

– Deu certo?

– Entre!

O roupão de Maigret parava nos joelhos, deixando ver fortes e peludas panturrilhas.

O letão, por sua vez, magro e pálido, com seus cabelos louros e tornozelos de mulher, exibiu, nessa indumentária, uma elegância de palhaço.

– Os grogues estão a caminho! Querem que eu seque suas roupas, pois não?

E o sr. Léon, recolhendo as duas trouxas moles e gotejantes, gritou, do alto da escada:

– E então, Henriette? Esses grogues...?

Virou-se então para recomendar:

– Não falem muito alto... Há um comerciante do Havre hospedado no quarto ao lado... Vai pegar o trem às cinco da manhã...

Talvez seja exagero afirmar que, no curso de muitos inquéritos, brotam relações cordiais entre a polícia e aquele cujas confissões ela está encarregada de arrancar.

Quase sempre, no entanto, a menos que se trate de um facínora sinistro, uma espécie de intimidade se estabelece. Sem dúvida isso se deve ao fato de, durante semanas, às vezes meses, policial e malfeitor terem se preocupado exclusivamente um com o outro.

O investigador obstina-se em penetrar mais fundo na vida pregressa do réu, tentando reconstituir seus pensamentos e antever seus mais ínfimos reflexos.

Ambos apostam suas peles nesse jogo. E, quando se encontram, é em circunstâncias dramáticas o bastante para diluir a indiferença polida que preside as relações entre homens na vida cotidiana.

Houve casos de inspetores que, depois de pelejarem para prender determinado malfeitor, se tomaram de amores por ele, visitando-o na prisão e apoiando-o moralmente até o cadafalso.

Isso explica em parte a atitude dos dois homens quando se viram a sós no quarto. O hotelheiro trouxera um braseiro de carvão de lenha e a água apitava na chaleira. Ao lado, entre dois copos e um açucareiro, erigia-se uma grande garrafa de rum.

Ambos tiritavam. Encolhidos em seus roupões emprestados, debruçavam-se sobre o braseiro, pequeno demais para aquecê-los.

Em sua postura, havia um marasmo de delegacia, de caserna, uma displicência que não vigora senão entre homens para quem as contingências sociais estão momentaneamente suspensas.

Seria simples consequência do frio? Ou o cansaço abatendo-se ao mesmo tempo sobre os dois?

Estava terminado! Não precisavam falar para constatar.

Desabaram então cada um em uma cadeira, esticaram as mãos para a chaleira e olharam vagamente para aquele braseiro esmaltado em azul que lhes servia de traço de união. Foi o letão que pegou a garrafa de rum e, com gestos precisos, preparou os grogues.

Após beber uns goles, Maigret indagou:

– Queria matá-la?

A resposta veio instantânea, pronunciada com a mesma simplicidade.

– Não consegui.

Mas o rosto do homem pareceu esgarçar-se, convulsionado por tiques que não lhe davam trégua.

Ora eram as pálpebras inquietas que batiam seguidamente, ora os lábios que repuxavam numa ou noutra direção, ora as narinas que franziam.

A fisionomia espontânea e inteligente de Pietr diluía-se.

Era o russo que prevalecia, o vagabundo com nervos à flor da pele, cujos gestos Maigret desdenhou observar.

\* \* \*

Não notou, portanto, que a mão do homem arrebatava a garrafa de rum. Encheu o copo e, com os olhos faiscantes, esvaziou-o de um trago.

– Pietr era casado com ela? Ele e Olaf Swann eram uma única pessoa, certo?

Não se aguentando no lugar, o letão levantou-se, procurou cigarros à sua volta e, não encontrando, pareceu sofrer com isso. Ao passar próximo à mesa em que repousava o braseiro, reabasteceu o copo.

– Não é por aí que devemos começar! – exclamou.

E encarou seu interlocutor:

– Afinal, o senhor sabe tudo ou quase tudo?

– Os dois irmãos de Pskov... Gêmeos, suponho? Você é Hans, o que contemplava o outro com admiração e subserviência...

– Quando éramos crianças, ele já se divertia me tratando como se eu fosse um criado... E não somente quando estávamos sozinhos, na frente dos colegas também... Ele não falava criado: falava escravo... Notara que aquilo me dava prazer... Pois aquilo me dava prazer, ainda hoje me dá, não sei por quê... Eu não enxergava senão através dele... Teria morrido por ele... Mais tarde, quando...

– Quando...?

Trejeitos. Batimentos de cílios. Talagada de rum.

Ombros sacudindo, como que dizendo: “Afinal de contas...”.

E, com uma voz contida:

– Mais tarde, quando amei uma mulher, acho que essa devoção diminuiu... Sem dúvida! Eu amava Pietr como... não sei... Partia para cima dos colegas que se negavam a aceitar sua superioridade e, sendo mais fraco, era espancado com uma espécie de satisfação.

– Essa dominação é comum nos gêmeos – observou Maigret, preparando um segundo grogue. – Com licença, por favor...

Foi até a porta e gritou para León subir o cachimbo, que ficara em suas roupas, e fumo também. O letão interveio:

– Para mim, cigarros, por favor...

– E cigarros, patrão... Gauloises, os da caixinha azul!

Sentou novamente. Ambos esperaram em silêncio que a empregada trouxesse os itens e se retirasse.

– Vocês estudavam juntos na Universidade de Tartu... – continuou Maigret.

O outro não conseguia nem sentar nem permanecer no lugar. Fumava o cigarro mordendo-o, cuspiu fiapos de fumo, caminhava aos trancos, apanhava um vaso na lareira, mudava-o de lugar, falava num frenesi crescente.

– Foi por essa época que a coisa começou, precisamente! Meu irmão era um aluno

mais brilhante do que eu. Era o queridinho dos professores. Os colegas sentiam-se humilhados pelo seu prestígio. A ponto de ele, mesmo estando entre os mais jovens, ter sido eleito presidente da Ugala.

“Bebia-se muita cerveja nas tabernas. Eu, principalmente! Não sei por quê, comecei a beber muito cedo. Não tinha motivo! Enfim, sempre bebi.

“Na verdade, acho que, depois de alguns copos, eu imaginava um mundo do meu jeito, no qual me cabia um papel soberbo...

“Pietr era duríssimo comigo. Me chamava de ‘russo sujo’. O senhor não pode entender. Nossa avó materna era russa. E, onde morávamos, os russos, sobretudo após a guerra, passavam por preguiçosos, beberrões, sonhadores.

“Foi por essa época que estouraram os motins, fomentados pelos comunistas. Meu irmão assumiu o comando da irmandade Ugala. Foram buscar armas num quartel e travaram combates no meio da cidade.

“Quanto a mim, entrei em pânico... Não era culpa minha... Era medo o que eu sentia... Nem andar eu conseguia... Instalei-me numa taberna, cujas persianas foram arriadas, e bebi o tempo todo que a coisa durou...

“Achava que o meu destino era ser um grande dramaturgo, como Tchêkhov, cujas obras sabia de cor. Pietr ria...

“‘Você... Nunca passará de um perdedor!’, eram suas palavras.

“Foi um ano de distúrbios, motins, vida desregrada. O exército não era suficiente para manter a ordem, os moradores formavam milícias para defender a cidade.

“Meu irmão, líder dos Ugala, passou a ser um personagem que as pessoas mais graves levavam a sério. Ainda não tinha bigode e já se falava dele como de um futuro homem de Estado da Estônia livre.

“Contudo, restabelecida a ordem, veio à tona um escândalo que convinha abafar. Efetuadas as contas, constatou-se que Pietr usava a Ugala primordialmente para fazer fortuna.

“Membro de diversos comitês, ele fraudara toda a contabilidade.

“Foi obrigado a deixar o país e ir para Berlim, de onde me escreveu para que eu fosse ao seu encontro.

“Foi nesse momento que nós dois começamos.”

Maigret observava o rosto superexcitado do letão.

– Quem fazia as falsificações?

– Pietr me ensinou a imitar qualquer tipo de letra e me matriculou num curso de química... Eu morava num cubículo e ele me pagava duzentos marcos por mês... Semanas depois, comprava um automóvel para levar suas amantes a passeio...

“Falsificávamos cheques, principalmente... De um cheque de dez marcos, eu fazia um de dez mil, que Pietr escoava na Suíça, Holanda e, até mesmo, uma vez, na Espanha...

“Eu bebia muito. Ele me desprezava, maltratava. Um dia, quase foi parar na prisão por conta de uma falsificação menos bem-sucedida que as outras.

“Ele me moeu de bengaladas...”

“E eu me calei! Continuava a admirá-lo... Não sei por quê... Aliás, ele se impunha a todos... Houve uma época em que, se quisesse, poderia ter se casado com a filha de um ministro do Reich...”

“Em consequência do cheque fracassado, fomos obrigados a mudar para a França, onde primeiramente morei na Rue de l'École-de-Médecine...

“Pietr não trabalhava mais sozinho. Associara-se a diversas quadrilhas internacionais... viajava muito para o estrangeiro e me usava cada vez menos... Só eventualmente, para uma ou outra falsificação, pois eu me tornara exímio nessa arte...

“Ele me dava uns trocados.

“‘Você só serve para beber, russo sujo!’, repetia.

“Um dia, ele veio me dizer que estava de partida para os Estados Unidos, para um golpe colossal, que o deixaria bilionário. Ordenou que eu me instalasse no interior, uma vez que, em Paris, a polícia dos estrangeiros já me interperalra mais de uma vez.

“‘A única coisa que eu peço é para você não abrir o bico...’ Não é muito, hein?”

“Ao mesmo tempo, me encomendou uma série de passaportes falsos, que forneci.

“Fui para o Havre...”

– Lá, conheceu aquela que veio a ser a sra. Swaan...

– Ela se chamava Berthe...

Um silêncio. O pomo de adão do letão virou uma bola.

Terminou por explodir:

– Que vontade de ser *alguma* coisa, então... Ela era caixa da pensão onde eu morava... Me via chegar bêbado diariamente... E me reprendia...

“Era muito jovem, porém séria. Para mim, evocava lar, filhos...

“Uma noite, enquanto ela me passava uma lição de moral e eu não estava demasiado bêbado, chorei em seus braços e jurei, acho, ser outro homem.

“Penso que teria cumprido a palavra. Tudo me enojava! Estava cheio daquela vida de vadiagem...”

“Isso durou cerca de um mês... Veja! É estúpido! Aos domingos, assistíamos a concertos ao ar livre, os dois... Estávamos no outono... voltávamos pelo porto, onde admirávamos os barcos...

“Não falávamos de amor... Ela dizia ser minha amiga... Mas eu sabia perfeitamente que um dia...”

“Ah, sim... Um dia, meu irmão voltou... Precisava de mim imediatamente... Trazia uma maleta cheia de cheques para falsificar... Vá saber onde foram recolhidos... Havia de todos os grandes bancos do mundo...”

“Por circunstância, tornara-se oficial de marinha, dizendo chamar-se Olaf Swaan...”

“Hospeda-se no meu hotel... Enquanto, semanas a fio – pois é um trabalho delicado! –, ele corre os portos da costa com a intenção de comprar embarcações...”

“Pois o seu novo negócio ia de vento em popa. Ele me explicou que se associara a um magnata americano, o qual, evidentemente, devia apenas ter um papel oculto na combinação.

“Tratava-se de juntar todas as grandes quadrilhas internacionais numa só mão.

“O acordo com os contrabandistas de bebidas estava firmado... Faltavam embarcações de pequena tonelagem para o contrabando...”

“Vale a pena contar o resto? Pietr me cortara o álcool, para me obrigar a trabalhar... Eu vivia fechado no quarto, com lupas de relojoeiro, ácidos, penas, tintas de todo tipo e até mesmo uma prensa portátil...”

“Um dia, entre bruscamente no quarto do meu irmão.

“Berthe estava em seus braços...”

Ele agarrou nervosamente a garrafa, que continha apenas a borra do líquido, e

sorveu num só gole.

– Fui embora! – concluiu, num tom bizarro. – Nunca mais fiz nada na vida. Fui embora... Peguei um trem. Vaguei dias e dias por todos os bistrôs de Paris... Fui parar na Rue du Roi-de-Sicile, completamente alcoolizado e à beira da morte!

– Tudo em mim inspira paixão às mulheres, e só. Quando acordei, uma judia cuidava de mim...

“Foi outra que meteu na cabeça me fazer parar de beber! Me tratou feito criança, igual à primeira...”

Riu. Seus olhos se turvaram. Era cansativo acompanhar todos os seus deslocamentos, todos os seus trejeitos.

– Com a diferença de que essa aguentou o tranco. Quanto a Pietr... Sem dúvida não é à toa que somos gêmeos e, bem ou mal, temos coisas em comum...

“Eu disse ao senhor que ele poderia ter se casado com uma alemã da alta roda... Pois bem, não! Casou-se com Berthe, pouco mais tarde, quando ela foi transferida e passou a trabalhar em Fécamp... Não lhe contou a verdade...”

“É compreensível... A necessidade, veja o senhor, de um cantinho seu, sossegado... “Teve filhos...”

Aquilo pareceu ser demais para ele! A voz extinguiu-se. Lágrimas de verdade surgiram em seus olhos, as quais, entretanto, logo secaram, como se as pálpebras estivessem em brasa.

– Ainda hoje de manhã ela se julgava casada com um capitão de longo curso...

“De tempos em tempos ele vinha passar dois dias ou um mês com ela, com as crianças...”

“Nesse ínterim, eu fazia de tudo para me livrar da outra... Anna...”

“Dou um doce a quem disser por que ela me amava... Mas me amava, é fora de questão...”

“E eu a tratava como fora tratado a vida inteira pelo meu irmão... Xingava-a... Humilhava-a o tempo todo...”

“Quando me embriagava, ela chorava... E eu bebia *de propósito!*

“Tomei inclusive ópio e um monte de porcarias... *De propósito!*

“Então eu caía doente e ela cuidava de mim durante semanas... Pois isso termina por destruir...”

Apontou o corpo com repulsa. Suplicou:

– Não quer pedir alguma coisa para beber?

Maigret hesitou um segundo, se tanto, e, da porta, gritou:

– Rum!

O letão não agradeceu.

– De vez em quando eu fugia, ia para Fécamp, rondava a vila onde Berthe se instalara... Eu a via empurrando o carrinho do seu primeiro bebê...

“Devido à nossa semelhança, Pietr acabou sendo obrigado a lhe contar que eu era seu irmão...”

“Um dia, tive uma ideia... Quando éramos crianças, era tão grande a minha admiração por Pietr que eu já fazia de tudo para imitar suas atitudes...”

“Em suma, eu estava tão transtornado que um dia me vesti como ele, fui até lá...”

“A empregada não notou nada... Porém, quando eu estava prestes a entrar, o guri chegou e gritou:

“‘Papai...’

“Eu não passo de um imbecil! Fugi! Mas aquilo me ficou na cabeça...”

“De tempos em tempos, Pietr marcava um encontro... Precisava de falsificações...”

“Eu as fazia! Por quê?”

“Odiava-o, mas cedia mesmo assim...”

“Ele manipulava milhões, frequentava hotéis de luxo, salões...”

“Foi pego duas vezes, nas duas se safou...”

“Nunca me envolvi com a organização dele, mas penso que deve imaginá-la como eu. Enquanto ele agiu sozinho, ou com um punhado de cúmplices, só tentou golpes de médio porte...”

“Mortimer, no entanto, a quem conheci apenas recentemente, observou-o... Meu irmão possuía habilidade, audácia, o gênio, eu diria... O outro entrava com a fachada e uma sólida reputação no mundo inteiro...”

“O trabalho de Pietr consistia em reunir os grandes estelionatários sob sua liderança e planejar os golpes.

“Mortimer era o banqueiro do negócio...”

“Eu me lixava para tudo isso... Como dizia o meu irmão, quando eu ainda não passava de um estudante em Tartu, eu era um perdedor... E, como todos os perdedores, bebia, indo de um período de abatimento a outro de exaltação...”

“Uma única boia flutuava, ainda me pergunto por quê, em meio a todos esses ciclones, sem dúvida porque foi a única vez na vida que vislumbrei uma felicidade possível: Berthe...”

“Fiz a besteira de ir lá mês passado... Berthe me veio com conselhos... E acrescentou:

“‘Por que não segue o exemplo do seu irmão?’

“Tive então um lampejo. Não entendo como não pensei nisso antes...”

“Eu podia ser o próprio Pietr quando bem me aprouvesse!

“Dias depois, ele me informava de sua chegada à França, dizendo que precisaria dos meus serviços.

“Fui esperá-lo em Bruxelas. Embarquei no trem na direção oposta e me escondi atrás das malas até o momento em que o vi levantar-se para ir ao lavabo. Eu estava lá antes dele.

“Matei-o! Acabava de retornar um litro de genebra belga. O mais difícil foi despi-lo, enfiar-lhe minhas roupas...”

Bebeu gulosamente, com uma sofreguidão que Maigret jamais imaginara.

– Por ocasião de nossa primeira entrevista, no Majestic, Mortimer desconfiou de

alguma coisa?

– Acho que sim. Mas era uma suspeita vaga. Naquele momento, eu só tinha uma coisa na cabeça: rever Berthe...

“Pretendia confessar-lhe a verdade... Não sentia remorso propriamente dito, mas era incapaz de usufruir do meu crime... No baú de Pietr, havia roupas de tudo que é tipo... Assumi o disfarce de vagabundo, estou acostumado... Saí do hotel pelos fundos... Percebi que Mortimer me seguia e, por duas horas, manobrei para despistá-lo...

“Em seguida, embarquei num ônibus com destino a Fécamp...

“Berthe não entendeu nada quando cheguei... E eu, uma vez diante dela, que me interrogava, perdera a coragem de me acusar!

“O senhor chegou... eu o vi pela janela... Falei a Berthe que estava sendo perseguido por furto e pedi que me salvasse.

“Quando o senhor foi embora, ela me disse:

“‘Agora vá! Você desonra a casa do seu irmão...’

“Sem tirar nem pôr! Foram suas palavras! E me afastei! E regressamos a Paris, o senhor e eu...

“Reencontrei Anna... Uma cena, naturalmente...! Lágrimas...! À meia-noite, Mortimer chegava e, dessa vez tendo compreendido tudo, me ameaçou de morte se eu não assumisse definitivamente o lugar de Pietr...

“Para ele, isso era uma questão capital... Pietr era o seu único elo com as quadrilhas... Nas suas próprias palavras, ele não tinha autoridade sobre elas...

“Majestic, de novo... E o senhor atrás de mim! Eu ouvia falar de um inspetor morto... Via o senhor todo empertigado em sua capa...

“Nunca terá noção do asco que a vida me dava...

“Só de pensar que estava condenado a representar o papel do meu irmão para sempre...

“Lembra-se daquele barzinho? E da fotografia que o senhor deixou cair?

“Quando Mortimer esteve na pensão Roi de Sicile, Anna havia protestado... Sentia-se lesada na combinação... Pressentia que o meu novo papel me afastaria dela...

“No meu quarto no Majestic, à noite, encontrei um embrulho e uma carta...

“Um terno cinza comprado pronto e um bilhete de Anna me comunicando que ia matar Mortimer e marcando encontro com o senhor em algum lugar...”

A fumaça adensara a atmosfera, agora aquecida. Os contornos dos objetos perdiam definição.

– Você veio para cá a fim de matar Berthe... – articulou Maigret.

Seu interlocutor bebia. Esvaziou o copo e respondeu, agarrando-se na lareira:

– Para acabar com todo mundo! E eu junto... Estava cheio, de tudo! E uma ideia, uma daquelas que meu irmão chamava de ideias de russo, germinou dentro de mim... Morrer com Berthe, nos braços um do outro...

Interrompeu-se, alterando a voz:

– Que idiota! Só um litro de aguardente para fazer alguém ter ideia tão estapafúrdia... Havia um policial à porta... Eu estava sóbrio... Fiquei à espreita... Hoje de manhã, entreguei à empregada um bilhete marcando um encontro com a minha cunhada no pier e enfatizando que, se ela não me trouxesse pessoalmente um pouco de dinheiro, eu seria preso...

“Uma baixeza, não é mesmo?”

“Ela veio...”

Então, inesperadamente, com os dois cotovelos sobre o mármore da lareira, ele rebentou em soluços não de homem, mas de criança. Atropelando as palavras, contou:

– Não tive coragem... Estávamos no escuro... O mar parecia rugir... Seu semblante inquieto... Conteí tudo! Tudo! O assassinato também! Sim, com a troca das roupas no lavabo minúsculo... Então, ao ver a sua expressão de louca, jurei que não era verdade... Calma lá... O crime, não! Mas que Pietr fosse uma canalha... Gritei que inventara aquilo para me vingar... Ela pareceu acreditar... *Acredita-se sempre nessas coisas...* Ela deixou a bolsa com o dinheiro cair no chão. Disse... Não! Não conseguiu dizer nada...”

Ergueu a cabeça, voltou para Maigret o rosto transtornado, tentou andar, mas cambaleou e foi obrigado a se agarrar na lareira.

– Passe-me a garrafa, senhor!

E nesse “senhor” havia uma afeição áspera.

– Ei... Me passe aquela fotografia... O senhor sabe...

Maigret tirou do bolso o retrato de Berthe. Foi o único erro que cometeu nesse caso: o de acreditar que, naquele instante, a moça dominava os pensamentos de Hans...

– Não... A outra...

A que trazia os dois meninos com a gola de marinheiro bordada...!

O letão examinou-a feito um alucinado. Embora a visse invertida, o comissário percebia a admiração do menino mais louro pelo irmão.

– Eles levaram o meu revólver junto com o terno! – disse subitamente Hans, numa voz neutra, sem sotaque, olhando à sua volta.

Maigret ficou escarlate. Meio sem jeito, apontou a cama, onde o seu se encontrava.

O letão afastou-se então da lareira. Não cambaleava mais. Parecia recorrer às suas últimas energias.

Passou a menos de um metro do comissário. Estavam ambos de roupão. Havia dividido as garrafas de rum.

Viam-se ainda as duas cadeiras face a face, separadas pelo braseiro de carvão de lenha.

Seus olhares se cruzaram. Maigret não teve coragem de desviar a cabeça. Esperava um momento de trégua.

Hans, entretanto, passou impávido por ele e foi sentar-se na beirada da cama, cujas molas rangeram.

Restava pouca bebida na segunda garrafa. O comissário adiantou-se. O gargalo tilintou no copo.

Bebeu lentamente. Ou será que apenas fingia beber? Não respirava.

No fim, uma detonação. Engoliu de um trago o conteúdo do copo.

Em linguagem administrativa, isso foi traduzido nos seguintes termos:

*Em... de novembro de 19... às dez horas da noite, Hans Johannson, indivíduo nascido em Pskov, Rússia, súdito estoniano, sem profissão, domiciliado em Paris, à Rue du Roi-*

*de-Sicile, após se haver reconhecido culpado do assassinato de seu irmão Pietr Johannson, cometido no trem dito Estrela do Norte, em... de novembro do mesmo ano, suicidou-se com um tiro na boca pouco após sua prisão, em Fécamp, pelo comissário Maigret, da primeira Brigada Móvel.*

*O projétil, calibre 6 mm, atravessando a abóboda palatal, alojou-se no cérebro. A morte foi instantânea.*

*O corpo foi encaminhado, para todos os fins úteis, ao Instituto Médico-Legal, que procedeu à sua liberação.*

Os enfermeiros partiram, não sem antes a sra. Maigret os regalar com um copo de licor de ameixa, que ela mesma preparava, quando, no verão, passava as férias em sua aldeia natal da Alsácia.

Fechada a porta, enquanto os passos morriam na escada, ela esgueirou-se no quarto, forrado com papel de buquês de rosas.

Com sinais de cansaço, uma risca acentuando as olheiras, Maigret estava deitado na ampla cama, dominada por um edredom de seda vermelha.

– Machucaram você? – interrogou a mulher, enquanto arrumava o aposento.

– Não muito...

– Consegue comer?

– Um pouco...

– E pensar que você foi operado pelo mesmo cirurgião dos reis, de gente como Clemenceau, Courteline...

Ela abriu a janela para bater um tapetinho no qual um enfermeiro deixara marcas de sapatos. Em seguida, foi até a cozinha, mudou uma panela de lugar e retirou a tampa para colocá-la atravessada.

– Agora, fale, Maigret... – disse, ao voltar.

– O quê? – ele perguntou.

– Acredita nessa história de crime passional, logo você?

– Do que está falando?

– Da judia, Anna Górskina, que será julgada hoje. Uma mulher da Rue du Roi-de-Sicile, que afirma que amava Mortimer e que o matou por ciúmes...

– Ah! É hoje?

– Isso não faz o menor sentido...

– Convenhamos, a vida é tão complicada... Precisa subir o meu travesseiro...

– Ela não será absolvida?

– Absolvem tantas!

– É como eu digo... Ela não estaria metida no seu caso?

– Vagamente... – ele suspirou.

A sra. Maigret deu de ombros.

– Vale muito a pena ser mulher de um membro da Polícia Judiciária!

Mas ela falava com um sorriso nos lábios.

– Quando acontece alguma coisa – ela acrescentou –, é pela zeladora que fico

sabendo... Ela tem um sobrinho jornalista...

Maigret também sorriu.

Antes da cirurgia, fora por duas vezes visitar Anna no presídio de Saint-Lazare.

Na primeira vez, ela lhe arranhara o rosto.

Na segunda, dera-lhe pistas que levaram à prisão, no dia seguinte, de Pepito Moretto, assassino de Torrence e José Latourie, numa pensão de Bagnolet.

Dias e dias sem novidades! De tempos em tempos, um telefonema ligeiramente inquietante, sabe-se lá vindo de onde, então, uma bela manhã, Maigret arrastando-se como se no fim das forças, deixando-se cair na poltrona e balbuciando:

– Chame o médico...

Contente, ela trotava pelo apartamento, fingindo resmungar por mera formalidade, mexia a comida crepitante na panela, agitava baldes d'água, abria e fechava as janelas e, de vez em quando, informava-se:

– Um cachimbo?

Da última vez, não houve resposta.

Maigret dormia, metade do corpo esmagada pelo edredom vermelho, a cabeça enfiada no gordo travesseiro de plumas, enquanto, em torno de seu rosto em repouso, flutuavam todos aqueles ruídos familiares.

No Palais de Justice, Anna Górskina defendia sua cabeça.

Na Santé, num cubículo de segurança máxima, sob os olhares taciturnos do carcereiro, cujo rosto era quadriculado pela grade da janelinha, Pepito Moretto sabia a sorte reservada à sua vida e girava em círculos.

Em Pskov, uma anciã, com a touca nacional caída sobre o rosto, devia estar a caminho da igreja, deslizando sobre a neve em seu trenó, cujo cocheiro bêbado chicoteava o pônei articulado feito um brinquedo.

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited  
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm  
MAIGRET ® Georges Simenon Limited  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*Pietr le Letton*

Capa  
*Alceu Chiesorin Nunes*

Preparação  
*Leny Cordeiro*

Revisão  
*Huendel Viana*  
*Renata Lopes Del Nero*

ISBN 978-85-8086-992-7

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)